

Oh Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós. Amém

Paulo Coelho

# ONZE MINUTOS

*Apareceu certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. Ela, sabendo que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume. A mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos, cobria-os de beijos e os ungiu com perfume. Vendo isso, o fariseu que havia convidado Jesus ficou pensando: "se esse homem fosse mesmo um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora."*

*Jesus disse então ao fariseu: "Simão, tenho uma coisa para dizer a você."*

*Simão respondeu: "Fala, mestre."*

*"Certo credor tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e outro lhe devia cinquenta. Como não tivessem com que pagar, o homem perdoou os dois. Qual deles o amará mais?"*

*Simão respondeu: "acho que é aquele a quem ele perdoou mais."*

*Jesus lhe disse: "você julgou certo."*

*Então Jesus voltou-se para a mulher, e disse a Simão:*

*"Está vendo esta mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar-me os pés, ela, porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. Você não me deu o beijo de saudação, ela porém, desde que entrei, não parou de beijar meus pés. Você não derramou óleo na minha cabeça, ela porém, ungiu os meus pés com perfume. Por isso eu declaro a você que os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela amou muito. Aquele que foi perdoado de pouco, demonstra que pouco amou".*

**Lucas, 7, 37-47**

## DEDICATORIA

No dia 29 de maio de 2002, horas antes de eu colocar um ponto final neste livro, fui até a Gruta de Lourdes, na França, para encher alguns galões na fonte de água milagrosa que ali se encontra. Já dentro do terreno da catedral, um senhor de aproximadamente 70 anos me disse: “sabe que você parece com o Paulo Coelho”? Eu disse que era o próprio. O homem me abraçou, me apresentou a sua esposa e sua neta. Falou da importância de meus livros em sua vida, concluindo: “eles me fazem sonhar.” *respondo*

Já escutei esta frase várias vezes, e ela sempre me deixa contente. Naquele momento, entretanto, fiquei muito assustado – porque sabia que “Onze Minutos” falava de um assunto delicado, contundente, chocante. Caminhei até a fonte, enchi os galões, voltei, perguntei onde morava (no norte da França, perto da Bélgica) e anotei o seu nome.

Este livro é dedicado a você, Maurice Gravelines. Tenho uma obrigação com o senhor, com sua mulher, com sua neta, e comigo; falar daquilo que me preocupa, e não do que todos gostariam de escutar. Alguns livros nos fazem sonhar, outros nos trazem a realidade, mas nenhum pode fugir daquilo que é mais importante para um autor: a honestidade com o que escreve.

Era uma vez uma prostituta chamada Maria.

Um momento. "Era uma vez" é a melhor maneira de começar uma história para crianças, enquanto "prostituta" é para adultos. Como posso escrever um livro com esta aparente contradição inicial? Mas enfim, como a cada instante de nossas vidas temos um pé no conto de fadas e o outro no abismo, vamos manter este início:

Era uma vez uma prostituta chamada Maria.

Como todas as prostitutas, tinha nascido virgem e inocente, e durante a sua adolescência sonhara com encontrar o homem de sua vida (rico, bonito, inteligente), casar (vestida de noiva), ter dois filhos ( que seriam famosos quando crescessem), viver em uma linda casa (com vista para o mar). Seu pai era lavrador, sua mãe costureira, sua cidade no interior do Brasil tinha apenas um cinema, uma boate, uma agencia bancária, *e por cause disso* ~~mas mesmo assim~~ Maria não deixava de esperar o dia em que seu príncipe encantado chegaria sem aviso, arrebataria seu coração, e partiria com ele para conquistar o mundo.

5

Mas enquanto isso não acontecia, só lhe restava sonhar com a promessa de ~~um~~ grande e eterno amor. Apaixonou-se pela primeira vez aos 11 anos, enquanto ~~caminhava~~ <sup>ia à re</sup> de sua casa até a escola primária local. No primeiro dia de aula, descobriu que não estava sozinha em seu trajeto: ~~encontrou-se~~ <sup>Junto com ele</sup> ~~caminhava~~ com um garoto que vivia na vizinhança, e ~~que~~ freqüentava aulas no mesmo horário. Os dois nunca trocaram uma só palavra, mas Maria começou a notar que a parte que mais lhe agradava no dia era aqueles momentos na estrada cheia de poeira, <sup>o sol a pino,</sup> o menino andando rápido, enquanto ela se ~~esforçava~~ <sup>exauria no esforço</sup> para acompanhar-lhe os passos. [ A cena se repetiu por vários meses; ~~e~~ Maria, que detestava estudar e não tinha outra distração na vida exceto a televisão, passou a torcer para que o dia passasse rápido, aguardando com ansiedade cada ida para a escola e, ao contrário do resto das ~~crianças,~~ <sup>meninos de sua idade</sup> achando aborrecidíssimos os finais de semana. Já que as horas de uma criança demoram muito mais que as de um adulto, ela sofria muito, ~~e~~ achava os dias longos demais / porque lhe davam apenas dez minutos com o amor de sua vida, e milhares de outras horas para ficar pensando nele, ~~e~~ imaginando como seria bom ~~que~~ <sup>se</sup> pudessem conversar.

Então aconteceu. [ Certa manhã, o garoto veio até ela, pedindo um lápis emprestado. Maria não respondeu, demonstrou um certo ar de irritação por aquela abordagem

6

inesperada, e apressou o passo. Tinha ficado petrificada de medo ao vê-lo andando em sua direção, tinha pavor de que soubesse quanto o amava, o quanto esperava por ele, como sonhava em pegar sua mão, passar diante do portão da escola, e seguir a estrada ate ~~no~~ <sup>Seu</sup> final, onde - diziam - encontrava-se uma grande cidade, personagens de novela, artistas, carros, muitos cinemas, e um sem-fim de coisas boas para se fazer.

Durante o resto do dia não conseguiu concentrar-se na aula, sofrendo com seu comportamento, <sup>(absurdo,</sup> mas ao mesmo tempo aliviada, porque sabia que o menino também a havia notado, e o lápis não passava de um pretexto para iniciar uma conversa, <sup>FOI</sup> ~~já que no momento em que se encontravam~~ <sup>quando se aproximou</sup> ela notara uma caneta em seu bolso. Ficou aguardando a próxima vez, e durante aquela noite - e as noites que se seguiram - ela passou a imaginar as muitas respostas que lhe daria, até encontrar a maneira certa de começar uma história que não terminasse jamais.

Mas não houve uma próxima vez; embora continuassem a ir juntos para a escola, com Maria as vezes alguns passos na frente ~~/~~ segurando um lápis em sua mão direita, outras vezes andando atrás para poder contempla-lo com ternura - ele nunca mais lhe dirigiu qualquer palavra, e ela teve que

contentar-se em amar e sofrer silenciosamente até o final do ano letivo.

Durante as intermináveis férias que se seguiram, acordou certa manhã com as pernas banhadas em sangue, pensou que iria morrer; decidiu deixar uma carta para o menino dizendo que ele havia sido o grande amor da sua vida, e planejou embrenhar-se no sertão para ser devorada por um dos dois daqueles animais selvagens que aterrorizaram os

camponeses da região: o lobisomem ou a mula-sem-cabeça. Só assim os seus pais não sofreriam com sua morte, e o amor de

sua vida se lembraria dela para sempre, e culpando-se por não ter voltado e lhe dito a palavra

para o futuro  
ma que  
um dia  
reclamaria  
ao pai

Não chegou a escrever a carta, porque sua mãe

entrou no quarto, viu os lençóis vermelhos, sorriu, e disse

- Agora você é uma moça, minha filha.

Quis saber que relação havia entre o fato de ser moça e o sangue que corria, mas sua mãe não soube explicar direito, apenas afirmou que era normal, e que de agora em diante teria que usar uma espécie de travesseiro de boneca entre as pernas, durante quatro ou cinco dias por mês.

Perguntou se os homens usavam algum tubo para evitar que o sangue escorresse pelas calças, e soube que isso só acontecia com as mulheres.

Maria reclamou com Deus, mas terminou se acostumando com a menstruação. Entretanto, não conseguia

acostumar-se com a ausência do menino, e não parava de recriminar a si mesma pela atitude estúpida de sair correndo daquilo que mais desejava. Um dia antes das aulas recomeçarem, ela foi até a única igreja de sua cidade, e jurou à imagem de Santo Antonio que iria tomar a iniciativa de conversar com o garoto.

No dia seguinte, arrumou-se da melhor maneira possível, usando um vestido que a mãe costurara especialmente para a ocasião, e saiu - agradecendo a Deus pelas férias terem finalmente terminado. Mas o menino não apareceu. E assim se passou mais uma angustiante semana, até que soube, por alguns colegas, que ele havia se mudado de cidade.

- Foi para longe - disse alguém.

Neste momento, Maria aprendeu que certas coisas são perdidas para sempre. Aprendeu também que existia um lugar chamado "longe", que o mundo era vasto, sua aldeia pequena, e as pessoas mais interessantes sempre terminavam indo embora. Gostaria também de poder partir, mas ainda era muito jovem; mesmo assim, olhando as ruas empoeiradas ~~de sua~~ <sup>cidadezinha onde morava,</sup> ~~aldeia,~~ decidiu que um dia seguiria os passos do menino. Nas nove sexta-feiras que se seguiram, conforme um costume de sua ~~aldeia,~~ <sup>religiosas</sup> comungou e pediu a Virgem Maria que algum dia a tirasse dali.

Também sofreu por algum tempo, tentando inutilmente encontrar a pista do garoto, mas ninguém sabia para onde seus pais haviam se mudado. Maria então começou a achar o mundo grande demais, o amor algo muito perigoso, e a Virgem uma mulher que não ligava para o que as crianças pediam.

#  
#

Três anos se passaram, ela aprendeu geografia e matemática, começou a acompanhar as novelas na TV, leu na escola suas primeiras revistas pornográficas, e passou a escrever um diário falando da sua vida desinteressante, e da vontade que tinha de conhecer aquilo que lhe ensinavam na aula - oceano, neve, homens de turbante, mulheres elegantes e cobertas de jóias. Mas como ninguém pode viver de vontades impossíveis - principalmente quando a mãe é costureira e o pai trabalha na lavoura - logo entendeu que precisava prestar mais atenção ao que se passava a sua volta. Estudava para vencer, ao mesmo tempo em que procurava alguém com quem pudesse compartilhar seus sonhos de aventuras. Quando completou quinze anos, apaixonou-se por um rapaz que conheceu em uma procissão na Semana Santa.

Não repetiu o erro da infância: conversaram, ficaram amigos, passaram a ir ao cinema e as festas juntos. Também notou que, igual ao que havia acontecido com o menino, o amor estava mais associado à ausência que à presença da pessoa: vivia sentindo falta do rapaz, passava horas imaginando o que ia conversar no próximo encontro, e relembrava cada segundo que estiveram juntos, procurando descobrir o que tinha feito de certo ou errado. Gostava de

ver a si mesmo como uma moça experiente, que já deixara uma grande paixão escapar, sabia a dor que isso causava - e agora estava decidida a lutar com todas as suas forças por este homem, pelo casamento, que este seria o homem para o casamento, os filhos, a casa em frente ao mar. Foi conversar com a mãe, que implorou:

- Ainda é muito cedo, minha filha.

- Mas senhora casou-se com meu pai quando tinha 16 anos.

A mãe não queria explicar que fora por causa de uma gravidez inesperada, de modo que usou o argumento "os tempos são outros" , encerrando o assunto.

No dia seguinte, os dois foram caminhar por um campo nos arredores da cidade. Conversavam um pouco, Maria perguntou se ele não tinha vontade de viajar, mas ao invés de responder, ele a agarrou em seus braços, e lhe deu um beijo.

O primeiro beijo de sua vida! Como sonhara com aquele momento! E a paisagem era especial - as garças voando, o por-do sol, a região semi-árida com sua beleza agressiva, o som de uma música ao longe. Maria fingiu reagir contra o avanço, mas logo abraçou-o e repetiu aquilo que vira tantas vezes no cinema, nas revistas e na TV: esfregou com alguma violência os seus lábios nos ~~lábios~~ dele, mexendo a cabeça de um lado para o outro, em um movimento meio descontrolado.

ritmado, meio

Sentiu que, de vez em quando, a língua do rapaz tocava os seus dentes, e achou aquilo delicioso.

Mas ele parou de beijá-la de repente.

- Você não quer? - perguntou.

Que devia responder? Que queria? Claro que queria!  
 Mas uma mulher não deve expor-se desta maneira, principalmente para o seu futuro marido, ou ele ficará desconfiado de que <sup>o resto da vida</sup> ~~ela~~ <sup>ela</sup> aceita tudo com muita facilidade. Preferiu não dizer nada.

Ele abraçou-a de novo, <sup>repetindo</sup> ~~e repetiu~~ o gesto, desta vez com menos entusiasmo. Tornou a parar, vermelho - e Maria sabia que algo estava muito errado, mas tinha medo de perguntar. Pegou-o pelas mãos, e caminharam até a cidade, conversando sobre outros assuntos, como se nada tivesse acontecido.

Naquela noite, escolhendo algumas palavras difíceis porque achava que um dia tudo o que escrevera seria lido, e certa de que algo muito grave se passara, anotou no seu diário:

*Quando nos encontramos com  
 alguém ~~///~~ e nos apaixonamos, temos a  
 impressão de que todo o universo está de*

acordo; hoje eu vi isso acontecer no por-do-sol. Entretanto, se algo dá errado, não sobra nada! Nem as garças, nem a música ao longe, nem o sabor dos lábios dele. Como é que pode desaparecer tão rápido a beleza que ali estava há poucos minutos?

A vida é muito rápida; faz a gente ir do céu para o inferno em questões de segundos.

No dia seguinte foi conversar com as amigas. Todas viram quando ela saiu para passear com seu futuro "namorado" - afinal, não basta ter um grande amor, é preciso também fazer com que todos saibam que você é uma pessoa muito desejada. ~~o~~ <sup>E</sup> Estavam curiosíssimas para saber o que tinha acontecido. <sup>e</sup> Maria, cheia de si, disse que a melhor parte foi a língua que tocava nos seus dentes. Uma das garotas riu.

- Você não abriu a boca?

De repente, tudo ficava claro - a pergunta, a decepção.

- Para que?

- Para deixar que a língua entre.

- E qual é a diferença?

- Não tem explicação. É assim que se beija.

Risinhos escondidos, ares de suposta piedade, vingança comemorada entre as meninas que jamais tiveram um rapaz apaixonado. Maria fingiu que não dava importância, riu também - embora sua alma chorasse. Secretamente blasfemou contra o cinema, onde aprendera a fechar os olhos, segurar a cabeça do outro com a mão, mover o rosto um pouco para a esquerda, um pouco para a direita, mas que não mostrava o essencial, o mais importante. Elaborou uma explicação perfeita ( eu não quis entregar-me logo, porque não estava convencida, mas agora descobri que você é o homem da minha vida) e aguardou a próxima oportunidade.

Mas só viu o rapaz três dias depois, em uma festa no clube da cidade, segurando a mão de uma amiga sua - a mesma que <sup>havia lhe</sup> ~~tinha~~ perguntado sobre o beijo. Ela de novo fingiu que não tinha importância, agüentou até o final da noite ~~conversando~~ conversando com as companheiras sobre artistas e outros rapazes na cidade, fingindo ignorar alguns olhares piedosos que de vez em quando uma delas lhe lançava. Ao chegar em casa, porém, <sup>devoce que se</sup> ~~o seu~~ universo <sup>desabou,</sup> ~~ela~~ chorou a noite inteira, sofreu por oito meses seguidos, e <sup>concluiu</sup> ~~decidiu~~ que o amor não fora feito para ela, nem ela para o amor. A partir daí, passou a considerar a possibilidade de transformar-se em religiosa, dedicando o resto de sua vida a um tipo de amor

que não fere e não deixa marcas dolorosas no coração - o amor à Jesus. Na escola falavam de missionários que iam para a África, e ela decidiu que ali estava a saída de sua vida tão sem emoções. Fez planos para entrar no convento, aprendeu os primeiros-socorros (já que, segundo alguns professores, muita gente morria na África), dedicou-se com mais afinco às aulas de religião, e começou a imaginar-se como santa dos tempos modernos, salvando vidas e conhecendo as florestas onde habitavam tigres e leões.

~~##~~

Mas aquele ano, do seu décimo-quinto aniversário, não lhe reservara apenas a descoberta de que o beijo se dá com a boca aberta, ou de que o amor é sobretudo uma fonte de sofrimento. Descobriu uma terceira coisa: a masturbação. Foi quase por acaso, brincando com seu sexo enquanto esperava a mãe voltar para casa. Costumava fazer isso quando era criança, e gostava muito da sensação agradável - até que um dia seu pai a viu e lhe deu uma surra, sem ~~jamais~~ explicar o motivo. Mesmo assim, jamais esqueceu as pancadas, e aprendeu que não devia ficar tocando-se na frente dos outros; como não podia fazer isso no meio da rua, e como em sua casa não tinha um quarto só para ela, esqueceu-se da sensação agradável.

Até aquela tarde, quase seis meses depois do tal beijo. A mãe demorou, ela não tinha nada que fazer, o pai havia acabado de sair com um amigo, e na falta de um programa

interessante na televisão, começou a examinar seu corpo - na esperança de encontrar alguns cabelos indesejados, que logo seriam arrancados com uma pinça. Para sua surpresa, notou um pequeno caroço na parte superior da sua vagina; começou a brincar com ele, e já não conseguia mais parar; era cada vez mais gostoso, mais intenso, e todo o seu corpo - principalmente a parte que estava tocando - ia ficando rígido. Aos poucos começou a entrar uma espécie de paraíso, a sensação foi aumentando de intensidade, ela notou que já não enxergava ou escutava direito, tudo parecia ter ficado amarelo, até que gemeu de prazer e teve seu primeiro orgasmo consciente.

*Orgasmo!*

Foi como se tivesse subido até o céu, e agora descesse de pára-quedas, lentamente, para a terra. Seu corpo estava encharcado de suor, mas ela sentia-se completa, realizada, cheia de energia. Então, era aquilo o sexo! Que maravilha! Nada de revistas pornográficas, com todo mundo falando de prazer, mas fazendo cara de dor. Nada de precisar de homem, que gostavam do corpo mas desprezavam o coração de uma mulher. Podia fazer tudo sozinha! Repetiu uma segunda vez, agora imaginando que era um ator famoso que a tocava, e de novo foi até o paraíso e desceu de pára-quedas, *mais cheia ainda de energia.* Quando ia começar pela terceira vez, a mãe chegou.

Maria foi conversar com as amigas sobre sua nova descoberta, desta vez evitando dizer que experimentara pela primeira vez há poucas horas. Todas - com exceção de duas - sabiam do que se tratava, mas nenhuma deles havia ousado tocar no assunto em público. Foi o momento de Maria sentir-se revolucionária, líder do grupo, e inventando um absurdo "jogo ~~de confissões secretas~~ da verdade", pediu a cada uma que contasse a maneira preferida de masturbar-se. Aprendeu várias técnicas diferentes, como ficar debaixo do cobertor em pleno verão (porque, dizia uma delas, o suor ajudava), usar uma pena de ganso para tocar o local (ela não sabia o nome do local), deixar que um rapaz fizesse aquilo (para Maria isso parecia desnecessário), usar o chuveiro do bidê (não possuía um em sua casa, mas assim que visitasse uma das amigas ricas, iria experimentar).

De qualquer maneira, ao descobrir a masturbação, e depois de usar algumas das técnicas que tinham sido sugeridas pelas amigas, desistiu para sempre da vida religiosa. Aquilo lhe dava muito prazer - e pelo que insinuavam na igreja, o sexo era o maior dos pecados. Através das mesmas amigas, começou a ouvir lendas a respeito: a masturbação enchia o rosto de espinhas, podia levar à loucura, ou à gravidez. Mesmo assim, correndo todos estes riscos, continuou a se dar

prazer pelo menos uma vez por semana, geralmente nas quartas-feiras, quando seu pai saia para jogar baralho com os amigos.

Ao mesmo tempo, ficava cada vez mais insegura na sua relação com os homens - e com mais vontade de ir embora do lugar onde vivia. Apaixonou-se uma terceira, quarta vez, já sabia beijar, tocava e deixava-se tocar quando estava sozinha com os namorados - mas sempre algo acontecia de errado, e a relação terminava exatamente no momento em que ela possibilidade de passar o resto da vida com aquela pessoa. estava mais entregue. Depois de muito tempo, terminou concluindo que os homens apenas traziam dor, frustração, sofrimento, e a sensação que os dias se arrastavam. Certa tarde, quando estava no parque olhando uma mãe brincar com seu filho de dois anos, decidiu que podia até pensar em marido, filhos, e casa com vista para o mar, mas jamais tornaria a se apaixonar novamente - porque a paixão estragava tudo.

Abriu página

E assim se passaram os anos da adolescência de Maria. Foi ficando cada vez mais bonita, e por causa do seu ar misterioso e triste, ~~e~~ muitos homens se apresentaram. Saiu com um, com outro, sonhou e sofreu - apesar da promessa que havia feito de jamais apaixonar-se de novo. Em um destes encontros, perdeu a virgindade no banco de trás de um carro; ela e seu namorado estavam se tocando com mais ardor do que

de costume, o rapaz se entusiasmou, e ela - cansada de ser a última virgem do seu grupo de amigas - permitiu que ele a penetrasse. Ao contrário da masturbação, que a levava ao céu, aquilo apenas deixou-a dolorida, com um fio de sangue que manchou a saia, e custou a sair. Não teve a sensação mágica do primeiro beijo - as garças voando, o por-do-sol, a música... não, ela não queria <sup>mais</sup> lembrar aquilo.

Fez amor com o mesmo rapaz algumas outras vezes, depois de o ameaçar, porque ela o ameaçará, dizendo que seu pai era capaz de mata-lo se descobrisse que haviam violentado sua filha. Transformou-o em um instrumento de aprendizado, procurando de todas as maneiras entender onde estava o prazer do sexo com um parceiro.

Não entendeu; a masturbação dava muito menos trabalho, e muito mais recompensas. Mas todas as revistas, programas de TV, livros, amigas, tudo, ABSOLUTAMENTE TUDO dizia que um homem era importante. Maria começou a achar que devia ter algum problema sexual inconfessável, concentrou-se ainda mais nos estudos, e esqueceu por uns tempos essa coisa maravilhosa e assassina chamada Amor.

→ Amor papava

Do diário de Maria, quando tinha 17 anos:

20

Meu objetivo é compreender o amor. Sei que estava viva quando amei, e sei que tudo que tenho agora, por mais interessante que possa parecer, não me entusiasma.

Mas o amor é terrível: tenho visto minhas amigas sofrer, e não quero que isso me aconteça. Elas, que antes riam de mim e da minha inocência, agora ~~vêm me~~ <sup>me</sup> perguntam como é que eu consigo dominar os homens tão bem. Sorrio e fico calada, porque sei que o remédio é pior do que a própria dor: ~~simplesmente está ficando cada vez mais difícil me apaixonar.~~ <sup>domino bem porque não me envolvo, não me apaixono.</sup> A cada dia que passa, vejo com mais clareza como os homens são frágeis, inconstantes, inseguros, surpreendentes... Alguns pais destas amigas já me fizeram algumas propostas, eu recusei. Antes, ficava chocada, agora acho que é parte da natureza do homem.

Embora meu objetivo seja compreender o amor, e embora sofra por causa das pessoas a quem entreguei meu

coração, vejo que aqueles que me tocaram a alma não conseguiram despertar meu corpo, e aqueles que tocaram meu corpo não conseguiram atingir minha alma.

~~Entao por que sofro? Por que continuo tentando achar o homem da minha vida? Acho que todos se perguntam isso, e ninguém consegue se dar uma resposta lógica.~~

— ABRE PAGINA —

~~Quando~~ Quando completou 19 anos, terminou o curso secundário, encontrou um emprego em uma loja de tecidos, e o chefe se apaixonou por ela - mas Maria a esta altura sabia como usar um homem, sem ser usada por ele. Jamais deixou que a tocasse, embora sempre se mostrasse insinuante, conhecendo o poder de sua beleza.

Poder da beleza: e como seria o mundo para as mulheres feias? Tinha algumas amigas em quem ninguém nas festas reparava, ninguém lhes dizia "como vai?". Por incrível que pareça, essas meninas valorizavam muito mais o pouco amor que recebiam, sofriam em silêncio quando eram rejeitadas, e procuravam enfrentar o futuro buscando outras coisas além de

enfeitar-se para alguém. Eram mais independentes, mais dedicadas a si mesmas, embora na imaginação <sup>de Maria</sup> o mundo devia lhes parecer insuportável.

<sup>Ela, porém,</sup> Maria sabia o quanto era atrativa, mas costumava escutar <sup>alguns</sup> <sup>↳ poucos</sup> conselhos de sua mãe, e um dos mais importantes fora: "minha filha, a beleza <sup>isto</sup> dura pouco." Por causa disso, no seu trabalho, continuou mantendo uma relação nem próxima nem distante com o seu patrão, o que significou um considerável aumento de salário (não sabia até quando conseguiria mante-lo apenas na esperança de um dia leva-la para a cama, mas enquanto isso estava ganhando bem), além de comissão por trabalhar horas extras (afinal de contas, o homem gostava de te-la por perto, talvez temendo que se saísse, iria encontrar um grande amor). Trabalhou vinte e quatro meses sem parar, ~~juntou dinheiro~~, pode dar dar uma mesada para os pais, e finalmente conseguiu! ~~Arranjou~~ <sup>Juntou dinheiro</sup> ~~o~~ dinheiro suficiente para, nas férias, passar uma semana na cidade de seus sonhos, o lugar dos artistas, o cartão postal do seu país: Rio de Janeiro!

O chefe se ofereceu para acompanhá-la e pagar todas as suas despesas, mas <sup>Maria</sup> ~~Antônio~~ mentiu, dizendo que a única condição que sua mãe lhe impusera fora dormir na casa de um primo que lutava jiu-jitsu, já que ela estava indo para um dos lugares mais perigosos do mundo.

- Além do mais - continuou - o senhor não pode deixar a loja assim, sem uma pessoa de confiança tomando conta.

23

- Não me chame de senhor - disse ele, e Maria reparou em seus olhos aquilo que já conhecia: o fogo da paixão. Isso a surpreendeu, porque achava que aquele homem estava apenas interessado em sexo, <sup>mas</sup> e, como ali estava alguém que podia lhe dar uma casa, uma família, e algum dinheiro para seus pais, resolveu alimentar a fogueira.

Disse que iria sentir muita falta daquele emprego que tanto amava, das pessoas com quem adorava conviver (fez questão de não mencionar ninguém em particular, deixando no ar o mistério: será que "as pessoas" se referia a ele?), e prometia tomar muito cuidado com sua carteira e sua integridade. <sup>A verdade era outra:</sup> ~~Na verdade,~~ não queria que ninguém, absolutamente ninguém, estragasse aquela que seria sua primeira semana de total liberdade. Gostaria de fazer tudo / - tomar banho de mar, conversar com estranhos, olhar vitrines de lojas, e estar disponível para que um príncipe encantado aparecesse e a raptasse para sempre.

- O que é uma semana, afinal? Passa rápido, e em breve estarei de volta, cuidando de minhas responsabilidades

- disse com um sorriso sedutor, torcendo para que tivesse errada.

O chefe, desconsolado, lutou um pouco mas terminou aceitando, pois a esta altura já estava fazendo planos secretos de pedi-la em casamento assim que voltasse, e não queria ser afoito demais ~~e~~ <sup>pois irritava-se a</sup> terminar estragando tudo.

Maria viajou 48 horas de ônibus, hospedou-se em um hotel de quinta categoria em Copacabana ( ah, Copacabana! Esta praia, este céu...), e antes mesmo de desfazer as malas, agarrou um biquíni que havia comprado, colocou-o, e mesmo com o tempo nublado, foi para a praia. Olhou o mar, sentiu pavor, mas terminou entrando em suas águas, morrendo de vergonha.

Ninguém na praia notou que aquela menina estava tendo seu primeiro contacto com o oceano, a deusa Iemanjá, as correntes marítimas, a espuma das ondas, e a costa da África com seus leões, do outro lado do Atlântico . Quando saiu da água, foi abordada por uma mulher tentando vender sanduíches naturais, um belo negro que lhe perguntou se estava livre para sair aquela noite, e um homem que não falava uma só palavra em português, mas que fazia gestos, e lhe convidava para tomar uma água de <sup>a</sup>cóco com ele.

Maria não quis comprar o sanduíche, e surpreendeu-se com medo de falar com os outros dois estranhos. De um

28

momento para o outro, ficou triste consigo mesma; afinal, agora que tinha todas as possibilidades de fazer tudo o que queria, por que agia de maneira absolutamente reprovável? Na falta de uma boa explicação, sentou-se para esperar que o sol saísse detrás das nuvens, <sup>ainda</sup> surpresa <sup>comigo mesma</sup> com a temperatura ~~tão~~ <sup>tão</sup> fria da água, <sup>tão</sup> em pleno verão.

O homem que não falava português, entretanto, apareceu ao seu lado com um <sup>co</sup>coco, e lhe ofereceu. Contente de não ser obrigada a conversar com ele, ela bebeu a água do <sup>co</sup>coco, sorriu, e ele sorriu de volta. Por algum tempo, ficaram nesta confortável comunicação que não quer dizer nada - sorriso para cá, sorriso para lá - até que o homem tirou um pequeno dicionário de capa vermelha do bolso, e disse, com um sotaque estranho: "bonita". Ela sorriu de novo; bem que gostaria de encontrar o seu príncipe encantado, ms pelo menos ele devia falar sua língua e ser um pouco mais jovem.

O homem insistiu, folheando o pequeno livrinho:

- Jantar hoje?

E logo comentou:

- Suíça!

Completando com palavras que soam como sinos do paraíso, em qualquer língua em que sejam pronunciadas:

- Emprego! Dólar!

Maria não conhecia o restaurante Suíça, mas será que as coisas eram assim tão fáceis, e os sonhos se realizavam tão depressa? Melhor desconfiar: muito obrigado pelo convite, estou ocupada, e tampouco estava interessada em comprar dólares.

O homem, que não entendeu uma só palavra de sua resposta, estava ficando desesperado; depois de muitos sorrisos para cá, sorrisos para lá, deixou-a por alguns minutos, voltando logo com um tradutor. Através dele, explicou que vinha da Suíça (não era um restaurante, era o país), e que gostaria de jantar com ela, pois tinha uma oferta de emprego. O tradutor, que apresentou-se como assessor do estrangeiro e segurança do hotel onde o homem estava hospedado, acrescentou por sua conta:

- Se fosse você, aceitava. Este homem é um importante empresário artístico, e veio descobrir novos talentos para trabalhar na Europa. Se quiser, posso lhe apresentar outras pessoas que aceitaram o convite, ficaram ricas, e hoje estão casadas e com filhos que não precisam enfrentar assaltos ou problemas de desemprego.

E, completou, tentando impressioná-la com sua cultura:

internacional

- Além do mais, na Suíça fazem excelentes chocolates e relógios.

Maria jamais tivera qualquer experiência artística além de representar uma vendedora de água - que entrava muda e saía calada - na peça sobre a Paixão de Cristo que a prefeitura sempre encenava durante a Semana Santa. Não tinha conseguido dormir direito no ônibus, mas estava excitada com o mar, cansada de comer sanduíches naturais e antinaturais, e confusa porque não conhecia ninguém, e precisava encontrar logo um amigo. Já passara por este tipo de situação antes, quando um homem promete tudo e não cumpre nada - de modo que sabia que esta história de atriz era apenas uma maneira de tentar interessa-la em algo que fingia não querer. Mas certa de que a Virgem lhe colocara aquela chance, convencida de que tinha que aproveitar cada segundo daquela sua semana de férias, e ~~que~~ conhecer um bom restaurante significava ter algo muito importante para contar quando voltasse à sua terra, resolveu aceitar o convite - desde que o tradutor a acompanhasse, pois já estava ficando cansada de sorrir e fingir que estava entendendo o que o estrangeiro dizia.

O único problema era também o maior de todos: não tinha roupa adequada. Uma mulher jamais confessa estas intimidades (é mais fácil aceitar que seu marido a traiu, que confessar o estado do seu guarda-roupa), mas como não conhecia aquelas pessoas, e talvez jamais tornasse a vê-las de novo, resolveu que não tinha nada a perder.

- Acabo de chegar do Nordeste, não tenho roupa para ir a um restaurante.

O homem, através do tradutor, pediu que não se preocupasse, e solicitou o endereço do seu hotel. Naquela tarde, ela recebeu um vestido como jamais tinha visto em toda a sua vida, acompanhado de um par de sapatos que devia ter custado tanto quanto ela ganhava durante o ano.

~~#~~ Sentiu que ali começava o caminho pelo qual tanto ansiara durante sua infância e adolescência no sertão brasileiro, convivendo com a seca, os rapazes sem futuro, a cidade honesta mas pobre, a vida repetitiva e sem interesse: estava prestes a transformar-se na princesa do universo! Um homem a oferecera emprego, dólar, um par de sapatos caríssimos e um vestido de conto de fadas! Faltava maquilagem, mas a balconista que tomava conta do seu hotel, solidária, ajudou-a, não sem antes preveni-la que nem todos os estrangeiros são bons, e nem todos os cariocas são assaltantes. Maria ignorou o aviso, vestiu-se com aquele presente dos céus, ficou horas diante do espelho, arrependida de não ter trazido uma simples máquina fotográfica para registrar o momento, até que finalmente se deu conta que já estava atrasada para o seu compromisso. Saiu correndo, tal qual Cinderela, e foi até o hotel onde o suíço se encontrava.

29

Para sua surpresa, o tradutor foi logo dizendo que não ia acompanhá-los:

- Não se preocupe com a língua - o importante é que ele ~~sinta-se~~ <sup>sentir-se</sup> bem ao seu lado.

- Mas como, se não ~~irá~~ <sup>vai</sup> entender o que eu estou dizendo?

- Justamente por isso. Não precisam conversar, é uma questão de energia.

Maria, não sabia o que era uma "questão de energia"; na sua terra, as pessoas precisavam trocar palavras, frases, e perguntas, <sup>e respostas, sempre que</sup> quando se encontravam. Mas Mailson - assim chamava-se o tradutor/segurança - garantiu que no Rio de Janeiro, e no resto do mundo, as coisas eram diferentes.

- Não precisa entender, apenas procure fazê-lo sentir-se bem. O homem é viúvo, sem filhos, dono de uma boate, e está procurando brasileiras que queiram apresentarse no exterior. Eu disse que você não fazia o tipo, mas ele insistiu, dizendo que se apaixonara assim que a vira sair da água, <sup>Também</sup> e achou o seu biquíni lindo.

Deu uma pausa.

- Sinceramente, se quiser arranjar namorado aqui, precisa trocar o modelo de biquíni; afora este suíço, acho que ninguém mais no mundo irá gostar; é muito antiquado.

Maria fingiu que não ouvira. Maílson continuou.

- <sup>Ela</sup> Me disse que não desejava apenas uma aventura com você; acha que tem talento suficiente para transformar-se na principal atração de sua boate. Claro que não a viu cantar, nem dançar, mas isso pode se aprender, enquanto a beleza é algo com que se nasce. Esses europeus são mesmo assim: chegam por aqui, acham que todas as brasileiras são sensuais e sabem ~~dançar~~ samba. Se ele for sério em suas intenções, aconselho que peça um contrato assinado - e com firma reconhecida no consulado suíço - antes de sair do país. Amanhã estarei na praia, em frente ao hotel, , procure-me se tiver alguma dúvida.

O suíço, sorrindo, pegou-a pelo braço e mostrou o táxi que os esperava.

- Se entretanto a intenção dele for outra, e a sua também, o preço normal de uma noite é de ~~US~~ <sup>dólares.</sup> 300. Não deixe por menos.

Antes que pudesse responder, já estava a caminho do restaurante, com o homem ensaiando as palavras que desejava dizer. A conversa foi muito simples:

- Trabalhar? Dólar? Estrela brasileira?

Maria, entretanto, ainda pensava no comentário do segurança/tradutor: trezentos dólares por uma noite! Que

fortuna! Não precisava sofrer por amor, podia seduzi-lo como fizera com o dono da loja de tecidos, casar, ter filhos, e dar uma vida confortável aos seus pais. O que tinha a perder? Ele era velho, talvez não demorasse muito a morrer, e ela ia ficar rica - afinal, <sup>paucie que</sup> os suíços tinham muito dinheiro e, ~~pele visto,~~ poucas mulheres em sua terra.

Jantaram sem conversar muito - sorriso para cá, sorriso para lá, Maria entendendo aos poucos o que era "energia" - e o homem lhe mostrou um álbum com várias coisas escritas em uma língua que não conhecia; fotos de mulheres de biquíni (sem dúvida, melhores e mais ousados que o que estava usando aquela tarde), recortes de jornais, folhetos espalhafatosos onde tudo que entendia era a palavra "Brazil", escrita errado (afinal na escola não lhe ensinaram que se escrevia com "S"?) Bebeu muito, com medo que o tal suíço lhe fizesse uma proposta (afinal, embora jamais tivesse feito isso em sua vida, ninguém pode desprezar trezentos dólares, e com um pouco de álcool as coisas ficam muito mais simples, principalmente se não tem ninguém de sua cidade por perto) . Mas o homem comportou-se como um cavalheiro, inclusive puxando a cadeira na hora em que ela sentou-se e levantou-se. No final, disse que estava cansada, e marcou um encontro na praia no dia seguinte (apontar o relógio, mostrar hora, fazer

com as mãos o movimento das ondas do mar, dizer "a-ma-nhã" bem devagar).

~~O homem~~ <sup>Ele</sup> pareceu ficar satisfeito, olhou também para o seu relógio (possivelmente suíço), e concordou com a hora.

Não dormiu direito. Sonhou que tudo era um sonho. Acordou, e viu que não era: havia um vestido na cadeira do quarto modesto, um belo par de sapatos, e um encontro na praia.

*— Abriu papo —*

Do diário de Maria, no dia em que conheceu o suíço:

*Tudo me diz que estou prestes a tomar uma decisão errada, mas os erros são uma maneira de agir. O que o mundo quer de mim? Que não corra meus riscos? Que volte de onde vim, sem coragem de dizer "sim" para a vida?*

*Já agi errado quando tinha onze anos, e um menino veio me pedir um lápis emprestado; desde então, entendi que as vezes não existe uma segunda oportunidade,*

é melhor aceitar os presentes que o mundo  
 lhe oferece. Claro que é arriscado, mas  
 será que o risco é maior que um acidente no  
 ônibus que levou 48 horas para me trazer  
 até aqui? Se tenho que ser fiel à alguém ou  
 a alguma coisa, em primeiro lugar tenho que  
 ser fiel a mim mesma. Se busco o amor  
 verdadeiro, antes preciso ficar cansada dos  
 amores medíocres que encontrei. A ~~vida~~ <sup>PODE</sup> <sup>experiencia</sup> <sup>de</sup> <sup>vida</sup> <sup>que</sup> <sup>tenho</sup> me  
 ensinou que ninguém é dono de nada, tudo é  
 uma ilusão - e isso vai dos bens materiais  
 aos bens espirituais. Quem já perdeu alguma  
 coisa que tinha como garantida (algo que já  
 me aconteceu tantas vezes), termina por  
 aprender que nada lhe pertence.

E se nada me pertence, tampouco  
 preciso gastar meu tempo cuidando das  
 coisas que não são minhas; melhor viver  
 como se hoje fosse o primeiro (ou o  
 último) dia da minha vida.

— Abriu para —

No dia seguinte, junto com Maílson, o  
 tradutor/segurança, agora dizendo-se seu empresário, disse

34

que aceitava o convite, desde que tivesse um documento fornecido pelo consulado suíço. O estrangeiro, que parecia acostumado a tal tipo de exigência, ~~disse~~ <sup>afirmou</sup> que não era apenas um desejo seu, mas dele também, já que para ~~que conseguisse~~ trabalhar na sua terra, precisava ter um papel provando que ninguém lá poderia fazer o que ela estava se propondo - e não seria difícil conseguir isso, ~~já~~ <sup>pois</sup> que as suíças não tinham grande aptidão para o samba. Foram juntos até o centro da cidade, o segurança/tradutor/empresário exigiu um adiantamento em dinheiro vivo assim que assinaram o contrato, e ficou com 30% dos 500 dólares recebidos.

- Isso é uma semana de adiantamento. Uma semana, você entende? Irá ganhar 500 dólares por semana, e desta vez sem comissão, porque só recebo no primeiro pagamento!

Até aquele momento, as viagens, a idéia de ir para longe, tudo isso era apenas um sonho - e sonhar é muito confortável, desde que não sejamos obrigados a fazer aquilo que planejamos. Assim, não passamos por riscos, frustrações, momentos difíceis, e quando ficarmos velhos, podemos sempre culpar os outros - nossos pais, de preferência, ou nossos maridos, ou nossos filhos - por não termos realizado aquilo que desejávamos. Mas de repente, ali estava uma chance - que tanto esperava, mas que torcia para que não chegasse nunca!

Como enfrentar os desolios e perigo de uma vida já que ~~sabia o perigo que era sair de uma vida com a qual que ela nes conhecia? Como abandonar todo aquilo a qual estava acostumada?~~ Por que a Virgem decidira ir tão longe?

Maria consolou-se com o fato de que podia mudar de idéia a qualquer momento, tudo não passava de uma brincadeira irresponsável - algo diferente para contar quando voltasse a sua terra. Afinal de contas, morava a mais de mil quilômetros dali, tinha agora 350 dólares em sua carteira, e se amanhã resolvesse fazer as malas e não voltar nunca, eles jamais conseguiriam saber onde havia se escondido. Na tarde em que foram ao consulado, ela resolveu passear sozinha na beira do mar, olhando as crianças, os jogadores de vôlei, os turistas estrangeiros, as mães com seus filhos, os aposentados jogando baralho no final da orla. Tinha vindo ao Rio de Janeiro, conheceu um restaurante de primeiríssima classe, um consulado, um estrangeiro, tivera um empresário, ganhara de presente um vestido e um par de sapatos que ninguém - absolutamente ninguém em sua terra poderia comprar. E agora?

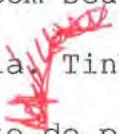
Olhou para o outro lado do mar: sua lição de geografia afirmava que, se seguisse em linha reta, iria chegar até a África, com seus leões e suas selvas cheias de gorilas. Entretanto, se andasse um pouco para o norte, terminaria colocando seus pés no reino encantado chamado Europa, onde existia a Torre Eiffel, a Disneylândia Européia, e a Torre Inclinada de Pizza. O que tinha a perder? ~~Havia~~

Como qualquer brasileiro, já nascera com o samba correndo em suas veias. Sabia dançar,



fugir

fugir da es mendigos, os bebados, o que causam sua fugir da



professora

~~nascido sabendo dançar samba, poderia voltar se não gostasse,~~  
~~desde a infância com o menino que lhe pedira um lápis emprestado,~~  
e já aprendera que as oportunidades são feitas para serem aproveitadas logo, ou desaparecem para sempre.

Passara grande parte do seu tempo dizendo "não" para ~~a vida~~, escolhendo apenas aquilo que sabia controlar - como homens, por exemplo. Agora estava diante do desconhecido, tão desconhecido como este mar fora ~~uma vez~~ para os navegadores que o cruzavam, ~~como aprendera em sua~~ aula de história. Podia dizer sempre "não", mas será que iria passar o resto da vida lamentando-se, como ainda fazia com a imagem do menino que uma vez lhe pedira um lápis, e desaparecera com seu primeiro amor? Sempre poderia dizer "não", mas porque desta vez não ensaiar um "sim"?

Por uma razão muito simples: era uma moça do interior, sem qualquer experiência na vida além de um bom colégio, uma grande cultura de novelas de televisão, e a certeza de que era bela. Isso não bastava para enfrentar o mundo.

Viu um grupo de pessoas rindo e olhando o mar, com medo de aproximar-se. Há dois dias, ela sentira a mesma coisa, mas agora não tinha medo, entrava na água sempre que desejava, como se tivesse nascido ali. Será que não iria acontecer a mesma coisa na Europa?

Fez uma prece silenciosa, pediu de novo os conselhos da Virgem Maria, e segundos depois parecia à vontade com sua decisão de seguir adiante, porque sentia-se protegida. Sempre poderia voltar, mas nem sempre teria a ~~possibilidade~~ <sup>chance</sup> de ir tão longe. Valia a pena correr o risco, desde que o sonho conseguisse resistir às 48 horas de volta no ônibus sem ar-refrigerado, e desde que o suíço não mudasse de idéia.

Estava tão animada que, quando ele a convidou para jantar novamente, quis ensaiar um ar sensual, e pegou na sua mão, mas o homem logo retirou-a, e Maria entendeu - com um certo medo, e com um certo alívio - que ele realmente estava falando sério.

- Estrela samba! - dizia o homem. - Linda estrela samba brasileiro! Viagem semana próxima!



Tudo era uma maravilha, mas "viagem semana próxima" estava absolutamente fora de qualquer cogitação. Maria explicou que que não podia tomar uma decisão sem consultar sua família. O suíço, furioso, mostrou uma cópia do documento assinado, e pela primeira vez ela sentiu medo.

- Contrato! - dizia ele.

Mesmo decidida a viajar, resolveu consultar-se com Mailson, seu empresário - afinal de contas, ele estava sendo pago para acessora-la.

Mailson, entretanto, agora parecia estar mais preocupado em seduzir uma turista alemã que acabara de chegar ao hotel, ~~e costumava fazer~~ <sup>e estava fazendo</sup> ~~topless~~ na certeza que o Brasil é o país mais liberal do mundo (sem dar-se conta que era a única pessoa a ter os seios expostos, e sem notar que todos os demais olhavam com um certo desconforto). Foi uma dificuldade conseguir que prestasse atenção no que estava dizendo.

- E se eu mudar de idéia?- insistia Maria.

- Não sei o que está escrito no contrato, mas talvez ele mande prende-la.

- Não irá me achar nunca!

- Tem razão. Portanto, não se preocupe.

O suíço, porém, que já gastara 500 dólares, um par de sapatos, um vestido, dois jantares, e os custos de cartório no consulado, estava começando a ficar preocupado, de modo que, ~~uma~~ <sup>já</sup> ~~vez~~ que Maria insistia ~~na~~ necessidade de falar com sua família, resolveu comprar duas passagens de avião e acompanhá-la até o lugar onde nascera - desde que tudo se resolvesse em 48 horas, e pudessem viajar na próxima semana, conforme o combinado. ~~com~~ <sup>com</sup> sorrisos para cá, sorrisos

para lá, ela começava a entender que isso constava do documento). ~~A essa altura, ela já começava a entender que não se deve brincar muito com a sedução, os sentimentos, e os contratos.~~

# #

Foi uma surpresa, e um orgulho para a pequena cidade, ver sua bela filha Maria chegar acompanhada de um estrangeiro, que desejava convidá-la para ser uma grande estrela na Europa. Toda a vizinhança soube, e as amigas de colégio perguntavam: "mas como foi?"

"Eu tenho sorte", respondia ~~Maria~~.

Elas queriam saber se isso sempre acontecia no Rio de Janeiro, porque tinham visto novelas na televisão com episódios semelhantes. Maria não disse nem sim nem não, para valorizar sua experiência / e convencer suas amigas de que ela era uma pessoa especial.

Foram até sua casa, onde o homem mostrou de novo os folhetos, o Brazil (com Z), ~~o contrato,~~ enquanto Maria explicava que agora tinha um empresário, e pretendia seguir uma carreira artística. A mãe, olhando o tamanho do biquíni das moças nos ~~folhetos~~ <sup>fotos</sup> que o estrangeiro lhe apresentava, ~~logo guardou os~~ <sup>devolveu-os imediatamente</sup> ~~folhetos~~ e não quis fazer perguntas - tudo que lhe importava é que sua filha fosse feliz e rica, ou infeliz - mas rica.

- Como é o nome dele?

- Roger.

- Rogério! Eu tinha um primo chamado Rogério, será que ele conheceu?

O homem sorriu, bateu palmas, e todos se deram conta de que ele não tinha entendido a pergunta. O pai comentou com Maria:

- Mas ele tem a minha idade.

*da filha*  
~~de Maria.~~ A mãe pediu que ele não interferisse na felicidade de Maria. Como todas as costureiras conversam muito com suas clientes, e terminam ganhando uma grande experiência em matéria de casamento e amor, ela aconselhou:

*Minha adorada,*  
- ~~Minha filha,~~ melhor ser infeliz com um homem rico, que ser feliz com um homem pobre, e lá longe você tem muito mais chance de ser uma rica infeliz. Além do mais, se nada der certo, você toma um ônibus e volta para casa.

Maria, uma moça do interior, mas com uma inteligência maior do que sua mãe ou seu futuro marido imaginavam, insistiu apenas para provocar:

- Mamãe, não existe ônibus da Europa para o Brasil.

Além do mais, quero ter uma carreira artística, ~~e não~~ *mas*  
*estou procurando casamento*  
~~encontrar um homem que não amo.~~

A mãe olhou para a filha com um ar quase desesperado;

- Se dá para você chegar lá, também dá para sair. As carreiras artísticas são muito boas para moças jovens, mas só duram enquanto você for bela, e isso termina mais ou menos aos 30 anos. Portanto aproveite, encontre alguém que seja honesto, apaixonado, e por favor se case. Não precisa pensar muito em amor - no início eu tampouco amava o meu <sup>pai,</sup> Mas o dinheiro compra tudo, até amor verdadeiro.

Era um péssimo conselho de amiga, mas um excelente conselho de mãe. Quarenta e oito horas depois Maria estava de volta ao Rio, não sem antes ter passado - sozinha - pelo seu antigo emprego, pedido demissão, e escutado do dono da loja de tecidos:

- Soube que um grande empresário francês resolveu leva-la para Paris. Não posso impedi-la de perseguir sua felicidade, mas quero que, antes de ir embora, saiba de uma coisa.

Tirou do bolso um cordão com uma medalha.

- Trata-se da Medalha Milagrosa de Nossa Senhora das Graças. Sua igreja fica em Paris, de modo que vá até lá e peça proteção à ela. Veja o que está escrito aqui.

Maria viu que, em torno da Virgem, havia algumas palavras: "Oh Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos à Vós. Amém. "

- Não deixe de dizer esta frase pelo menos uma vez por dia. E...

Ele hesitou, mas agora era tarde.

- ...se algum dia você voltar, ~~saiba~~ que estarei lhe esperando. Deixei passar uma oportunidade de dizer uma coisa tão simples: "eu te amo." Talvez seja tarde, mas gostaria que soubesse disso.

"Passar oportunidade" / ela havia aprendido muito cedo o que isso significava. "Eu te amo", porém, era uma frase que havia escutado muitas vezes ao longo de seus 22 anos, e parecia que já não tinha mais nenhum sentido - porque ~~já~~ <sup>nunca</sup> resultara em algo sério, profundo, que se traduzisse em uma relação duradoura. Maria agradeceu as palavras, anotou-as em seu subconsciente (nunca se sabe o que a vida <sup>prepara, e sempre bom saber que é possível voltar) ~~antes~~ nos ~~reserva~~), deu-lhe um casto beijo no rosto, e partiu sem olhar para trás.</sup>

Voltaram para o Rio, em apenas um dia ela conseguiu seu passaporte (o Brasil realmente havia mudado, comentara Roger através de algumas palavras em português e muitos sinais, que Maria traduziu como "antigamente demorava muito") ~~agora chamado de Rogério~~). Aos poucos, com a ajuda de Mailson, o segurança/tradutor/empresário, as providencias

restantes foram tomadas (roupas, sapatos, maquiagem, tudo que uma mulher como ela podia sonhar). Roger a viu dançar em uma boate que visitaram na véspera da viagem para a Europa, ficando entusiasmado com sua escolha - realmente estava diante de uma grande estrela para o cabaret "Cologne", a bela morena de olhos claros e cabelos negros como a asa da graúna (um pássaro brasileiro, com que os escritores da terra costumam comparar os cabelos negros). A certidão de trabalho do consulado suíço ficou pronta, fizeram as malas, e no dia seguinte estavam viajando para a terra do chocolate, do relógio, e do queijo suíço, com Maria secretamente planejando fazer aquele homem apaixonar-se por ela - afinal de contas ele não era nem velho, nem feio, nem pobre. Que mais desejar?

*Cher pafista* → *st* → Chegou exausta, e ainda no aeroporto que seu coração apertou de medo: descobriu que estava completamente dependente do homem ao seu lado - não conhecia a terra, a língua, o frio. O comportamento de Roger ia mudando a medida que as horas se passavam; já não tentava ser agradável, e embora jamais tentasse beijá-la ou tocar seus seios, seu olhar tinha se tornado o mais distante possível. Colocou-a em um pequeno hotel, apresentando-a a outra brasileira, uma mulher jovem e triste chamada Vivian, que se encarregaria de prepará-la para o trabalho.

Vivian a olhou de cima a baixo, sem a menor cerimônia ou o menor carinho por quem está tendo sua primeira experiência no exterior. Ao invés de perguntar como sentia-se, foi direto ao assunto.

- Não tenha ilusões. Ele vai ao Brasil sempre que alguma de suas dançarinas se casa, e pelo visto isso está acontecendo com <sup>muita</sup> frequência. Ele sabe o que quer, e acredito que você também saiba: deve ter vindo em busca de uma das três coisas - aventura, dinheiro, ou marido.

Como é que ela podia imaginar? Será que todo mundo buscava a mesma coisa? Ou será que Vivian podia ler os pensamentos alheios?

- Todas as meninas aqui buscam uma destas três coisas - continuou Vivian, e Maria convenceu-se que estava lendo seu pensamento. - Quanto à aventura, está muito frio para qualquer coisa, e além do mais o dinheiro não sobra para viagens. Quanto ao dinheiro, você terá que trabalhar quase um ano para pagar sua passagem de volta, além dos descontos da hospedagem e da comida.

- Mas!...

- Já sei: não foi isso o combinado. Na verdade, foi você quem se esqueceu de perguntar - como aliás todo mundo esquece. Se tivesse mais cuidado, <sup>se desse o contrato que assinou,</sup> saberia exatamente onde se

meteu - porque os suíços não mentem, embora <sup>USDM</sup> ~~contem~~ com o silêncio para ajuda-los.

O chão fugia dos pés de Maria.

- Finalmente, quanto ao marido, cada menina que se casa significa um grande prejuízo econômico para Roger, de modo que estamos proibidas de conversar com os clientes. Se quiser alguma coisa neste sentido, terá que correr grandes riscos. Isso daqui não é um lugar onde as pessoas se encontram, como <sup>na</sup> ~~em~~ Rue de Berne.

Rue de Berne?

- Os homens vem aqui com suas mulheres, e os poucos turistas, assim que se dão conta do ambiente familiar, vão em busca de mulheres em outros lugares. Saiba dançar; se souber também cantar, seu salário será aumentado, e a inveja das outras também. De modo que sugiro que não tente saber cantar.

"Sobretudo, não use o telefone. Vai gastar tudo que ainda tem por ganhar, e que será muito pouco."

- Mas ele me prometeu 500 dólares por semana!

- Você verá.

— ABRIR PAGINA —

Do diário de Maria, em sua segunda semana na Suíça:

*Fui até a boate, encontrei um "diretor de danças" de um país chamado*

2/6

Marrocos, e tive que aprender cada passo daquilo que ele - que jamais pisou no Brasil - acredita ser "samba." Não tive nem tempo de descansar da longa viagem de avião, era sorrir e dançar - logo na primeira noite. Somos seis meninas, nenhuma delas está feliz, e nenhuma sabe o que está fazendo aqui. Os clientes bebem e batem palmas, jogam beijos e fazem gestos pornográficos, <sup>escondidos,</sup> mas não passa disso.

O salário foi pago ontem, apenas um décimo do que havíamos combinado - o resto, segundo o tal contrato, será usado para pagar minha passagem e minha estadia. Pelos cálculos de Vivian, isso deve demorar um ano - ou seja, durante este período não tenho para onde fugir.

Mas será que vale a pena fugir? Acabei de chegar, ainda não conheço nada. Qual o problema de dançar durante sete noites por semana? Antes eu fazia isso por prazer, agora faço por dinheiro e fama;, as pernas não reclamam, a única coisa difícil é manter o sorriso nos lábios.

O que ~~estou reclamando?~~ Posso  
escolher entre ser uma vítima do mundo, ou  
uma aventureira em busca do seu tesouro.  
Tudo é uma questão de como vou olhar minha  
vida.

→ ABRIR PÁGINA ←

Maria escolheu ser uma aventureira em busca do  
tesouro - ~~e para~~ ~~isso~~ deixou de lado os seus sentimentos,  
parou de chorar toda noite, esqueceu-se de quem era;  
descobriu que tinha força de vontade suficiente para fingir  
que tinha acabado de nascer, e portanto não precisava sentir  
saudades de ninguém. Os sentimentos podiam esperar, ~~mas a~~  
~~oportunidade nunca dá uma segunda chance, como ela já sabia~~  
~~tão bem.~~ Agora era preciso ganhar dinheiro, conhecer o país,  
e voltar vitoriosa para sua terra.

De resto, tudo a sua volta parecia o Brasil em  
geral, e sua ~~terra~~ <sup>cidade</sup> em particular: as mulheres falavam  
português, queixavam-se dos homens, ~~falavam~~ <sup>conversavam</sup> alto, reclamavam  
dos horários, chegavam atrasadas na boate, desafiavam o  
patrão, achavam-se as mais belas do mundo, e contavam  
histórias dos seus príncipes encantados <sup>que</sup> geralmente  
<sup>estavam</sup> muito longe. <sup>ou eram casados, ou não tinham dinheiro</sup> O ambiente, ao contrário do que tinha  
imaginado ao ver os folhetos de propaganda que Roger trazia  
consigo, era exatamente como Vivian descrevera: familiar. As

Vivian do  
folhetos delas.

48

meninas não podiam aceitar convites ou sair com fregueses, porque estavam registradas como "dançarinas de samba" nas respectivas carteiras de trabalho. Se fossem flagradas recebendo um papel com telefone, ficavam quinze dias sem trabalhar.. Maria, que esperava algo muito mais movimentado e emocionante, foi aos poucos deixando-se dominar pelo tristeza e pelo tédio.

Nos primeiros quinze dias, ela pouco deixou a pensão onde morava - principalmente quando descobriu que ninguém falava sua língua, mesmo que ela pronunciasse DE-VA-GAR cada frase. Também ficou surpresa ao saber que, ao contrário do seu país, a cidade tinha dois nomes diferentes - Geneve para os que viviam ali, e Genebra para as brasileiras.

*Também ficou surpresa ao saber que,*  
*Finalmente, durante as longas horas de tédio no quarto, ela concluiu:*  
*horas de tédio no quarto, ela concluiu: seu programa, sua televisão,*

Descobriu também que :

A] nunca chegaria a encontrar o que estava procurando, se não soubesse dizer o que pensava. *Para isso, procurava aprender a falar a língua local.*

B] como todas suas companheiras estavam também procurando a mesma coisa, ela precisava ser diferente. *Para isso, ainda não tinha uma solução, mas a Virgem Maria iria ajudá-la.*

*— "SIBIRIA PAGINA"*  
Do diário de Maria; *duas semanas quanto semanas*  
*de desembauca em Geneve*

*uma eternidade*  
Já estou aqui a um mês, não falo

a língua, passo o dia escutando música no radio, olhando o quarto, pensando no

(?)

Brasil, torcendo para que chegue a hora de trabalhar, e - quando estou trabalhando - torcendo para que chegue a hora de voltar para a pensão. Ou seja, estou vivendo o futuro ao invés do presente.

*Depois que esta experiência foi multiplicada por dois*  
~~Para ir longe, preciso aprender a língua. Daqui a pouco, já terei pago~~

~~minha passagem, e posso voltar para o Brasil, casar-me com o dono da loja de tecidos, escutar os comentários maldosos das amigas que nunca arriscaram e por isso só conseguem enxergar a derrota dos outros. Não, não posso voltar assim; prefiro atirar-me do avião, quando ele estiver cruzando o oceano.~~

Como as janelas do avião não abrem (aliás, isso foi algo que nunca esperava; que pena não poder sentir o ar puro!), morro aqui mesmo. Mas antes de morrer, quero lutar pela vida. ~~E a primeira coisa que preciso fazer é: aprender a língua, para poder andar sozinha.~~

~~Se eu puder andar sozinha, vou até onde quero.~~

SD

— Steve — pf —

No dia seguinte

~~Uma vez concluindo isso,~~ matriculou-se

imediatamente em um curso matutino de francês, onde conheceu gente de todos os credos, crenças e idades, homens com roupas coloridas e muitas correntes de ouro nos braços, mulheres de cabeça constantemente coberta por um lenço, crianças que aprendiam mais rápido que os adultos- quando justamente devia ser o contrário, ~~já~~ <sup>pois</sup> que os adultos tem mais experiência.

Ficava orgulhosa ao saber que todos ~~conheciam~~ <sup>o carnaval, o samba, o futebol, e o</sup> seu país, lugar onde morava uma pessoa muito famosa, chamada Pelê. ~~o~~ <sup>no</sup>

início ela quis ser simpática e procurou corrigir a pronuncia (~~o~~ Pelé! Pelééé'!!!), mas depois de algum tempo desistiu, já que também a chamavam de ~~Antonellá~~ <sup>Maria</sup>, essa mania que os estrangeiros tem de achar que ~~estão sempre certos~~ <sup>o mudou todos os nomes</sup>

Durante a tarde, para praticar a língua, ensaiou seus primeiros passos por aquela cidade de dois nomes, descobriu um chocolate ~~fantástico~~ <sup>delicioso</sup>, um queijo que jamais havia comido, um gigantesco chafariz no meio do lago, a neve que ~~os pés de nenhum dos habitantes de sua cidade tinham tocado~~ <sup>os pés de nenhum dos habitantes de sua cidade tinham tocado</sup> seus pés nunca antes tinham pisado, as cegonhas, os

restaurantes com lareira (embora jamais tenha entrado em nenhum). Também ficou ~~impressionada~~ <sup>surpresa</sup> ao ~~ver~~ <sup>descobrir</sup> que todos os letreiros não tinham apenas nome de relógios, mas também de

bancos - e ficou impressionada com tanto banco para tão poucos habitantes, <sup>embora não conseguisse entender porque existiam tantos bancos para tão poucos habitantes</sup> mas resolveu não perguntar nada.

Depois de <sup>três</sup> doze meses de lua-de-mel forçada com seu trabalho, seu sangue brasileiro - sensual, <sup>e sexual</sup> como todos no <sup>o resto do mundo</sup> mundo pensavam - falou mais algo; ela se apaixonou por um árabe que estudava francês no mesmo curso. O caso durou três semanas até que, uma noite, ela resolveu deixar tudo de lado e visitar uma montanha perto de Geneve, o que provocou sua <sup>um pedido de Roger para que fosse ao seu escritório assim que chegasse.</sup> demissão imediata do emprego, sob o pretexto de estar dando <sup>ela se entregava a um pouco de amor, mas resolveu abandonar o</sup> máll exemplo as outras meninas que ali trabalhavam. Roger <sup>pediu e</sup> chamou-a no seu escritório, disse que mais uma vez se <sup>abriu a porta</sup>

decepcionava, que as mulheres brasileiras não eram confiáveis (ah, meu Deus, esta mania de generalizar tudo) e assim como tinha sido rápido em pedi-la em arranjar-lhe um emprego, também foi rápido em manda-la embora. De nada adiantou afirmar que tudo não passara de uma febre muito alta por causa da diferença de temperatura, o homem não se convenceu, e ainda reclamou que precisava voltar de novo ao Brasil, e <sup>anajar uma substituta,</sup>

~~que~~ melhor teria sido fazer um show com música e bailarinas sérvias, que eram muito mais responsáveis. Maria, embora fosse ainda jovem, não tinha nada de boba - principalmente depois que seu amante árabe lhe disse que na Suíça as leis trabalhistas são muito severas, e ela podia alegar que estava

sendo usada para trabalho escravo, já que a boate ficava com grande parte do seu salário.

Voltou ao escritório de Roger, desta vez falando um francês razoável, que incluía em seu vocabulário a palavra "advogado". Saiu dali com ~~sua passagem de volta~~, alguns xingamentos, e cinco mil dólares de indenização - um dinheiro com que jamais havia sonhado, tudo por causa daquela palavra mágica, "advogado." Agora podia namorar livremente o árabe, comprar alguns presentes, tirar umas fotos na neve, e voltar para casa com a vitória tão sonhada.

A primeira coisa que fez foi telefonar para uma vizinha da mãe, e dizer que estava feliz, tinha uma linda carreira adiante, ninguém em sua casa precisava ficar preocupado. Em seguida, como tinha um prazo para deixar o quarto de pensão que Roger lhe havia alugado, não lhe restava outra alternativa senão ir até o árabe, fazer juras de amor eterno, converter-se à sua religião, casar-se com ele - mesmo sendo obrigada a usar um daqueles lenços estranhos na cabeça; afinal de contas, todos ali sabiam que os árabes eram muito ricos, e isso bastava.

*Já tinha desaparecido desde a noite na montanha,*  
 Mas o árabe, ~~a esta altura, já estava longe -~~  
*possivelmente viajando para* ~~talvez~~ *e não conseguia achar no mapa*  
 na Arábia, um país que Maria não conhecia - e no fundo  
 ela deu graças à Virgem Maria, porque não fora obrigada a

air sua religião. Agora já falando o suficiente de francês,  
 m dinheiro para a passagem de volta, carteira de trabalho  
 e a classificava como "dançarina de samba" <sup>um visto de permanência</sup> e ainda tinha a <sup>que</sup>  
 lidade de quatro meses, ~~e~~ e sabendo que em último caso podia  
 asar-se com um comerciante de tecidos, ~~←~~ Maria resolveu  
 azer o que sabia que era capaz: ~~ganhar~~ ganhar dinheiro com sua  
 eleza.

Ainda no Brasil, lera um livro sobre um pastor que, <sup>na</sup>  
 usca seu tesouro, encontra-se com várias dificuldades, e  
 estas dificuldades o ajudam a conseguir o que deseja; era  
 exatamente esse o seu caso. Tinha agora plena consciência que  
 fora despedida para encontrar-se com o seu verdadeiro destino  
 - modelo <sup>de profissional e maquiagem.</sup>

Alugou um pequeno quarto (que não tinha televisão,  
 mas era preciso economizar o máximo, até que conseguisse  
 realmente ganhar muito dinheiro), e no dia seguinte começou a  
 visitar agências. Em todas soube que precisava deixar fotos  
 profissionais, mas afinal de contas, era um investimento em  
 sua carreira - todo sonho custa caro. Gastou uma considerável  
 parte do dinheiro com um excelente fotógrafo, que conversava  
 pouco e exigia muito: tinha um gigantesco guarda-roupa no seu  
 estúdio, e ela posou com vestidos sóbrios, extravagantes, e  
 até mesmo com um biquíni que seu único conhecido no Rio de  
 Janeiro, o segurança/tradutor e ex-empresário Mailson, iria



Hoje passei diante de um parque de diversões. Como não posso ficar gastando dinheiro a toa, achei melhor observar as pessoas. Fiquei muito tempo parada diante da montanha-russa: ~~via~~ que a maioria das pessoas entrava ali em busca de emoção, mas quando começavam a andar, morriam de medo e pediam para que parassem os carros.

O que elas querem? Se escolheram a aventura, não deviam estar preparadas para ir até o final? Ou acham que seria mais inteligente não passar por estes sobes e desces, e ficar o tempo todo um carrossel, girando no mesmo lugar?

No momento estou sozinha demais para pensar em amor, mas preciso me convencer que isso vai passar, conseguirei meu emprego, e estou aqui porque escolhi este destino. A montanha russa é a minha vida, a vida é um jogo forte e alucinante, a vida é lançar-se de paraquedas, é arriscar-se, cair e voltar a levantar-se, é alpinismo, é querer subir ao topo de si

56

mesmo, e ficar insatisfeita e angustiada quando não se consegue.

Não é fácil estar longe da minha família, da língua onde posso expressar todas as minhas emoções e sentimentos, mas a partir de hoje, quando ficar deprimida, vou me lembrar daquele parque de diversões. Se eu tivesse dormido e acordado de repente em uma montanha russa, o que iria sentir?

Bem, a primeira sensação é ~~que~~ de estar prisioneira, ficar apavorada com as curvas, querer vomitar, e sair dali.

Entretanto, se confiar que os trilhos são o meu destino, que Deus está governando a máquina, este pesadelo se transforma em

excitação. Ela passa a ser exatamente o que é, uma montanha russa, um brinquedo <sup>seguro e confiável,</sup> que vai

chegar ao final, mas ~~que tenho que~~ <sup>a viagem</sup> aproveitar enquanto <sup>breve</sup> dura, olhar a paisagem ao redor, gritar de excitação.

— Abu papão

Mesmo sendo capaz de escrever coisas que julgava muito sábias, ela não conseguia seguir seus próprios conselhos; os momentos de depressão ficaram cada vez mais freqüentes, e o telefone continuava sem tocar. Maria, para distrair-se e exercitar a língua nas horas vagas, começou a comprar revistas de artistas famosos, mas logo descobriu que gastava muito dinheiro com isso, e foi procurar a biblioteca mais próxima. A senhora encarregada de emprestar livros disse que ali não alugavam revistas, mas podia lhe sugerir alguns títulos que lhe ajudariam a dominar o francês cada vez mais.

- Não tenho tempo para ler livros.

- Como não tem tempo? O que está fazendo?

- Muitas coisas: estudando francês, escrevendo um diário, e...

- E o que?

Ia dizendo, "esperando que o telefone toque", mas achou melhor ficar calada.

- Minha filha, você é jovem, tem a vida pela frente. Leia. Esqueça o que lhe disseram sobre livros, e leia.

- Já li muito.

De repente, Maria lembrou-se daquilo que o segurança Mailson descrevera certa vez como "energia". A bibliotecária a sua frente lhe parecia alguém sensível, doce,

alguém que ~~lhe~~ poderia ajudar se tudo o mais falhasse.  
Precisava conquista-la, sua intuição dizia que ~~ali~~ <sup>estava diante de</sup> podia  
~~estar uma verdadeira~~ <sup>uma possível</sup> amiga. rapidamente mudou de opinião:

- Mas quero ler mais. Por favor me ajude a escolher os livros.

A mulher trouxe "O Pequeno Príncipe". Naquela noite ela começou a folhea-lo, viu os desenhos do inicio, onde aparecia um chapéu - mas o autor diz que na verdade, para as crianças, aquilo era uma cobra com um elefante dentro. "Acho que nunca fui criança" , pensou consigo mesma. "Para mim, isso parece mais um chapéu." ~~Mas~~ <sup>na</sup> ausência da televisão, ela começou a acompanhar o principezinho em suas viagens, embora ficando triste sempre que o tema "amor" aparecia - já que havia se proibido de pensar no que isso significa, ou ~~se arriscaria a~~ <sup>as dolorosas cinzas de</sup> ~~terminaria por~~ cometer suicídio. Afora ~~o~~ amor, porém, o livro era muito interessante, e ela não ficou a cada cinco minutos checando se a bateria do celular estava carregada (morria de medo que sua chance maior passasse por causa de um descuido) ~~afinal de contas, já perdera algumas oportunidades em sua vida).~~

Maria passou a frequentar a biblioteca, conversar com a mulher que parecia tão sozinha como ela, pedir sugestões, comentar sobre a vida e os autores - até que seu

dinheiro chegou quase ao fim; mais duas semanas, e já não teria nem o suficiente para comprar a passagem de volta.

E como a vida sempre espera situações críticas para então mostrar seu lado brilhante, finalmente o telefone tocou.

Três meses depois de ter descoberto a palavra "advogado", e dois meses depois de estar vivendo da indenização recebida, , uma agencia de modelos perguntou se a Sra. Maria ainda se encontraava naquele numero. A resposta foi um "sim" frio, ensaiado durante muito tempo, para não demonstrar qualquer ansiedade. Soube então que um árabe, responsável pela moda em seu país, gostara muito de suas fotos, e queria convida-la para participar de um desfile. Maria lembrou-se da Arábia, da decepção recente, mas também pensou no petróleo e no dinheiro que precisava desesperadamente.

~~Foram jantar em~~ *a Mercaderes em* um restaurante muito chique.

Encontrou um senhor elegante, muito mais atrativo que sua experiência anterior, que perguntava:

- Sabe de quem é este quadro ali? De Juan Miro.  
Sabe quem é Joan Miró?

Maria ficava calada, como se estivesse concentrada na comida, bastante diferente dos restaurantes chineses. Por outro lado, fazia anotações mentais: devia pedir um livro sobre Miro, em sua próxima visita a biblioteca.

Mas o árabe insistia:

- Esta mesa ali era sempre usada por Federico Fellini. O que você acha dos filmes de Fellini?

Ela respondeu que adorava. O árabe quis entrar em detalhes, ~~mas~~ Maria, percebendo que sua cultura não passaria pelo teste, resolveu ir direto ao assunto:

*Basta de apresentar.*

- Tudo que eu sei é a diferença entre uma Coca-cola e uma Pepsi. O senhor não deseja conversar sobre um desfile de modas?

~~O árabe surpreendeu-se com a~~ franqueza da moça, ~~o~~ ~~aquele~~ pareceu impressionante bem. *o arabe*

- Faremos isso quando formos tomar um drink, depois do jantar.

Houve uma pausa, enquanto os dois se olhavam e imaginavam o que o outro estava pensando.

- Você é muito bonita - insistiu o árabe. - Se resolver tomar um drink comigo em meu hotel, lhe dou mil francos.

Maria imediatamente entendeu. Era culpa da agencia de modelos? Era culpa sua, que devia ter perguntando melhor a

respeito do jantar? <sup>mas, não era culpa de ninguém, do árabe:</sup> Era assim mesmo que as coisas funcionavam. De repente, sentiu que precisava do sertão, do Brasil, do colo de sua mãe. Lembrou-se do bilhete da Mailson, na praia, quando ele falava em trezentos dólares; naquela época julgara engraçado, acima do que esperava receber por uma noite com um homem. Entretanto, naquele momento, deu-se conta que não tinha mais ninguém, absolutamente ninguém no mundo com quem pudesse conversar; estava sozinha, em uma cidade estranha, com 22 anos relativamente bem vividos, mas inúteis para ajuda-la a resolver qual seria a melhor resposta.

- Sirva-me mais vinho, por favor.

O árabe colocou mais vinho em seu copo, enquanto o pensamento viajava mais rápido que o Pequeno Príncipe em seu ~~periplo~~ <sup>parceiro</sup> através de diversos planetas. Viera em busca de aventura, dinheiro, e talvez um marido, ~~pensava~~ <sup>sabia</sup> que ~~podia~~ terminar <sup>ia</sup> recebendo propostas como essa, porque não era inocente e ~~sabia~~ <sup>já se acostumava a ver</sup> como os seres humanos se comportavam. Mas ainda acreditava em agências de modelos, estrelato, um marido rico, família, filhos, netos, roupas, retorno vitorioso à cidade onde nasceu. ~~que iria~~ <sup>em</sup> superar todas as dificuldades apenas com a sua inteligência, seu charme, sua força de vontade.

Mas a realidade acabara de desabar em sua cabeça. Para surpresa do árabe, ela começou a chorar. O homem, dividido entre o medo do escândalo e o instinto masculino de proteger a moça, não sabia o que fazer. Fez sinal para o garçom para pedir logo a conta, mas Maria o interrompeu:

-Não faça isso. Sirva-me mais vinho, e deixe-me chorar um pouco.

E Maria pensou no menino que lhe pedira um lápis, no rapaz que a beijara de boca fechada, na alegria de conhecer o Rio de Janeiro, nos homens que a tinham usado sem dar nada em troca, nas paixões e nos amores perdidos ao longo de toda a sua caminhada. Sua vida, apesar da aparente liberdade, era um sem fim de horas esperando um milagre, um amor verdadeiro, uma aventura com o mesmo final romântico que sempre vira nos filmes e lera nos livros. <sup>Um autor</sup> ~~Lera~~ recentemente <sup>escrever no jornal</sup> que o tempo não transforma o homem, a sabedoria não transforma o homem - a única coisa que pode fazer alguém mudar de idéia é o amor. Que tolice! Quem escrevera aquilo conhecia apenas um lado da moeda.

Realmente, o amor era uma das coisas capaz de mudar totalmente a vida de uma pessoa, de um momento para o outro. Mas existia o outro lado da moeda, a segunda coisa que fazia o ser humano tomar um curso totalmente distinto do que havia planejado: chamava-se desespero. Sim, talvez o amor fosse

capaz de transformar alguém, mas o desespero, <sup>Devia</sup> transforma mais rápido. E agora, Maria? ~~Será que era para~~ sair correndo do restaurante, voltar para o Brasil, transformar-se em professora de francês, casar com o dono a casa de tecidos? <sup>Devia</sup> ~~Será que era para~~ ir um pouco mais adiante, uma só noite, em uma cidade que não conhecia ninguém e ninguém a conhecia? Será que uma só noite, e o dinheiro tão fácil, a fariam continuar seguindo adiante, até um ponto do caminho onde não poderia mais voltar? O que estava acontecendo naquele minuto: uma grande oportunidade, ou um teste da Virgem Maria?

Os olhos do árabe passeavam pelo quadro de Joan Miro', o lugar onde Fellini comia com seu editor, <sup>ela</sup> a moça que guardava os casacos, <sup>deles</sup> os clientes que entravam e os que saiam.

- Você não sabia?

- Mais vinho, por favor - foi a resposta de Maria, ainda entre lágrimas.

Rezava para que o garçom não se aproximasse e descobrisse o que estava acontecendo - e o garçom, que assistia tudo à distancia com o rabo do olho, rezava para que o homem com a garota pagasse logo a conta, porque o restaurante estava repleto e havia gente esperando.

Finalmente, depois do que parecia ser uma eternidade, ela falou:

64

- Você disse um drink por mil francos?

A própria Maria estranhou o tom de sua voz.

- Sim - respondeu o árabe, já arrependido de ter feito a proposta. - Mas eu não quero de maneira nenhuma...

- Pague a conta. Vamos tomar este drink no seu hotel.

De novo, parecia uma estranha para si mesma. Até então era uma moça gentil, educada, alegre, e jamais teria usado este tom de voz com um estranho. Mas parecia que aquela moça havia morrido para sempre: diante dela estava uma outra existência, onde os drinks custavam mil francos, ou, em uma moeda mais universal, em torno de seiscentos dólares.

E tudo ocorreu exatamente conforme o esperado: foi para o hotel com o árabe, bebeu champagne, embriagou-se quase que completamente, abriu as pernas, esperou que ele tivesse um orgasmo (não lhe ocorreu fingir que também tinha um), lavou-se no banheiro de mármore, pegou o dinheiro, e deu-se ao luxo de pagar um táxi até em casa.

Atirou-se na cama e dormiu uma noite sem sonhos.

— *Abuiz pajira* —

Do diário de Maria, no dia seguinte:

65

Lembro-me de tudo, menos do momento em que tomei a decisão.

Curiosamente, não tenho nenhum sentimento de culpa. Antes costumava ver as meninas que iam para a cama por dinheiro, como gente a quem a vida não tinha deixado nenhuma escolha - e agora vejo que não é assim. *Eu poderia dizer "sim" ou "não", ninguém estava me forçando a aceitar nada.*

Ando pelas ruas, olho as pessoas, será que elas escolheram suas próprias vidas? Ou será que elas também, como eu, foram "escolhidas" pelo destino? A dona de casa que sonhava em ser modelo, o executivo de banco que pensou em ser músico, o dentista que tinha um livro escondido e gostaria de dedicar-se à literatura, a menina que adoraria trabalhar na televisão, mas tudo que encontrou foi um emprego de caixa de super-mercado. .

Não tenho a menor pena de mim mesmo. Continuo não sendo uma vítima, porque podia ter saído do restaurante, com a minha dignidade intacta e a minha carteira vazia. Podia ter dado lições de

moral àquele <sup>pobre</sup> homem - ~~pobre homem~~ → na minha frente, ou tentado fazê-lo ver que diante de seus olhos estava uma princesa, era melhor conquista-la que compra-la. Podia ter tomado um sem-número de atitudes, entretanto - como a maioria dos seres humanos - deixei que o destino escolhesse que rumo tomar.

Não sou a única, embora pareça que meu destino é mais ilegal e marginal que os outros. Mas, na busca da felicidade, estamos todos empatados: o executivo/ músico, o dentista/escritor, a caixa/atriz, a dona de casa/modelo, a

Nenhum de nós é feliz.

Abriu poeira

Então é isso? Era fácil assim? Estava em uma cidade estranha, não conhecia ninguém, e ~~isso~~, que ontem era um

duplício, hoje lhe dava uma imensa sensação de liberdade. <sup>mas</sup> tinha ninguém para dar explicações.

Resolveu que, pela primeira vez em muitos anos, ia dedicar o dia inteiro a pensar nela mesma. Até então estava sempre preocupada com os outros: a mãe, os companheiros de escola, o pai, os funcionários da agência de modelos, o

professor de francês, o que as pessoas na rua - que nunca tinha visto, o garçom, a bibliotecária.

*No verdade, ninguém estava pensando nada, principalmente sobre ela, Bastava. Saiu cedo, tomou o café da manhã no lugar*

de sempre, caminhou um pouco em torno do lago, viu uma manifestação de exilados. Uma mulher, com um pequeno

*uma pobre estrangeira, que se desapa- recuse a noite ninguém senti- ria nada.*

cachorro, comentou que eram curdos e mais uma vez, ao invés de fingir que sabia a resposta, ela perguntou:

*para mostrar que era mais culta e inteligente do que pensavam*

- De onde vem os curdos?

*Mulher de nome escotado,*

A ~~mulher~~ pessoa, para sua surpresa, não soube responder. É ~~isso~~ *JSSIM* o mundo, ~~disse para si mesma~~ *pensou* falavam como se conhecessem

tudo, e se você ousa perguntar, não sabem nada. Entrou em um café com conexão na internet, descobriu que os curdos vinham do Curdistão, um país inexistente, hoje dividido entre a Turquia e o Iraque. Voltou para o lugar onde estava, tentando encontrar a mulher ~~com o cachorro~~ *com o cachorro* mas ela já havia partido, talvez porque o animal não aguentara ficar meia-hora vendo um bando de seres humanos com faixas, lenços, músicas, e gritos estranhos.

"Isso sou eu. Ou melhor, isso era eu: uma pessoa que fingia conhecer ~~todas as coisas~~ *tudo,* até que aquele árabe me irritou tanto, que ~~tive~~ *foi a coragem para* coragem de dizer que só sabia a diferença entre refrigerantes. Ele ficou chocada? Mudou de idéia a meu respeito? Nada! Deve ser achado fantástica a

*Sempre sai perdendo quando* minha espontaneidade. ~~No passado, me enganavam muito, porque~~ *Sentei ser mais esperta do que sou: agora chega!*

68  
eu queria demonstrar ser melhor que era. Chega também desse tipo de comportamento!"

Lembrou-se da agencia de modelos. Será que sabiam o que queria o árabe - e neste caso mais uma vez Maria tinha bancado a ingênua - ou tinham realmente pensado que ele era capaz de arranjar um trabalho na Arábia?

Fosse o que fosse, Maria se sentia muito menos só naquela manhã cinzenta de Geneve, com a temperatura quase chegando a zero, os curdos se manifestando, os bondes chegando no horário em cada parada, as lojas recolocando jóias nas vitrines, os bancos abrindo, os árabes dormindo, os suíços sorrindo para tudo e para todos. Estava menos só porque ao seu lado havia uma outra mulher, talvez invisível para os que passavam. Jamais tinha notado sua presença, mas ela estava ali.

Sorriu para a mulher invisível, ~~ao seu lado~~, que se parecia com a Virgem Maria, a mãe de Jesus. A mulher sorriu de volta, disse que tomasse cuidado, as coisas não eram tão simples como estava pensando. Maria não deu importância ao conselho, respondeu que era uma pessoa adulta, responsável por ~~suas~~ <sup>Suas</sup> decisões, e não podia acreditar que havia uma conspiração cósmica contra ela. Aprendera que existe gente disposta a pagar mil francos suíços por uma noite, por meia-hora entre suas pernas, e tudo que precisava decidir, nos

próximos dias, era se pegava os mil francos suíços que agora tinha em casa, comprava uma passagem de avião, voltava para a cidade onde nascera. Ou se ficava mais um pouco, o suficiente para comprar uma casa para os pais, belos vestidos, e passagens para lugar onde sonhara visitar um dia.

A mulher invisível ao seu lado tornou a insistir que as coisas não eram tão simples assim, mas Maria, embora contente com a companhia inesperada, pediu que não interrompesse seus pensamentos, a vida era mais complexa do que ela pensava.

Voltou a ~~pensar~~ <sup>considerar</sup>, desta vez com mais cuidado, na possibilidade de retornar ao Brasil. Suas amigas de colégio que nunca tinham saído dali, iriam logo comentar que fora mandada embora do emprego, que jamais tivera talento para ser uma estrela internacional. Sua mãe ficaria triste porque nunca tinha recebido a mesada prometida - embora Maria, em suas cartas, afirmasse que o correio estava roubando o dinheiro. Seu pai lhe olharia o resto da vida com aquela expressão "eu sabia". ~~E~~ <sup>IT</sup> ela voltaria a trabalhar na loja de tecidos ~~e~~ se casaria com o dono, depois de ter viajado de avião, comido queijo suíço na Suíça, aprendido francês, e pisado na neve.

Por outro lado, existiam os drinks de mil francos suíços. Talvez não durasse muito tempo - afinal, a beleza

*muda rápido como o vento -*

~~não dura para sempre~~ - mas podia trabalhar árduo, e em pouco

tempo ter dinheiro para recuperar tudo e voltar ao mundo, desta vez ditando as regras ela mesma. Não sabia o que fazer,

*Seu único problema concreto é que*

como começar; ~~Em seus tempos na boate familiar, conhecera~~

*mas com um pouco de esforço lembrou-se que,*

~~uma moça~~ *Vivian* que mencionara um lugar chamado Rue de Berne.

*Foi até um gigantesco palácio com o mapa da cidade,*

Sua amiga invisível ainda tentou argumentar: não era uma questão de moral, mas de entrar em um caminho sem volta.

*pediu a ajuda de um homem que também estava tentando se localizar. Ele a olhou intrigado, o perfume se sabia aquela*

Maria disse que, se era capaz de ter dinheiro para voltar da Suíça, era capaz de sair de qualquer situação. Além do mais, ~~todas~~ *nenhuma* daquelas pessoas com as quais cruzava no seu passeio, ~~elas se~~ tinham escolhido o que desejavam fazer. Essa era a realidade da vida.

*ela estava exatamente isso que ela queria procurar lá. havia acabado de encontrar um homem com a cabeça do homem de alto a baixo, e sem dizer uma palavra - afastou-se. Com um pouco de trabalho*

"Estamos em um vale de lágrimas" disse para a amiga invisível. "Podemos ter muitos sonhos, mas a vida é dura, implacável, triste. O que você quer me dizer: que irão me ~~condenar?~~ *condenar?* ~~criticar?~~ Ninguém saberá - e isso é só um período de minha vida."

Com um sorriso doce, mas triste, a amiga invisível desapareceu.

*é uma cidade muito pequena) ela conseguiu localizar o endereço, embora reparando que no início da*

Foi até o parque de diversões, comprou uma entrada para a montanha russa, gritou como todos os outros - mas entendendo que não havia perigo, era apenas um brinquedo.

*ua estava com a igreja. "Será que é esse mesmo o nome?"*

*apenas porque sabia que era caso.*

Comeu em um restaurante japonês, ~~mesmo sem entender direito o que comia~~. Estava alegre, não precisava esperar um telefonema, ou contar os centavos que gastava; ~~agora ia~~ *era* ~~dedicar mais tempo a si mesma.~~

*uma pantera em busca das presas e da conquista.*

No final do dia, ligou para a agencia, disse que o encontro foi muito bom, e que estava agradecida. Se fossem sérios, perguntariam sobre as fotos. Se fossem agenciadores de mulheres, arranjariam novos encontros.

Atravessou a ponte , voltou para o pequeno quarto, resolveu que não compraria de jeito nenhum uma televisão, mesmo tendo dinheiro e muitos planos pela frente: precisava pensar, usar todo o seu tempo para pensar. ~~Antes de dormir, escreveu uma única frase em seu diário, mesmo sem estar~~

*ABRIE PAG.*

~~convencida de que dizia:~~ *foi dia de Luis aquela noite, com uma anotação na margem onde diz: "não estou completamente convencida do que escrevi."*

Descobri por que um homem paga por uma mulher: ele quer ser feliz. Não vai pagar mil francos apenas para ter um orgasmo. Ele quer ser feliz. Eu também quero, todo mundo quer, e ninguém

*conseguir. O que tenho a perder? se resolver me transformar por algum tempo em uma... a palavra é difícil de pensar e escrever... mas vamos lá.... o que posso perder se resolver ser uma prostituta por algum tempo?*

A honra. A dignidade. O respeito por mim. Pensando bem, nunca tive nenhuma destas três coisas. Não pedi para nascer,

não consegui alguém que me amasse, sempre  
tomei as decisões erradas - agora estou  
deixando que a vida decida por mim, e  
~~talvez esta seja a melhor atitude.~~

*Enfim, não tenho nada a perder*

ABRIR PAG

A agência telefonou no dia seguinte, e perguntou  
sobre as fotos, e <sup>para</sup> quando seria <sup>o desfile</sup> a matéria, já que tinham uma  
porcentagem por cada trabalho. Maria disse que o árabe devia  
entrar em contacto com eles, e ~~im~~ imediatamente, deduziu <sup>ndo</sup> que  
~~eles~~ não sabiam de nada.

Foi até a biblioteca, e pediu livros sobre sexo. Se  
estava considerando seriamente a possibilidade de trabalhar -  
por um ano apenas, ela havia dito a si mesma - em um assunto  
do qual não conhecia nada, a primeira coisa que precisava  
aprender era como agir, como dar prazer, e como receber  
dinheiro em troca.

Para sua decepção, a bibliotecária disse que tinham  
apenas <sup>alguns</sup> tratados técnicos, ~~já que aquilo~~ <sup>por isso não pôs ali</sup> era uma instituição  
do governo. Maria leu o índice de um tratados técnicos, e  
logo devolveu: não entendiam nada da felicidade, falavam  
apenas de erecção, penetração, impotência, precauções, e  
coisas sem o menor sabor. Por um dado momento, chegou a

considerar seriamente a possibilidade de alugar um texto,  
 "considerações psicológicas sobre a frigidez da mulher", já  
 que, ~~como cansara de experimentar~~, só conseguia ter orgasmos  
 através da masturbação, embora fosse muito agradável ser  
 possuída e penetrada por um homem.

Mas não estava ali em busca de prazer, e sim de  
 trabalho. Agradeceu a bibliotecária, passou em uma loja e fez  
 seu primeiro investimento na possível carreira que se  
 delineava no horizonte - ~~algo~~ <sup>coisas</sup> que considerava sexy o  
 suficiente para despertar todo tipo de desejo. Em seguida, ~~se~~  
 foi ao lugar onde havia escutado falar: ~~uma rua com~~ várias  
 boates, todas fechadas naquela hora do dia. Tornou a passear  
 em volta do lago, comprou - sem qualquer constrangimento -  
 cinco revistas pornográficas para estudar o que eventualmente  
 deveria fazer, esperou a noite, e dirigiu-se de novo à tal  
 rua, ~~chamada Rue de Berne. Ali, escolheu por acaso~~ <sup>estabelecimento</sup> ~~chamada Rue de Berne~~ <sup>chamada Rue de Berne</sup>. Ali, escolheu por ~~acaso~~ <sup>acaso</sup> um bar com  
 o sugestivo nome brasileiro de "Copacabana".

*sempre formava  
 um tipo de  
 relações  
 com ela que, seu  
 se*

Não tinha decidido nada, dizia para si mesma. Era  
 apenas uma experiência. Nunca sentira-se tão bem e tão livre  
 em todo o tempo que passara na Suíça.

- Está procurando emprego - disse o dono, que  
 lavava copos por detrás de um balcão. O lugar consistia em

uma série de mesas, um canto com uma espécie de pista de danças, e alguns sofás encostados nas paredes. - Nada feito. Para trabalhar aqui, já que obedecemos a lei, é preciso ter pelo menos uma carteira de trabalho.

Maria mostrou a sua, e o homem pareceu melhorar seu mal-humor.

- Tem experiência?

Ela não sabia o que dizer: se disesse que sim, ele iria perguntar onde trabalhara antes. Se negasse, ele seria capaz de recusa-la.

- Estou escrevendo um livro.

A idéia saíra do nada, como se uma voz invisível lhe ajudasse naquele momento. Notou que o homem sabia que era uma mentira, e fingia que acreditava.

- Antes de tomar qualquer decisão, ~~converse~~ <sup>fale</sup> com algumas das moças. Temos pelo menos seis brasileiras, e você poderá saber tudo o que lhe espera.

Maria quis dizer que não precisava de conselhos de ninguém, que tampouco tinha tomado uma decisão, mas o homem já se movera para o outro lado do bar, deixando-a sozinha, sem sequer um copo de água para beber.

As moças foram chegando, o dono identificou algumas brasileiras, e pediu que conversassem com a recém-chegada. Nenhuma delas parecia disposta a obedecer, Maria deduziu que

tinham medo da concorrência. O som da boate foi ligado, algumas canções brasileiras começaram a tocar (afinal, o lugar chamava-se "Copacabana"), entraram moças de traços asiáticos, outras que pareciam ter saído das montanhas nevadas e românticas ~~que estavam~~ em torno de Geneve.

Finalmente, depois de quase duas horas de espera, muita sede, alguns cigarros, uma sensação cada vez mais profunda que que estava tomando uma decisão errada, uma repetição mental infundável da frase "o que estou fazendo aqui?", e uma irritação com a total ausência de interesse tanto do proprietário, como das meninas, uma das brasileiras terminou se aproximando.

- Por que escolheu este lugar?

Maria podia voltar para a historia do livro, ou fazer o que fizera com relação aos curdos e a Joan Miro: dizer a verdade.

*Escolhi pelo nome,*

- Por que não sei por onde começar. E tampouco sei se quero começar.

A moça pareceu ter ficado surpresa com o comentário direto e franco. Bebeu um trago de algo que parecia uísque, escutou uma música brasileira que tocava, fez comentários sobre as saudades de sua terra, disse que o movimento ia ser fraco aquela noite, porque tinham cancelado um grande congresso internacional que acontecia nas proximidades de

Geneve. No final, quando notou que Maria não ia embora, disse:

- É muito simples, você deve obedecer a três regras. A primeira: não se apaixone por ninguém com quem trabalha ou com quem faz amor. A segunda: não acredite em promessas, e cobre sempre adiantado. A terceira: não use drogas.

Deu uma pausa.

- E comece logo. Se voltar hoje para casa sem ter arranjado um homem, irá pensar duas vezes, e não terá coragem de voltar.

Maria tinha ido preparada apenas para uma consulta, uma informação sobre suas possibilidades de um trabalho provisório. Mas percebeu que estava diante <sup>doquele sentimento</sup> ~~da mesma coisa~~ que faz as pessoas tomarem decisão rapidamente - desespero! - e enfrentou o desafio.

- Está bem. Começo hoje.

Não confessou que havia começado ontem. A mulher foi até o dono, <sup>a quem</sup> ~~que~~ chamou de ~~Milan~~, e este veio conversar com Maria.

- Está com roupa de baixo bonita?

Ninguém jamais tinha lhe feito essa pergunta. Nem seus namorados, nem o árabe, nem suas amigas, muito menos um

estranho. Mas então era assim a vida naquele lugar: direto ao assunto.

- Estou com uma calcinha azul claro.

"E sem sutiã" acrescentou, provocativa. Mas tudo que conseguiu foi uma reprimenda:

- Amanhã, use calcinha preta, sutiã e meias compridas. Faz parte do ritual tirar o máximo de roupas possível.

Sem perder mais tempo, e agora com a certeza de que estava diante de alguém que começava, Milan ensinou-lhe o resto do ritual: o Copacabana devia ser um lugar agradável, e não um prostíbulo. Os homens entravam naquela boate querendo acreditar que iriam encontrar uma mulher desacompanhada, sozinha. Se alguém se aproximasse de sua mesa, e não fosse interrompido no percurso (porque, além de tudo, existia o conceito de "cliente exclusivo de certas meninas"), com toda certeza diria:

"Quer beber alguma coisa?"

Ao que Maria podia responder sim ou não. Era livre para decidir sua companhia, embora fosse desaconselhável dizer "não" mais de uma vez por noite. Caso respondesse afirmativamente, pediria um coquetel de frutas, que (por casualidade) era a bebida mais cara da lista. Nada de álcool, nada de deixar que o cliente escolhesse por ela.

Depois, devia aceitar um eventual convite para dançar. A maioria dos freqüentadores era conhecida, e, exceto pelos "clientes exclusivos", sobre o qual não entrou em detalhes, ninguém representava qualquer risco. A polícia e o ministério da Saúde exigiam exames de sangue mensais, para ver se não eram portadoras de doenças sexualmente transmitidas. O uso do preservativo era obrigatório, embora não tivessem como vigiar se esta norma estava sendo ou não cumprida. Não podiam jamais criar um escândalo - Milan era casado, pai de família, preocupado com sua reputação e o bom nome de sua boate.

Continuou explicando o ritual: depois de dançar, voltavam para a mesa, e o cliente, como se estivesse dizendo algo inesperado, a convidava para ir a um hotel com ele. O preço normal era 350 francos, dos quais 50 francos ficariam para Milan, a título de aluguel da mesa (um artifício legal para evitar, no futuro, complicações <sup>Jurídicas</sup> ~~legais~~ e acusação de explorar o sexo com fins lucrativos).

Maria ainda tentou argumentar:

- Mas eu ganhei mil francos por..

O dono fez menção de afastar-se, mas a brasileira, que assistia a conversa, interferiu:

- Ela está brincando.

E virando-se para Maria, disse em bom e sonoro português:

- Este é o lugar mais caro de Geneve (ali a cidade se chamava Geneve, e não Genebra). Nunca repita isso. Ele conhece o preço do mercado, e sabe que ninguém vai para a cama por mil francos, *exceto talvez com os "clientes especiais"*.

Os olhos de Milan, que mais tarde Maria descobriria ser um iugoslavo que ali vivia há vinte anos, não deixavam margem a qualquer dúvida:

- O preço é 350 francos.

- Sim, o preço é este, disse uma humilhada Maria.

Primeiro, ele pergunta qual a cor de sua roupa de baixo. Em seguida, decide o preço do seu corpo.

Mas não tinha tempo de pensar, o homem continuava dando instruções: não devia aceitar convites para ir a casas ou a hotéis que não fossem cinco estrelas. Se o cliente não tivesse onde levá-la, ela iria a um hotel localizado a cinco quadras dali, mas sempre de táxi, para evitar que outras mulheres de outras boates em Rue de Berne se *acostumassem* familiarizassem com seu rosto - Maria não acreditou nisso, pensou que a verdadeira razão fosse perder o cliente no percurso, ou receber um convite para trabalhar em melhores condições, em outra boate. Mas guardou seus pensamentos para si mesma, já que bastava a discussão sobre o preço.

- Repito mais uma vez: assim como no caso dos policiais no cinema, jamais beba enquanto trabalha. Vou deixá-la, o movimento começa daqui a pouco.

- Agradeça-o - disse, em português, a brasileira. Maria agradeceu. O homem sorriu, mas ainda não tinha terminado sua lista de recomendações:

- Esqueci algo: o tempo entre o pedido de bebida e o momento de sair não devia ultrapassar, de nenhuma maneira, 45 minutos - e na Suíça, com relógios por todos os lados, até iugoslavos e brasileiros aprendem a respeitar o horário. Lembre-se que eu alimento meus filhos com sua comissão.

Estava lembrado.

*##*

Deu-lhe um copo de água mineral com gás e limão - podia facilmente passar por gim tônica - e pediu que aguardasse. Aos poucos, a boate começou a encher; os homens entravam, olhavam em volta, sentavam-se sozinhos, e logo aparecia alguém da casa, como se fosse uma festa e todos se conhecessem a muito tempo, *divertiam*, e agora estavam aproveitando para divertir-se um pouco ~~depois de~~ um longo dia de trabalho. A cada homem que arranjava uma companhia, Maria suspirava, *agora já colheu-se sentindo-se muito mais* aliviada, embora se ~~sentisse~~ melhor do que havia imaginado. Talvez porque fosse a Suíça, talvez porque, cedo ou tarde, encontraria aventura, dinheiro, ou um marido como sempre

sonhara. Talvez porque - agora se dava conta - era a primeira vez em muitas semanas que saía de noite e ia para um lugar onde tocavam música e onde podia, de vez em quando, escutar alguém falando português. ~~Escutava~~ <sup>Divertia-se</sup> as meninas a sua volta, rindo, tomando coquetel de frutas, conversando alegremente.

Nenhuma delas tinha vindo lhe cumprimentar ou lhe desejar sucesso em sua nova profissão, mas isso era normal, afinal de contas era uma concorrente, adversária, disputando o mesmo troféu. Ao invés de ficar deprimida, sentiu orgulho - estava lutando por si mesma, e não era uma pessoa desamparada. Podia, assim que quisesse, abrir a porta e ir embora para sempre, mas iria sempre se lembrar que tivera coragem de chegar até ali, negociar e discutir sobre coisas sobre as quais, em nenhum momento da sua vida, ousara pensar. Não era uma vítima do destino, repetia a cada minuto: estava correndo seus riscos, indo além dos seus limites, vivendo coisas que um dia, no silencio do seu coração, nos momentos cheios de tédio da velhice, poderia se lembrar com uma certa dose de saudade - por mais absurdo que isso pudesse parecer, ~~a todos.~~

Tinha certeza que ~~passaria aquela noite sem que~~ <sup>ia se aproximar dela,</sup> ninguém ~~se aproximasse,~~ e amanhã tudo não passaria de uma espécie de sonho louco, que ela jamais ousaria repetir - porque acabara de se dar conta que mil francos por uma noite

só acontece uma vez, era mais seguro comprar o bilhete de avião para o Brasil. Para que o tempo passasse mais rápido, começou a fazer contas de quanto ganhava cada uma daquelas moças: se saíssem três vezes por ~~noite~~ <sup>dia</sup>, conseguiriam a cada quatro horas de trabalho, o equivalente a dois meses de seu salário na loja de tecidos.

Tudo isso? Bem, ela ganhara mil francos em uma noite, mas talvez fosse sorte de principiante. De qualquer maneira, os rendimentos de uma prostituta normal era mais, muito mais do que poderia conseguir dando aulas de francês da sua terra. Tudo isso tendo como único esforço ficar em um bar durante algum tempo, dançar, abrir as pernas, e ponto final. Nem mesmo conversar era necessário.

Dinheiro podia ser uma razão, continuou pensando. Mas era tudo? Ou as pessoas que estavam ali, clientes e mulheres, conseguiam se divertir de alguma maneira? Será que o mundo era bem diferente do que lhe haviam contado na escola? Se usasse preservativo, não havia nenhum risco, nem mesmo o de ser reconhecida <sup>(por alguém da sua terra)</sup> ~~um dia~~; ninguém visita Geneve, exceto - como lhe disseram uma vez no curso - os que gostavam

de frequentar bancos. Mas os brasileiros, em sua maioria, <sup>gostam de frequentar lojas em</sup> ~~sonhavam em ir para~~ Miami ou Paris, mas jamais <sup>na</sup> Suíça. T

rezentos francos por dia, cinco dias por semana.

Uma fortuna! O que aquelas meninas continuavam a fazer ali,

se em um mês tinham dinheiro suficiente para voltar para comprar uma casa para suas mães? Será que estavam trabalhando a pouco tempo?

Ou... e Maria teve medo da própria pergunta - ou será que era bom?

De novo sentiu ~~muita~~ vontade de beber - a champagne ajudara muito no dia anterior.

- Aceita um drink?

Diante dela, um homem de aproximadamente 30 anos, uniforme de uma companhia aérea.

O mundo entrou em câmara lenta, e Maria experimentou uma sensação de sair do seu corpo, e observar-se do lado de fora. Morrendo de vergonha, mas lutando para controlar o rubor de sua face, fez que sim com a cabeça, sorriu, e entendeu que a partir daquele minuto sua vida tinha mudado para sempre. ~~- mesmo que fosse apenas aquela noite, e jamais retornasse ali.~~

Coquetel de frutas, conversa, o que está fazendo aqui, está frio, não é verdade? Gosto desta musica, pois eu prefiro Abba, os suíços são frios, você é do Brasil? Conte-me sobre terra. Tem carnaval. As brasileiras são lindas, você sabia?

Sorrir e aceitar o elogio, fazer talvez um ar meio tímido. Dançar de novo, mas prestando atenção ao olhar de

Milan, que as vezes coça a cabeça <sup>e aponta</sup> ~~para que ela veja~~ o relógio em seu pulso. Cheiro de perfume do homem, entende rápido que precisa se acostumar com cheiros. Pelo menos este é de perfume. Dançam agarrados. Mais um coquetel de frutas, o tempo está passando, ele não tinha dito que eram 45 minutos? Olha o relógio, ele pergunta se está esperando alguém, ela diz que daqui a uma hora, <sup>virão alguns amigos,</sup> ele a convida para sair. Hotel, 350 francos, ducha após o sexo (o homem comentou, intrigado, que ninguém tinha feito isso antes). Não é Maria, é alguma outra pessoa que está em seu corpo, que não sente nada, apenas cumpre mecanicamente uma espécie de ritual. É uma atriz. Milan tinha ensinado tudo, menos como despedir-se do cliente, ela agradece, ele também está sem jeito, e com sono.

Reluta, quer voltar para casa, mas deve ir a boate entregar os 50 francos, e então novo homem, novo coquetel, perguntas sobre o Brasil, hotel, ducha de novo (desta vez sem comentários), retorna ao bar, o dono pega sua comissão, diz que pode ir embora, o movimento está fraco aquele dia. Não toma um táxi, cruza toda a Rue de Berne a pé, olhando as <sup>as vitrines com relógios, a loja na esquerda,</sup> outras boates, ~~sendo olhada.~~ <sup>com o tempo, ninguém olha de perto,</sup>

Caminha pelo frio. Não sente a temperatura, não chora, não pensa no dinheiro que ganhou, está em uma espécie de transe. Algumas pessoas nasceram para encarar a vida

sozinhas, isso não é bom nem mau, apenas a vida. Maria ~~era~~ <sup>a</sup> uma destas pessoas. 85

Começa a fazer força para refletir sobre o que aconteceu, começou hoje e entretanto já se considera uma profissional, parece que foi há muito tempo, que fez isso toda a sua vida. Tem um estranho amor por si mesma, está contente por não ter fugido. Precisa agora decidir se vai seguir adiante. Se seguir, irá ser a melhor - coisa que nunca foi, em momento algum.

Mas a vida estava lhe ensinando - muito rápido - que só os fortes sobrevivem. Para ser forte, precisa ser mesmo a melhor, não há alternativa.

*— c. Abriu passiva —*

Do diário de Maria, uma semana depois:

*Eu não sou um corpo que tem uma alma, sou uma alma que tem uma parte visível, chamada corpo. Durante todos estes dias, ao contrario do que podia imaginar, esta alma esteve muito mais presente. Não me dizia nada, não me criticava, não sentia pena de mim: apenas me observava.*

*Hoje eu me dei conta de porque isso acontecia: há muito tempo não penso*

em algo chamado amor. Parece que ele está fugindo de mim, como se não fosse mais importante, e não se sentisse bem-vindo.

Posso continuar meu trabalho, fazer minhas alianças com as meninas - porque sei que jamais elas serão minhas amigas, não se interessam pela minha vida, eu não me interessou pela vida delas, mas dependemos umas das outras. Estamos todas mergulhando no mesmo oceano, e precisamos tocar o fundo, para poder voltar à tona.

Mas, se não pensar em amor, não serei nada.

Quanto voltei ao "Copacabana", no segundo dia, já era vista com muito mais respeito - pelo <sup>que entendi,</sup> ~~visto~~, muitas garotas <sup>por</sup> ~~ali~~ aparecem <sup>em</sup> uma noite, e não agüentam continuar. Quem vai adiante, passa a ser uma espécie de aliada, de companheira - porque pode entender as dificuldades e as razões, ~~o~~ ou melhor dizendo, a ausência de razões por ter escolhido este tipo de vida.

Todas sonham com alguém que chegue e ~~as~~ descubram ~~como~~ verdadeiras ~~as~~

mulheres, companheiras, sensuais, amigas.

Mas todas sabem, desde o primeiro minuto de um novo encontro, que nada disso irá acontecer.

Preciso escrever sobre amor.

Preciso pensar, pensar, escrever e escrever sobre amor - ou minha alma não agüenta.

— ARRIL PG —

Mesmo pensando que o amor era algo tão importante, Maria não se esqueceu do conselho que recebera na primeira noite, e procurou vive-lo apenas nas paginas do seu diário. De resto, procurava desesperadamente um meio de ser a melhor, conseguir muito dinheiro em pouco tempo, não pensar muito, e encontrar uma boa razão para aquilo que fazia.

*Era era a parte mais difícil: qual a verdadeira razão? Fazia aquilo porque precisava. Não era bem assim -*

todo mundo ~~sempre~~ precisa de ganhar dinheiro, e nem todos escolhem viver completamente à margem da sociedade. Fazia porque estava querendo ter uma experiencia nova. Tampouco; o mundo estava cheio de experiências novas - como esquiar ou andar de barco no lago de Geneve, por exemplo - que ela jamais tinha ousado. Fazia porque já não tinha mais nada a perder, sua vida era uma frustração diária e constante.

*Não, nada*

~~Será? De qualquer maneira, esta seria, no momento, a melhor explicação que conseguia dar à si mesma. Descobriu~~

*Não, nenhuma das respostas era verdadeira, melhor esqueceu o assunto e simplesmente continuou fazendo vivendo o que o destino colocava no seu caminho*

que tinha muita coisa em comum com as outras prostitutas, e com o resto das mulheres que conhecera em sua vida: casar e ter uma vida segura era o maior de todos os sonhos. As que não pensavam nisso, ou tinham marido (quase um terço de suas companheiras era casada), ou vinham de uma experiência recente de divórcio. *Como nós conseguia encontrar uma boa razão para o seu próprio comportamento,* De qualquer maneira, ~~era sempre preciso buscar uma razão para o que se faz,~~ e Maria começou a perguntar - com todo o cuidado - porque suas companheiras tinham escolhido aquela profissão.

Não ouviu nenhuma novidade. Diziam que precisavam ajudar o marido em casa (e os ciúmes? E se aparecesse um amigo do marido? Mas não teve *ir tão longe* coragem de ~~perguntar~~), comprar uma casa para a mãe (*suá mãe* igual a desculpa de Maria, que parecia nobre, mas era *a mãe* comum), arranjar dinheiro para a passagem de volta (colombianas, tailandesas, peruanas, brasileiras, adoravam este motivo, embora já tivessem ganhado muitas vezes o dinheiro, e logo se desfeito dele, com medo de realizar o sonho), prazer (não combinava muito com o ambiente, soava falso), não tinha conseguido fazer mais nada (também não era uma boa razão, a Suíça estava cheia de empregos como faxineira, chofer, cozinheira).

Enfim, não descobriu nenhum bom motivo, e parou de tentar explicar a ~~si mesma.~~ *o universo ao seu redor.*

Viu que o proprietário, Milan, tinha razão: nunca mais ninguém tinha lhe oferecido mil francos suíços por passar algumas horas com ela. Por outro lado, ninguém reclamava quando pedia 350 francos, como se já soubessem, e perguntassem apenas para humilhar - ou para não terem surpresas desagradáveis.

Uma das meninas comentou:

- A prostituição é um negócio totalmente ao contrario dos outros; quem começa ganha mais, quem tem experiência ganha menos. Finja que é sempre uma iniciante, ou terminará deixando seu salário de ser diretora, e se transformará em uma simples estagiária.

Ainda não sabia o que eram os "clientes especiais", ~~na~~ tema que tinha sido apenas mencionado na primeira noite, e que tanto Milan como as mulheres jamais tocavam. Aos poucos, foi aprendendo alguns dos truques mais importantes da profissão, como nunca perguntar pela vida pessoal, sorrir e falar o mínimo possível, não marcar jamais encontros fora da boate. O conselho mais importante veio de uma filipina chamada Nyah:

- Você deve gemer na hora do orgasmo. Isso faz com que o cliente permaneça fiel a você.

- Mas por que? Eles estão pagando para se satisfazerem.

- Você está enganada. Um homem não prova que é macho quando tem uma ereção. Ele é macho se é capaz de dar prazer a uma mulher. Se for capaz de dar prazer a uma prostituta, então, ele vai se julgar o melhor de todos.

— ABRIR PAGINA —

Do diário de Maria:

~~Todas pensamos a mesma coisa, e ninguém fala sobre o tema: amor. As vezes, antes que cheguem os clientes, ficamos discutindo sobre ~~isso~~ <sup>amor</sup> - mas de maneira indireta, como se fosse muito perigoso encarar de frente a paixão que gostaríamos de sentir, mas não podemos.~~

Não conheci, até agora, nenhuma prostituta suíça. <sup>entenda o</sup> Todas vieram de longe, e tem esta experiência ~~do~~ desconhecido. Da mesma maneira, o amor é um novo país que lhe chama, uma viagem em um universo difícil e desconhecido, mas que vale a pena. É o fio condutor, o mapa que lhe guia no jogo da vida. Ela nos diz: faça isso, não faça isso. Ela nos mostra quando é que a luz brilha mais, e quando se apaga.

Não vale a pena dominar a paixão, porque se perde o aprendizado.

*Das palavras, mas não sei.*  
Mesmo assim, estamos dispostas a aprender sobre tudo, menos sobre aquilo que é mais importante em nossas vidas.

## ABRIR PAZM

E assim se passaram seis meses: Maria aprendeu todas as lições que precisava, - como, por exemplo, o funcionamento do "Copacabana." Sendo um dos lugares mais caros de Rue de Berne, a clientela era composta em sua maioria de executivos, que tinham a permissão de chegar tarde em casa, já que estavam "jantando fora com clientes", mas o limite para estes "jantares" não devia ultrapassar as 23:00 hs. A maioria das prostitutas que ali trabalhavam tinham entre 18 e 22 anos, e ficavam uma média de dois anos na casa, logo sendo substituídas por outras recém-chegadas. Iam então para o Néon, logo para o Xenium, e a medida que a idade da mulher aumentava, o preço descia, e as horas de trabalho se evaporavam. Terminavam quase todas no Galaxy, que aceitava mulheres com mais de trinta anos - mas uma vez chegada ali,

tinham como saída apenas sustentar-se, arranjando o suficiente para o almoço e aluguel com um ou dois estudantes por dia (media de preço por saída: 10 francos).

~~Saiu~~ <sup>foi para a cama</sup> com muitos homens. Jamais se importava com a idade, ou com as roupas que usavam, mas o seu "sim" ou "não" dependia do cheiro que exalavam. Nada tinha contra o cigarro, mas detestava os perfumes baratos, os que não tomavam banho, e os que tinham as roupas impregnadas de bebida. O "Copacabana" era um lugar tranquilo, e a Suíça talvez fosse o melhor país do mundo para se trabalhar como prostituta - desde que tivesse permissão de residência e trabalho, papéis em dia, e pagasse o seguro social religiosamente; Milan viva repetindo que não desejava que seus filhos o vissem nas paginas de jornais sensacionalistas, e conseguia ser mais rígido que um policial, quando se tratava de verificar a situação de suas contratadas.

Enfim, uma vez vencida a barreira da primeira ou da segunda noite, ~~te dos preconceitos que a cercavam~~, era uma profissão como qualquer outra, onde se trabalhava duro, lutava-se contra a concorrência, esforçava-se para manter um padrão de qualidade, cumpria-se horários, estressava-se um pouco, reclamava-se do movimento, e descansava-se aos domingos. A maior parte das prostitutas tinha algum tipo de

fé, e frequentavam seus cultos, suas missas, suas preces, seus encontros com Deus.

Maria, porém, lutava com as páginas do seu diário para não perder sua alma, ~~seu encontro com Deus e consigo mesma~~. Descobriu, para sua surpresa, que um em cada cinco clientes não estava lá para fazer amor, mas para conversar um pouco. Pagavam o preço da tabela, o hotel, e na hora de tirar a roupa diziam que não era necessário. Queriam falar das pressões do trabalho, da mulher que os traia com alguém, do fato de se sentirem sozinhos, sem ter com quem conversar <sup>ela</sup> (Maria conhecia bem esta situação).

No início, achou muito estranho. Até que um dia, quando ia para o hotel <sup>com</sup> de um importante francês, encarregado de caçar talentos para altos cargos executivos ( ele lhe explicava isso como se fosse a coisa mais interessante do mundo), ouviu do seu cliente o seguinte comentário:

- Sabe quem é a pessoa mais ~~importante~~ solitária do mundo? É o executivo que tem uma carreira bem sucedida, ganha um salário enorme, recebe a confiança de quem está acima e abaixo dele, tem uma família com quem passa as férias, filhos com os quais ajuda nos deveres escolares, e um belo dia aparece um tipo como eu, com a seguinte proposta: "voce quer mudar de emprego, ganhando o dobro?"

"Esse homem, que tem tudo para sentir-se desejado e feliz, torna-se a pessoa mais miserável do planeta. Por que? Por que não tem com quem conversar. Está tentado a aceitar minha proposta, e não pode comenta-la com os colegas do trabalho, pois estes fariam tudo para convence-lo a ficar onde está. Não pode falar com a mulher, que durante anos acompanhou sua carreira vitoriosa, entende muito de segurança, mas não entende de riscos. Não pode falar com ninguém, e está diante da grande decisão da sua vida. Você pode imaginar o que sente este homem?"

Não, não era essa a pessoa mais solitária do mundo, porque Maria conhecia a pessoa mais sozinha da face da terra: ela mesma. Mesmo assim, concordou com seu cliente, na esperança de uma boa gorjeta - que terminou acontecendo. E a partir daquele comentário, entendeu que precisava descobrir algo para liberar seus clientes da pressão enorme que pareciam carregar; isso significaria uma melhora na qualidade dos seus serviços, e uma possibilidade de dinheiro extra.

Voltou a freqüentar a biblioteca, quando entendeu que liberar a tensão da alma era tão ou mais lucrativo que liberar a tensão do corpo. Começou a pedir livros sobre problemas conjugais, psicologia, política, e a bibliotecária estava encantada - porque a menina pela qual tinha tanto carinho, desistira de ficar pensando em sexo e agora se

concentrava em coisas mais importantes. Passou a ler regularmente os jornais, acompanhando, sempre que possível, as páginas de economia - já que a maior parte dos seus clientes eram executivos. Pediu livros de auto-ajuda - pois quase todos lhe pediam conselhos. Estudou tratados sobre a emoção humana - uma vez que todos sofriam, por uma razão ou por outra. Maria era uma prostituta respeitável, diferente, e no final dos seis meses de trabalho, ~~já trabalhava sem parar,~~ *Tinha uma clientela fiel - muito grande e muito fiel,* despertando a inveja, o ciúme, mas também a admiração das companheiras.

Quanto ao sexo, até aquele momento nada tinha acrescentado a sua vida: era abrir as pernas, exigir que colocasse um preservativo, gemer um pouco para aumentar a possibilidade de uma gorgeta (~~sim, porque como em qualquer trabalho, também existia a possibilidade da gorgeta,~~ e graças à filipina Nyah ela descobrira que os gemidos podiam render 50 francos a mais), e tomar uma ducha logo após a relação, de modo que a água lavasse um pouco <sup>5</sup> sua alma. Nada de variações. Nada de beijo - o beijo, para uma prostituta, era mais sagrado que qualquer outra coisa. ~~Também fora Nyah que~~ lhe ensinara que devia conservar o beijo para o amado da sua vida, igual ao conto da Bela Adormecida; um beijo que a faria despertar do sono, e voltar ao mundo do conto de fadas, no

qual a Suíça se transformava de novo no o país do chocolate, das vacas, e dos relógios, e dos bancos.

Também nada de orgasmos, prazer, ou coisas excitantes. Na busca para ser a melhor de todas, Maria andara assistindo algumas sessões de filmes pornográficos, esperando aprender algo que pudesse usar no seu trabalho. Tinha visto muita coisa interessante, mas que não se animava a usar com os seus clientes - demoravam muito, e Milan sempre ficava contente quando as mulheres se encontravam com três pessoas por noite.

~~BRUNO RAGHINI COZZI~~

No final deste meio ano, Maria tinha colocado 60.000 francos no banco, passado a comer em restaurantes mais caros, comprado uma TV a cores (que nunca usava, mas que gostava de ter perto) e agora considerava seriamente a possibilidade de mudar para um apartamento melhor. Já podia comprar livros, mas continuava a frequentar a biblioteca, que era sua ponte para um mundo real, mais sólido e mais duradouro. Gostava de conversar aqueles minutos com a bibliotecária, que estava feliz porque Maria finalmente arranjava um amor, e talvez um emprego, embora não perguntasse nada, já que os suíços são tímidos e discretos ( verdadeira mentira, porque no "Copacabana" e na cama eram

desinibidos, alegres ou complexados como qualquer outro povo do mundo).

— ABREIR PAG —

Do diário de Maria, em uma tarde morna de domingo:

*Todos os homens, baixos ou altos, arrogantes ou tímidos, simpáticos ou distantes, tem uma característica em comum: chegam na boate com medo. Os mais experientes escondem seu pavor falando alto, os inibidos não conseguem disfarçar e começam a beber para ver se a sensação vai embora. Mas não tenho dúvida, com raríssimas exceções - e estes são os "clientes especiais", que Milan ainda não me deixou aproximar - eles estão assustados.*

*Com medo de que? Na verdade, eu é quem devia estar tremendo. Sou eu quem saio, vou para um lugar estranho, não tenho força física para ~~sobrepujá-los~~, não <sup>resistir a uma agressão,</sup> carrego armas. Os homens são muito estranhos, e não estou falando apenas daqueles que vêm até o "Copacabana", mas*

*Falar com eles*  
*mas*  
*nas*  
*agulla*  
*sempre*  
*o*  
*casos*  
*esse*  
*uma*  
*mulher*  
*que*  
*o*  
*assurto*  
*o*  
*automele*  
*a*  
*todos*  
*os*  
*seus*  
*caprichos.*

de todos que conheci até hoje. Podem bater, podem gritar, podem ameaçar, mas morrem de medo de uma mulher.

*tudo isso é um disfarce tb,*  
*porque se vai o pau no fundo dos*  
*olhos deles, verá que todos*

ABRIR PAO

Os homens que conhecera desde que chegara em Geneve faziam tudo para parecerem seguros de si, como se governassem o mundo e suas próprias vidas; mas ali atrás estava o terror da esposa, o pânico de não conseguir ter uma ereção, de não serem machos o suficiente nem diante de uma simples prostituta, a quem estavam pagando. Se fossem a uma loja e não lhes agradasse o calçado, seriam capazes de voltar com o recibo na mão, e exigir o reembolso. Entretanto, embora também estivessem pagando por uma ~~prostituta~~ *mulher*, se não tivessem uma ereção jamais voltariam à mesma boate, porque achavam que a historia já estaria espalhada entre todas *as* *estras* mulheres dali, e isso era uma vergonha.

~~Isso: vergonha.~~

"Sou eu quem devia ter vergonha. Mas, na verdade, são eles que tem".

Para evitar estes constrangimentos, Maria procurava deixa-los sempre a vontade, e quando algum deles parecia mais bêbado ou mais frágil que o normal, evitava o sexo, e concentrava-se apenas em carícias e masturbação - o que os

deixava muito contentes, por mais absurdo que fosse, já que podiam mastubar-se sozinhos.

*em situações,*

Era preciso sempre evitar que ficassem envergonhados. Aqueles homens, tão poderosos e arrogantes em seus trabalhos, lidando sem parar com empregados, clientes, fornecedores, preconceitos, segredos, falsas atitudes, hipocrisia, medo, opressão, terminavam o dia em uma boate, e não se importavam em pagar 350 francos suíços deixarem de ~~para não serem~~ eles mesmos durante a noite.

"Durante a noite? Ora, Maria, você está exagerando. Na verdade, são 45 minutos, e mesmo assim, se descontarmos tirar a roupa, fazer algum falso carinho, conversar alguma coisa óbvia, vestir a roupa, reduziremos este tempo para onze minutos de sexo propriamente dito."

Onze minutos. O mundo girava em torno de algo que demorava apenas onze minutos.

E por causa destes onze minutos em um dia de 24 horas (considerando que todos faziam amor com suas esposas, todos os dias, o que era um verdadeiro absurdo e uma mentira completa), eles se casavam, sustentavam a família, aguentavam o choro das crianças, se desmanchavam em explicações quando chegavam tarde em casa, olhavam dezenas, centenas de outras mulheres com quem gostariam de passear em torno do lago de Geneve,, compravam roupas caras para eles, roupas mais caras ainda para elas, pagavam prostitutas para compensar o que

estava faltando, sustentavam uma gigantesca industria de cosméticos, dietas, ginástica, pornografia, poder - e quando se encontravam com outros homens, ao invés do que dizia a lenda, jamais falavam de mulheres. Conversavam sobre empregos, dinheiro e esporte.

Alguma coisa andava muito errada com a civilização; e esta coisa não era o desmatamento amazônico, a camada de ozônio, a morte dos pandas, o cigarro, os alimentos cancerígenos, a situação nas penitenciarias, como diziam os jornais. Era exatamente aquilo <sup>em</sup> que trabalhava: o sexo.

Mas Maria não estava ali para salvar a humanidade, e sim para aumentar sua conta bancária, sobreviver por mais seis meses à solidão e à escolha que fizera, enviar regularmente uma mesada para a sua mãe (que ficou muito contente ao saber que a ausência de dinheiro era devida apenas aos correios suíços, que não funcionavam tão bem como o correio brasileiro), comprar tudo que sempre sonhara e jamais tivera. <sup>Mudou-se para um</sup> ~~Estava agora morando em um~~ apartamento muito melhor, com calefação central (embora o verão já tivesse chegado), e da sua janela podia ver uma igreja, um restaurante japonês, um supermercado, e um simpático café, que costumava frequentar para ler um pouco os jornais. De resto, conforme prometera a si mesma, era só agüentar mais meio ano na rotina de sempre: Copacabana, aceita um drink,

dançar, o que acha do Brasil, hotel, cobrar adiantado, conversa e saber tocar nos pontos exatos - tanto no corpo como na alma, principalmente na alma - ajudar nos problemas íntimos, ser amiga por meia hora, das quais onze minutos serão gastos em abre perna, fecha perna, gemidos fingindo prazer. Obrigado, espero Vê-lo na próxima semana, você é realmente um homem, vou ouvir o resto da história na próxima vez que nos encontrarmos, excelente gorgeta, afinal não precisava porque eu tive muito prazer em estar com voce.

E, sobretudo, jamais se apaixonar. Este, de todos os conselhos que a brasileira lhe dera - antes de sumir, talvez porque se apaixonou - era o mais importante, o mais sensato. Porque, por incrível que pudesse parecer, em dois meses de trabalho já tivera várias propostas de casamento, sendo que pelo menos três eram muito sérias: um ~~executivo~~ <sup>diretor</sup> de uma firma de contabilidade, o tal piloto com quem saíra na primeira noite, e o dono de um restaurante na parte alta da cidade. Os três lhe prometeram "tirá-la daquela vida", e dar-lhe uma casa decente, um futuro, talvez filhos e netos.

Tudo por apenas onze minutos por dia? Não era possível. ~~Descobriu, no decorrer~~ <sup>Agora, depois</sup> de sua experiência no Copacabana, ~~que não~~ <sup>sebia</sup> era ela a única pessoa a sentir-se sozinha. E o ser humano pode tolerar uma semana de sede, duas semanas de fome, muitos anos sem teto - mas não pode tolerar

a solidão. É a pior de todas as torturas, de todos os sofrimentos. Aqueles homens, e os muitos outros que queriam sua companhia, sofriam como ela ~~desta sensação destruidora,~~ *este sentimento destruidor* ~~de que ninguém nesta terra se importava com eles.~~ *a sensação*

Para evitar tentações *do amor,* seu coração estava apenas em seu diário. Entrava no Copacabana apenas com seu corpo e seu cérebro, cada vez mais perceptivo, mais afiado. ~~Estava agora convencida~~ *Conseguiria convencer-se* que chegara a Geneve e terminara em Rue de Berne por alguma razão maior, e cada vez que alugava um livro na biblioteca, confirmava: ~~que~~ *que* ninguém escrevera direito sobre estes onze minutos mais importantes do dia. Talvez fosse esse o seu destino, por mais duro que pudesse parecer no momento: escrever um livro, contar sua história, sua aventura.

Isso, *A* aventura. Embora fosse uma palavra proibida, que ninguém ousava pronunciar, que a maior parte preferia ver na televisão, em filmes que passavam e repassavam nas mais diversas horas do dia, era isso que ela buscava. Combinava com desertos, com viagens para lugares desconhecidos, com homens misteriosos puxando conversa em um barco no meio do rio, com aviões, estúdios de cinema, tribos de índio, geleiras, África.

Gostou da idéia do livro, e chegou a pensar no título: Onze Minutos.

Começou a classificar os clientes em três tipos: os Exterminadores (nome dado em homenagem a um filme que gostara muito), que já entravam cheirando a bebida, fingindo que não olhavam para ninguém mas achando que todos estavam olhando para eles, dançando pouco e indo direto ao assunto do hotel. Os ~~Richard Gere~~ <sup>Pretty Woman</sup> (também por causa de um filme) ~~onde ele contracena com Julia Roberts~~, que procuravam ser elegantes, gentis, carinhosos, como se o mundo dependesse daquele tipo de bondade para voltar ao seu eixo, como se estivessem caminhando pela rua e entrassem por acaso na boate; eram doces no início, e inseguros quando chegavam no hotel, e por causa disso, terminavam sendo mais exigentes que os Exterminadores. Finalmente, os ~~Poderosos~~ Chefões (também por causa de outro filme), que tratavam o corpo de uma mulher como se trata uma mercadoria. Eram os mais autênticos, dançavam, conversavam, não deixavam gorgeta, sabiam o que estavam comprando e quando valia, jamais se deixariam levar pela conversa de qualquer mulher que escolhessem. Esses eram os únicos que, de uma maneira muito sutil, conheciam o significado da palavra Aventura.

— Abriu pf. —

Do diário de Maria, em um dia em que estava menstruada e não podia trabalhar:

Se eu tivesse que contar hoje minha vida para alguém, poderia fazê-lo de tal maneira que iriam me achar uma mulher independente, corajosa, e feliz. Nada disso: estou proibida de mencionar a única palavra que é muito mais importante que os onze minutos - amor.

Durante toda a minha vida, entendi o amor como uma espécie de escravidão consentida. É mentira: a liberdade só existe quando ele está presente. Quem se entrega totalmente, quem se sente livre, ama o máximo.

E quem ama o máximo, sente-se livre.

Por causa disso, apesar de tudo que posso viver, fazer, descobrir, nada tem sentido. Espero que este tempo passe rápido, para que eu possa voltar à busca de mim mesma - sob a forma de um homem que me entenda, que não me faça sofrer.

Mas que bobagem é essa que estou dizendo? No amor, ninguém pode machucar

ninguém; cada um de nós é responsável por aquilo que sente, e não podemos ~~responsabilizar~~ <sup>culpar</sup> o outro por isso.

Já me senti ferida quando perdi os homens pelos quais me apaixonei. Hoje estou convencida que ninguém perde ninguém, porque ninguém possui ninguém.

Essa é a verdadeira experiência da liberdade: ter a coisa mais importante do mundo, sem possuí-la.

— ABRIR PAGINA —

Outros três meses se passaram, o outono chegou, chegou também finalmente ~~o dia marcado~~ <sup>a data</sup> no calendário: noventa dias para a viagem de volta. Tudo passara tão rápido, e tão ~~intensamente~~ <sup>lentamente</sup>, pensou ela, ~~e~~ <sup>descobriu</sup> agora sua aventura estava ~~chegando~~ <sup>desaparecendo</sup> ao final. Poderia continuar, é claro - mas não se ~~esquecia~~ <sup>perdeu</sup> do sorriso triste da mulher ~~que a acompanhara~~ <sup>invisível</sup> pelo passeio em volta ao lago, dizendo que as coisas não eram tão simples assim. Por mais que estivesse tentada a continuar, ~~naquela vida~~, por mais preparada que estivesse para os desafios que tinham surgido em seu caminho, todos estes meses convivendo apenas consigo mesma tinham ensinado que existe um

momento certo de parar. Daqui a noventa dias, voltava para o interior do Brasil, comprava uma pequena fazenda (afinal, ganhara mais do que o esperado), algumas vacas (brasileiras, não suíças), convidada seu pai e sua mãe para morarem com ela, contratava dois empregados, e colocava a empresa para funcionar.

Embora achasse que o amor é a verdadeira experiência da liberdade, e que ninguém pode possuir outra pessoa, ainda alimentava seus secretos desejos de vingança, e eles faziam parte de seu retorno triunfal ao Brasil. Depois de montar sua fazenda, iria até a cidade, passaria em frente ao banco onde trabalhava o menino que havia saído com sua melhor amiga, e faria um grande depósito - em francos suíços. "Ola, como vai, você não me reconhece?" ele diria. Ela fingiria um grande esforço de memória, e terminaria dizendo que não, que passou um ano inteiro na EU-RO-PA (pronunciar bem devagar, para que todos os seus companheiros escutem). Melhor dizendo, na SU-I-ÇA (ia soar mais exótico e mais aventureiro que França), onde existem os melhores bancos do mundo.

Quem era ele? Ele mencionaria os tempos de colégio. Ela diria, "Ahh...acho que me lembro", mas fazendo uma cara de quem não se lembrava. Depois, quando o negócio já estivesse andando como previa, ela poderia se dedicar àquilo

*trabalhar mais e*

*Pronto, a vingança estava feita, agora era*

que mais lhe importava na vida: descobrir seu verdadeiro amor, o homem que lhe esperara por todos estes anos, mas que ela ainda não tivera a oportunidade de conhecer.

resolven esquecer para sempre  
Maria já havia esquecido a idéia de escrever um livro com o título de "Onze Minutos." Precisava ~~agora~~ concentrar-se ~~na viagem de volta,~~ na fazenda, nos planos para o futuro, ou terminaria adiando sua viagem, um risco que intuitivamente sabia ser fatal.

(?)

Naquela tarde, saiu para encontrar-se com sua melhor - e única - amiga, a bibliotecária. Pediu um livro sobre pecuária e administração de fazendas. A bibliotecária lhe confessou:

- Sabe, há alguns meses, quando você veio aqui em busca de títulos sobre sexo, eu cheguei a temer por seu destino. Afinal de contas, muitas moças bonitas se deixam levar pela ilusão do dinheiro fácil, e se esquecem que um dia serão velhas, e já não terão oportunidade de encontrar o homem de suas vidas.

- Você está falando de prostituição?

- Uma palavra muito forte, ~~pensou a bibliotecária.~~

- Como já disse, ~~antes,~~ trabalho em uma empresa de importação e exportação de carne. Entretanto, se eu tivesse

*resolvido me*  
~~tido a oportunidade de prostituir-me~~, será que ~~isso não podia~~  
*sem ter graves*  
 me ~~ajudar muito~~, se eu soubesse exatamente a hora de parar? *Spina/de*  
*contas, a juventude não permite ter algumas atitudes erradas.*

- Todos os drogados dizem isso; basta saber a hora de parar. E ninguém para.

- A senhora deve ter sido uma mulher muito bonita, *nasuda*  
*com um país que oferece o melhor para seus habitantes.*  
 Viveu o melhor que este país lhe ofereceu. Isso lhe deixa  
 contente?

*É verdade que nasci no paucício. Tive certeza e desconfiança, contoci*  
 - ~~Tenho orgulho de como superei meus obstáculos.~~ *meus olhos, cor-  
 mundos,  
 também  
 as minhas  
 pequenas  
 cicatrizes,  
 mas Deus  
 me permitiu  
 superá-los.*

Casei, ~~mas~~ com o homem que eu amava. Fiz tudo para deixá-lo  
 feliz.

Deveria continuar a história? Bem, aquela menina  
 precisava aprender algo sobre a vida."

- Ele também fez tudo por mim, o tempo passou, e  
 veio a aposentadoria. Quando ficou livre para ~~fazer~~ *usar o seu tempo con-  
 tado* o que  
 tinha vontade, seus olhos ficaram mais tristes - porque  
 talvez, em toda a sua vida, jamais pensou em si mesmo. Nunca  
 brigamos seriamente, não tivemos grandes emoções, ele jamais  
 me traiu ou me desrespeitou em público. *mas* vivei uma vida  
 normal, mas tão normal, que *sem o trabalho, ela sentiu-se inútil e* parecia não ter mais importância  
 continuar vivendo. Morreu um ano depois, de câncer.

Deu-se conta que estava falando a verdade, mas  
~~também~~ podia influenciar de maneira negativa a menina a sua  
 frente.

- Seja como for, é melhor uma vida sem surpresas -  
concluiu. - *Finalmente é mais segura menos entusiasmante.*

*# #*

Maria saiu decidida a estudar sobre fazendas. Como tinha a tarde livre, resolveu passear um pouco, e terminou notando - na parte alta da cidade, uma pequena placa amarela com um sol e uma inscrição: "Caminho de Santiago." O que era aquilo? Como havia um bar do outro lado da rua, e como havia aprendido a perguntar tudo o que não sabia, resolveu entrar e informar-se.

- Não tenho idéia - disse a moça detrás do balcão.

Era um lugar elegante, e o café custava três vezes mais do que o normal. Mas já que tinha dinheiro, e já que estava ali, pediu um café, ~~abriu o livro sobre fazendas,~~ e achou-o aborrecidíssimo. Seria ~~muito~~ mais interessante conversar com um dos seus fregueses a respeito do tema - eles sempre sabiam a melhor maneira de administrar o dinheiro. Pagou o café, levantou-se, agradeceu a moça que a serviu, deixou uma boa gorgeta (havia criado uma superstição a respeito, se desse muito receberia também muito), caminhou em direção à porta, e, sem dar-se conta da importancia daquele momento, escutou a frase que mudaria para sempre os seus planos, seu futuro, sua fazenda, sua ideia de felicidade, sua

*e resolveu dedicar as próximas horas a aprender tudo sobre administração de fazendas. Abriu o livro e tentava entender, mas não conseguiu na leitura -*

volta, sua ~~parte~~ <sup>alma</sup> de mulher, sua ~~parte~~ <sup>atitude</sup> de homem, seu lugar no mundo.

- Espere um pouco.

Olhou surpreendida para o lado. Aquilo ali era um bar respeitável, não era o "Copacabana", onde os homens tem direito de dizer isso, embora as mulheres possam responder "vou sim, e você não irá me impedir."

Preparava-se para ignorar o comentário, mas sua curiosidade foi mais forte, e ela se virou em direção à voz.

O que viu, foi uma cena estranha: um ~~senhor~~ <sup>homem</sup> de ~~aproximadamente~~ <sup>trinta</sup> ~~quarenta~~ anos, ~~de~~ <sup>(eu sei que devia pensar: "um rapaz</sup> cabelos compridos,

ajoelhado no chão, com varios pinceis espalhados ao seu lado, desenhando ~~outro~~ <sup>um</sup> senhor, sentado em uma cadeira, com um copo de aniz ao seu lado. Não os havia notado quando entrara.

- Não vá embora. ~~repetiu o homem ajoelhado no~~ <sup>chão.</sup> - Estou terminando este retrato, e gostaria de pintá-la também.

Maria respondeu - e ao responder, criou o laço que faltava no universo.

- Não estou interessada.

- Você tem luz. Deixe-me pelo menos fazer um esboço.

O que era esboço? O que era "luz"? Por outro lado, era uma mulher vaidosa, imagine ter o seu retrato feito por

de repente com pincéis de 7" depois Maria voltou 30 anos!

alguém que parecia sério? ~~Imortal!~~ Exposta em Paris, ou em Salvador da Bahia! Um mito!

*Como se a delícia: e se fosse um pintor (1)  
também? Ela seria imortalizada para sempre em uma tela!*

Por outro lado, o que fazia aquele homem, com toda aquela bagunça a sua volta, em um bar tão caro, e possivelmente bem frequentado?

Adivinhando seu pensamento, a moça que atendia os clientes disse baixinho:

- Ele é um artista muito conhecido. Vem aqui de vez em quando, e traz sempre um cliente importante. Diz que gosta do ambiente, que fica inspirado; está fazendo um painel com as pessoas mais importantes do século.

*Sua intenção não poderia ser a de fazer citações.*

Maria olhou para o homem que estava sendo pintado.

De novo a garçonette leu seu pensamento.

- É um químico que fez uma descoberta revolucionária. Ganhou o prêmio Nobel.

- Não vá embora - repetiu o pintor. - Vou terminar em cinco minutos. Peça o que quiser e coloque na minha conta.

Como se hipnotizada pela ordem, ela sentou-se no bar, pediu um coquetel de aniz ( como não costumava beber, a única coisa que lhe ocorreu foi imitar o o tal prêmio Nobel), e ficou olhando o homem trabalhar. " Não faz meu tipo",

pensou automaticamente, repetindo uma frase que sempre dizia para si mesma, desde que começara a trabalhar no "Copacabana"; era sua tábua de salvação e sua renúncia

*"Não represento a cidade, por isso ele deve estar interessado em outra coisa", pensou, para mim mesma...*

voluntária às armadilhas. Uma vez tendo isso bem claro, ~~não~~  
~~custava nada~~ esperar - talvez a garçonette tivesse razão, e  
aquele homem ~~podia projetá-la~~ em um mundo que não conhecia.

Ficou observando a agilidade e a rapidez com que  
ele concluía o seu trabalho - pelo visto era uma ~~grande~~ tela,  
mas estava completamente dobrada, e ela não podia ver os

outros rostos ali retratados. E se agora tivesse uma nova  
oportunidade? O homem não parecia do tipo que havia feito  
aquela proposta apenas para passar uma noite com ela. Cinco

minutos depois, conforme prometera, ele já havia terminado  
seu trabalho, embora o químico continuasse posando, como se  
estivesse em outro mundo.

de interesse que tinha em conhecer pessoas novas,  
que pudessem mudar certos planos.

- Obrigado, já pode mudar de posição - disse.

o químico ~~pareceu~~ <sup>que</sup> acordar de um sonho de olhos abertos.

E virando-se para Maria, disse, sem mais rodeios:

- Vá para aquele canto, e fique a vontade. A luz  
está ótima.

Como se ~~estivesse~~ <sup>tudo lá</sup> já ~~estivesse~~ combinado pelo destino,  
como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se sempre  
em sua vida tivesse conhecido aquele homem, ou ~~já~~ tivesse  
vivido aquele momento em sonhos e agora ~~já~~ sabia o que fazer

que o concar costuma preparar.

112

podia

um pouco

(ou talvez? a medida que crescer, a idade fica velha!)

abrir os portos de

(muito)

nada?

(tinha decidido que o chamaria de "homem" considerado como "homem")

terminou seu trabalho

enquanto Maria se

concentrou com telas as mãos na fazenda, na volta para

o Brasil, no seu futuro brilhante, e na absoluta falta

na vida real, Maria pegou seu copo de aniz, a bolsa, os livros sobre administração de fazendas, e dirigiu-se ao lugar indicado pelo homem - uma mesa perto da janela. Ele trouxe os pincéis, a tela grande, uma série de pequenos vidros cheios de tinta de diversas cores, um maço de cigarros, e ajoelhou-se aos seus pés.

- Procure manter sempre a mesma posição.
- É pedir muito; minha vida sempre está em

movimento.

~~E~~ <sup>P</sup> procurando manter a naturalidade, porque o olhar daquele homem a deixava muito desconfortável, apontou para o lado de fora da janela, onde se via a rua e a placa:

- O que é "Caminho de Santiago"?
- Uma rota de peregrinação. Na Idade Média, vindas

de toda a Europa passavam por esta rua, em direção à Espanha,

*Santiago de Compostela.*

~~Ele~~ <sup>o</sup> homem dobrou uma parte da tela, e preparou os pincéis. Maria continuava sem saber direito o que fazer.

- Quer dizer que, se eu seguir esta rua, chego na Espanha?

- Dois ou três meses depois. Mas posso lhe pedir um favor? Fique em silêncio; isso não demora mais que dez minutos. E tire ~~este~~ <sup>o</sup> pacote da mesa.

- São livros - respondeu ela, com uma certa dose de irritação por causa do tom autoritário ~~do~~ <sup>com que o pedido foi feito.</sup> homem. Ele

precisava saber que estava diante de uma mulher culta, que gasta seu tempo em bibliotecas, não em lojas. Mas, antes ~~que~~ *que pudesse comentar qualquer coisa* ela fizesse qualquer gesto, ele mesmo pegou o pacote e colocou-o no chão, sem ~~maiores comentários, ou sem demonstrar~~ *qualquer cerimônia* ~~surpresa.~~

Não tinha conseguido impressioná-lo. Alias, não tinha a menor intenção de impressioná-lo, estava fora do seu horário de trabalho, guardaria a sedução para mais tarde, com homens que pagavam bem pelo seu esforço. Por que tentar relacionar-se com aquele pintor, que talvez não tivesse dinheiro nem para convidá-la para um café? Um homem de ~~30~~ *40* anos não deve usar cabelos longos, fica ridículo. Por que achava que não tinha dinheiro? A moça do bar dissera que era uma pessoa conhecida - ou será que o químico é que era famoso? Olhou a maneira como estava vestido, mas não adiantava muito; a vida tinha lhe ensinado que homens vestidos displicentemente - que era seu caso - pareciam sempre ter mais dinheiro que os que usavam terno e gravata. ~~Mesmo assim, isso estava longe de ser uma regra.~~

"O que faço pensando neste homem? O que me interessa é o quadro."

Dez minutos não era um preço muito grande a pagar pela chance de tornar-se imortal em uma pintura. Viu que ele a estava pintando ao lado do tal químico premiado, e começou

a se perguntar se iria pedir algum tipo de pagamento no final.

- Vire o rosto em direção à janela.

Mais uma vez ela obedeceu, sem perguntar nada - o que não era absolutante o seu feitio. Ficou olhando as pessoas que passavam, a placa sobre o tal caminho, imaginando que aquela rua já estava ali a muitos séculos, uma ~~rua~~ *rota*

*que sobrevivera ao progresso e as mudanças do mundo. Talvez fosse um bom presságio, o quando ~~para~~ para o qual, estava seguindo de modelo poderia sobreviver ao tempo. muitas graças.*

O homem começou a desenhar e, a medida que o trabalho progredia, Maria ~~ia sentindo-se~~ *sentiam* ~~se~~ *achava* cada vez mais insignificante. Quando entrara naquele bar, ela uma mulher segura de si mesma, capaz de tomar uma decisão muito difícil - abandonar um trabalho que lhe dava dinheiro - para aceitar um desafio mais difícil ainda - dirigir uma fazenda na sua terra. Agora, parecia ter voltado a sensação de insegurança diante do mundo, coisa que uma prostituta jamais pode se dar ao luxo de sentir.

Terminou descobrindo a razão de seu desconforto: pela primeira vez em muitos meses, alguém não a olhava como um objeto, nem como uma mulher - mas como algo que não conseguia entender, embora a definição mais próxima fosse: "ele está vendo a minha alma, meus medos, minha fragilidade, minha incapacidade de lutar com um mundo que eu finjo

dominar

~~conhecer~~, mas do qual não sei nada. " [ Ridículo, devia estar delirando.

- Eu gostaria que...

- Por favor, não fale - disse o homem. - Estou vendo sua luz.

Nunca ninguém lhe dissera isso. "Estou vendo seus seios duros", "estou vendo suas coxas bem torneadas", "estou vendo esta beleza exótica dos trópicos", ou, no máximo, "estou vendo que você quer sair desta vida, por que não me dá uma chance e monto um apartamento para você". Estes eram os comentários que estava acostumada a escutar mas...sua luz? Será que ele estava se referindo ao entardecer?

- Sua luz pessoal - ele completou, ~~talvez~~ se dando conta que ela não entendera nada.

Luz pessoal. Bem, ninguém podia estar mais longe da realidade que aquele inocente pintor, que ~~mesmo~~ com seus possíveis ~~quarenta~~ <sup>trinta</sup> anos não tinha aprendido nada da vida.

Maria, embora não passasse noites em claro (melhor dizendo, manhãs, porque era a hora que dormia) ~~o~~ pensando em seus conflitos filosóficos, pelo menos uma coisa ~~sabia~~ <sup>tinha certeza</sup>: não ~~podia~~ <sup>possuía</sup>

~~ter~~ aquilo que o pintor chamava de "luz" e que ela interpretava como "um brilho especial". Era uma pessoa como todas as outras, que sofria sua solidão em silêncio, tentava justificar tudo que fazia, que fingia ser forte

Non final de contas, todo mundo sabe que as mulheres atraídas com muito mais rápido que os homens, e

quando estava muito fraca, fingia ser fraca quando sentia-se forte, que renunciara a qualquer paixão em nome de um trabalho perigoso mas agora já perto do final, que ~~tinha~~ <sup>deixava em sua alma</sup> planos para o futuro e arrependimentos no passado. ~~→ e~~ <sup>→ e</sup> uma pessoa assim não tem nada de "brilho especial." <sup>ja</sup> Aquilo devia ser apenas uma maneira de mante-la calada e satisfeita de ficar ali, imóvel, fazendo o papel de boba.

"Luz pessoal. Podia ter escolhido outra coisa, como 'o seu perfil é lindo.'"

Como entra luz em uma casa? Se as janelas estiverem abertas. Como entra luz em uma pessoa? Se a porta do amor estiver aberta. E, definitivamente, a sua não estava. Devia ser um péssimo pintor, não entendia nada.

- Acabei - disse ele, e começou a juntar seu material.

Maria não se mexeu. Tinha vontade de pedir para ver o quadro, mas ao mesmo tempo isso podia significar uma falta de educação, não confiar no que o outro tinha feito. A curiosidade, porem, falou mais alto, ~~e~~ <sup>e</sup> ela pediu, ele concordou. Desenhara apenas seu rosto; parecia-se com ela, mas se algum dia tivesse visto aquele quadro sem conhecer a modelo, diria que era alguém muito mais forte, cheia de uma "luz" que ela não conseguia ver refletida no espelho.

- Meu nome é Ralf Hart. Se quiser, posso pagar-lhe outro drink.

- Não, obrigada.

Pelo visto, o encontro agora caminhava da maneira tristemente prevista: o homem ~~mais velho~~ tenta seduzir a ~~menina~~. *mulher.*

- Por favor, mais dois drinks de aniz - pediu, sem dar importância ao comentário de Maria.

O que tinha para fazer? Ler um aborrecido livro sobre administração de fazendas. Caminhar, como já fizera centenas de vezes, pela margem do lago. Ou conversar com alguém que vira nela uma luz que desconhecia, justamente na data marcada no calendário para o começo do fim de sua "experiência".

- O que você faz?

Esta era a pergunta que não queria ouvir, que a fizera evitar muitos encontros quando, por uma razão ou por outra, alguém se aproximava dela (o que acontecia raramente na Suíça, dada a natureza discreta dos seus habitantes). Qual seria a resposta possível?

- Trabalho em uma boate.

Pronto. Um enorme peso saiu de suas costas - e ficou contente por tudo que aprendera desde que chegara na Suíça; perguntar (o que são os curdos? O que é o caminho de

santiago) e responder (trabalho em uma boate) sem importar-se com o que estão pensando.

Maria sentiu que ele queria ir mais longe, e saboreou sua pequena vitória; o pintor que minutos atrás lhe dava ordens, parecia absolutamente seguro do que queria, agora voltara a ser um homem como todos os outros, ~~sempre~~ inseguro diante de uma mulher que não conhece.

- E esses livros?

Ela mostrou-os. Administração de fazendas. O homem pareceu ficar mais inseguro ainda.

- Trabalha com sexo?

Ele tinha arriscado. Será que ela se vestia como uma prostituta? De qualquer maneira, precisava ganhar tempo. ~~Estava examinando a si mesma,~~ <sup>ela pensava</sup> aquilo começava a ser um jogo interessante, não tinha absolutamente nada a perder.

- Por que os homens só pensam nisso?

Ele tornou a colocar os livros na bolsa.

- Sexo e administração de fazendas. Duas coisas muito aborrecidas.

O que? De repente, ela se sentia desafiada. Como podia falar tão mal de sua profissão? Bem, ele ainda não sabia em que ela trabalhava, estava apenas arriscando um palpite, mas não podia deixa-lo sem resposta.

100  
120

- Pois eu penso que não há nada mais aborrecido que a pintura; uma coisa parada, um movimento que foi interrompido, uma fotografia que jamais é fiel ao original. Uma coisa morta, que ninguém se interessa mais, a não ser os pintores - gente que se julga importante, culta, e que não evoluiu como o resto do mundo.

Não sabia se tinha ido longe demais - porque os drinks chegaram, e a conversa foi interrompida. Os dois ficaram sem dizer palavra por algum tempo. Maria pensou que já estava na hora de ir, e talvez Rolf Hart tenha pensado a mesma coisa. Mas ali ainda estavam dois copos cheios daquela bebida horrorosa, e isso era um pretexto para continuarem juntos.

- Por que o livro da fazenda?

- O que você quer dizer?

- Já estive <sup>na</sup> em Rue de Berne. Enquanto ~~a~~ pintava,

me lembrei de ~~onde a vira~~ antes: naquela boate cara.

*Algo que eu seja um bom psicanalista, mas a sua "ley" e hope está tão forte, que não me dá conta.*

Maria sentiu que o chão fugia dos seus pés. Pela

primeira vez sentiu vergonha do que fazia, embora não tivesse

*(Ela ali que ganhava seu sustento e o da sua família)*  
a menor razão para isso, porque ~~trabalhava lá~~. Ele é quem

devia sentir vergonha de ir <sup>à</sup> ~~até~~ Rue de Berne. De um momento

para o outro, todo aquele possível encanto havia

desaparecido.

- Escute, senhor Hart, embora eu seja brasileira, ~~há~~ moro há nove meses na Suíça. E aprendi que os suíços são discretos porque vivem em um país muito pequeno, razão pela qual ninguém ~~comenta~~ <sup>pergunta</sup> sobre a vida do outro. Seu comentário foi impróprio e muito indelicado. Obrigada pelo licor de aniz, que é horroroso, mas que vou tomar até o final. E vou fumar um cigarro, depois. E finalmente, vou levantar e irei embora. Mas o senhor pode sair neste momento, já que não é bom para pintores famosos sentarem na mesma mesa com uma prostituta. Porque é isso que sou, sabe? Uma prostituta. Sem qualquer culpa, dos pés a cabeça, de alto a baixo - uma prostituta. E esta é a minha virtude: não enganar nem a mim, nem ao senhor. Porque não vale a pena, o senhor não merece uma mentira. Imagine se o químico famoso, ali no outro lado do restaurante, descobrir quem sou?

Ela começou a levantar a voz.

- Uma prostituta! E sabe o que mais? Isso me deixa livre - saber que vou embora desta maldita terra daqui a exatos noventa dias, cheia de dinheiro, muito mais culta, <sup>capaz</sup> sabendo escolher um bom vinho, <sup>(cheio de foto tiradas na neve)</sup> entendendo a natureza dos homens!

A moça do bar escutava, assustada. O químico parecia não prestar atenção. Mas talvez fosse o álcool, talvez a sensação de que em breve seria de novo uma mulher do

interior, talvez a grande alegria de poder dizer em que trabalhava, e rir das reações chocadas, dos olhares de crítica, dos gestos de escândalo.

- Entendeu bem, senhor Hart? De alto a baixo, dos pés a cabeça, sou uma prostituta - e essa é a minha qualidade, minha virtude!

Ele não disse nada. E não se moveu. Maria sentiu sua confiança voltando.

- E o senhor é um pintor que não entende de seus modelos. Talvez o químico sentado ali, distraído, dormindo, seja na verdade um ferroviário. E todas as outras pessoas no seu quadro, sejam sempre aquilo que não são. Se não fosse assim, jamais diria que podia ver uma "luz especial" em uma mulher que, como descobriu durante a pintura, NÃO PASSA DE UMA PROS-TI-TU-TA!

As palavras finais foram pronunciadas lentamente, em voz alta. O químico acordou, e a moça do bar trouxe a conta.

- Não tem nada a ver com a prostituta, mas com a mulher que você é - Rolf ignorou a conta, e respondeu também pausadamente, mas em voz baixa. - Tem um brilho. A luz que vem da força de vontade, de alguém que sacrifica coisas importantes, em nome de outras coisas que julga mais

importantes ainda. Os olhos - esta luz se manifesta nos olhos.

se desarmada; ele não aceitava sua provocação.  
 Maria sentiu ~~medo~~. Quis acreditar que era um jogo, ~~de sedução~~, nada mais. Estava proibida de pensar - pelo menos pelos próximos noventa dias - que existem homens interessantes na face da terra.

~~esta xícara~~ este licor de aniz  
 Licor de aniz  
 - Você está vendo este ~~café~~ diante de você? - ele continuou. - Pois você vê apenas um ~~café~~. Eu, entretanto, como preciso entrar dentro do que faço, vejo o ~~café~~, a planta de onde nasceu, as tempestades que esta planta enfrentou, a mão que colheu os grãos, a viagem de navio de um outro continente até aqui, os cheiros e cores que estes ~~grãos~~ <sup>folhas</sup>, antes de ser ~~moído~~, ~~deixou que o tocassem~~ e que fizessem parte deles. Se algum dia eu pintasse esta cena, pintaria isso tudo - embora, ao ver o quadro, você acreditasse que estava diante de uma simples ~~xícara de café~~. <sup>Copo de licor de aniz</sup>

"Da mesma maneira, enquanto você olhava a rua e pensava - porque sei que pensava - no caminho de Santiago, eu pintei sua infância, sua adolescência, seus sonhos desfeitos no passado, seus sonhos no futuro, sua vontade - que é o que mais me intriga. Quando você viu seu quadro..."

Maria abriu a guarda, sabendo que seria muito difícil fecha-la dali para adiante.

- Eu vi esta luz...

- ... embora ali estivesse apenas uma mulher parecida com você.

De novo veio o silencio constrangedor. Maria olhou o relógio.

- Preciso ir dentro de poucos minutos. Por que você disse que sexo é aborrecido?

- Você deve saber melhor que eu.

- Eu sei porque trabalho nisso. Então faço a mesma coisa todos os dias. Mas você é um homem de ~~quarenta~~ <sup>trinta</sup> anos...

- ~~Quarenta e sete...~~ <sup>Vinte e nove...</sup>

- ... <sup>homem, atacaente, inelegante,</sup> que devia ainda estar interessado nestas coisas. <sup>e não precisava ir à</sup> Pelo menos disse que frequênta Rue de Berne. <sup>para acaupar companhia Procunavz.</sup> ~~Frequêntava.~~

- ~~Frequêntava.~~ Fui para a cama com algumas de suas colegas, <sup>mas porque tivesse problemas para encontrar mulheres, mas porque não encontro a mim mesmo.</sup>

Maria sentiu uma ponta de ciúme, e ficou apavorada.

Entendia agora que realmente precisava ir.

- Era minha última tentativa. Agora desisti. <sup>deixe</sup> *Ralf, recolhendo onesto de seu material espalhado no chão.*

- Você tem algum problema fisico?

- Nenhum. Apenas desinteresse.

Não era possível.

- Pague a conta. Vamos caminhar. Na verdade, <sup>fado que</sup> muita gente sente a mesma coisa, e ninguém diz - é bom conversar com alguém tão sincero.

Saíram pelo caminho de Santiago, era uma subida e uma descida que terminava no rio, que terminava no lago, que terminava nas montanhas, que terminava em um remoto lugar da Espanha. Passaram por gente que voltava do almoço, mães com seus carrinhos de bebe, turistas que tiravam fotos do belo jato de água no meio do lago, mulheres muçulmanas com a cabeça coberta por um lenço, rapazes e moças fazendo jogging, todos peregrinos em busca desta cidade mitológica, Santiago, de Compostela, houve uma lenda na qual as pessoas pensam acreditar que talvez nem mesmo existisse). No caminho percorrido por tanta gente, há tanto tempo, também andavam aquele homem de cabelos longos carregando uma pesada sacola cheia de pinceis, tintas, telas, lápis, e a moça ~~muito~~ com pouco mais jovem, com uma bolsa cheia de livros sobre administração de fazendas. A nenhum dos dois ocorreu perguntar porque faziam aquela peregrinação juntos, ~~porque~~ era a coisa mais normal do mundo, ele sabia tudo sobre ela, embora ela nada soubesse sobre ele.

E por causa disso, resolveu perguntar - agora perguntava tudo. No começo ele fez o gênero modesto, mas ela sabia como conseguir qualquer coisa de um homem, e ele terminou contando que tinha sido casado ~~quatro~~ duas vezes (recorde para ~~47~~ 29 anos!) , viajado muito, conhecido reis, atores famosos, festas inesquecíveis. Nascera em Geneve, morara em Madrid, Amsterdam, New York, e numa cidade no sul da França, chamada Tarbes, que os próprios franceses consideravam como

125

sempre

da um vídeo.

para as suas

"horrrível", mas que ele adorava por causa da proximidade das montanhas. Seu talento fora descoberto quando tinha <sup>20</sup>~~25~~ anos, quando um grande negociante de arte fora comer, por acaso, em um restaurante japonês em sua cidade natal - decorado com seus trabalhos. Ganhara muito dinheiro, <sup>era jovem e saudável,</sup> podia fazer qualquer coisa, ir para qualquer lugar, encontrar-se com quem desejasse, já vivera todos os prazeres que um homem pode viver, fazia o que gostava, e no entanto, apesar de tudo aquilo, fama, dinheiro, mulheres, viagens, era um homem infeliz, que tinha apenas uma alegria na vida: o trabalho.

- As mulheres lhe fizeram sofrer? - perguntou ela, logo se dando conta que era uma pergunta idiota, provavelmente escrita em um manual sobre "todas as coisas que as mulheres devem <sup>Saber</sup> ~~fazer~~ quando querem conquistar um homem".

- Nunca me fizeram sofrer. Fui muito feliz em cada um de meus casamentos. Fui traído e traí como qualquer casal normal. Entretanto, depois de passado algum tempo, não me interessava mais <sup>6</sup> ~~em~~ sexo. Continuava amando, sentindo falta da companhia, mas o sexo - por que estamos falando de sexo?

- Porque, como você mesmo disse, eu sou uma prostituta.

- Minha vida não tem grande interesse. Um artista *que conseguiu fazer sucesso ainda jovem, o que é raro, e em pintura, o que é raríssimo*  
~~bem sucedido,~~ digamos. Que hoje em dia pode pintar qualquer tipo de quadro, e valerá um bom dinheiro. *Alguem que todos aclamam que tem resposta para tudo, e quanto mais calado é, mais inteligente me consideram.*

Ele continuou a contar sua vida: todas as semanas era convidado para alguma coisa, em algum lugar do mundo. Tinha uma agente que vivia em Barcelona - sabia onde era? Sim, Maria sabia, era na Espanha. A tal agente se ocupava de tudo que era dinheiro, convites, exposições, mas jamais lhe pressionava para fazer qualquer coisa que ele não tivesse vontade, já que, depois de muitos anos de trabalho, tinham conseguido uma certa estabilidade no mercado.

- É uma história interessante? - sua voz denotava um pouco de insegurança.

- Eu diria que é uma história anormal. Muita gente gostaria de estar na sua pele.

Ralf quis saber de Maria.

- Eu sou três, dependendo da pessoa que me procura. A Menina Ingênua, que fica olhando o homem com admiração, e finge estar impressionada por suas histórias de poder e de glória. A Mulher Fatal, que logo ataca aqueles que se sentem mais inseguros, e ao agir assim - tomando o controle da situação, os deixa mais a vontade, porque eles não precisam se preocupar com mais nada. E, finalmente, a Mãe Amorosa, que cuida dos que estão precisando de conselhos e ~~ajuda,~~ *coisas,*

geralmente ficando ~~silenciosa~~, com um ar de quem compreende tudo, ~~embora~~ as histórias que esteja ~~ouvindo~~ ~~entrem~~ por um ouvido e ~~sai~~ pelo outro. Quais das três você quer conhecer?

- Você.

Maria contou tudo, porque precisava contar - era a primeira vez que fazia isso, desde que saira no Brasil. Ao final, descobriu que, mesmo com seu emprego não muito convencional, nada acontecera de muito emocionante além da semana no Rio, e do primeiro mês na Suíça. *Ela casa, trabalha, casa, trabalha, e nada mais.*

Quando terminou, estavam de novo sentados em um bar - desta vez do outro lado da cidade, longe do caminho de Santiago, cada qual pensando no que o destino havia reservado para o outro.

- Está faltando alguma coisa? - perguntou ela.

- Como dizer "até logo".

Sim. Porque não tinha sido uma tarde como todas as outras. Ela sentia-se angustiada, tensa, por ter aberto uma porta e não saber como fecha-la.

- Quando poderei ver a tela?

Ralf lhe estendeu o cartão de sua agente em Barcelona.

- Telefone para ela daqui a seis meses, se ainda estiver na Europa. "As faces do ~~século~~ *Geneve*", gente famosa e gente

anônima, será exposta pela primeira vez em uma galeria em Berlim. Depois irá fazer um tour pela Europa.

"O que é mais importante nesta vida? Viver ou fingir que vivi? Arriscar agora, dizer que foi a tarde mais bela que passei aqui, onde alguém me escutou sem críticas e sem comentários? Ou simplesmente vestir a couraça da mulher com força de vontade, com "luz especial", e partir sem qualquer comentário?"

Maria lembrou-se do calendário, dos noventa dias que faltavam, de tudo que qualquer relação, qualquer laço, poderia significar de perigoso. Enquanto andavam pelo caminho de Santiago, e a medida que escutava a si mesma contando sua vida, ela fora uma mulher feliz. Podia contentar-se com isso - já era um grande presente da vida.

- Vou procura-la - disse Ralf Hart.

- Não faça isso. Viajo em breve para o Brasil. Não temos mais nada a acrescentar um ao outro.

- Vou procura-la como um cliente.

- Isso será uma humilhação para mim.

- Vou procura-la para que me salve.

Ela lembrou-se do <sup>seu</sup> comentário ~~dele~~ no início, <sup>da falta</sup> ~~sobre~~ <sup>de</sup> seu ~~des~~ interesse por sexo. Quis dizer que sentia a mesma coisa, mas controlou-se - ~~já~~ <sup>era mais</sup> tinha ido longe demais em suas negativas, ~~talvez fosse~~ inteligente ficar quieta.

Que coisa patética. Mais uma vez estava ali com um menino, que desta vez não lhe pedia um lápis, mas um pouco de companhia. Estava de novo com uma chance de encontrar o que ~~si mesma: a culpa nos tinha sido dela, mas do que? usava~~ queria, o que esperava, e ao mesmo tempo achava que ia deixar ~~de novo escapar a oportunidade.~~ ~~que havia desistido na primeira tentativa. Problema dele - e~~ ~~isso lhe deu um alívio tão grande,~~ ~~que sentiu vontade de chorar, mas controlou-se.~~

Por melhores que fossem as razões (vou para o Brasil, trabalho em uma boate, não tivemos tempo de nos conhecer bem, não estou interessada em sexo, não quero saber de amor, preciso aprender a administrar fazendas, não entendo nada de pintura, vivemos em mundos diferentes), a vida lhe colocava de novo diante de uma armadilha.

Preferiu não responder nada. Apertou sua mão, como era o costume naquela terra, e partiu em direção a sua casa. ~~ele fosse mesmo o homem que ela gostava que fosse, mas se deixaria intimidar por seu silêncio.~~ *Se*

ABRIR PAG

Trecho do diário de Maria, escrito naquele mesmo dia:

Hoje enquanto andávamos em volta do lago, por este estranho caminho de Santiago, o homem que estava comigo - um pintor, uma vida diferente da minha - jogou uma pedrinha na água. No lugar onde a pedra

*apareceram*

caiu, ~~saíram~~ pequenos círculos que foram se expandindo, expandindo, até atingirem um pato que passava por ali casualmente, e nada tinha a ver com a pedra. Ao invés de ficar assustado com a onda inesperada, ele resolveu brincar com ela.

Algumas horas antes desta cena, eu entrei em um café, escutei uma voz, e foi como se Deus tivesse atirado uma pedrinha naquele lugar. As ondas de energia tocaram a mim e a um homem que estava em um canto, pintando um quadro, ~~talvez esperando minha presença, embora ainda não me conhecesse~~. Ele sentiu a vibração da pedra, eu também. E agora?

O pintor sabe quando encontra um modelo. O músico sabe quando o seu instrumento está afinado. Aqui, neste meu diário, eu tenho consciência que certas frases ~~saíram~~ *saem de mim tal como acho que sou* não ~~da Maria~~ *habita também o* consciente, mas de uma mulher cheia de "luz" que ~~sou e me~~ *meu corpo, embora eu me* recuse a aceitá-la. Prefiro ~~escolher~~ *minha* vida e ~~meus planos, ao invés de me deixar~~ *levar pela paixão de viver.*

Posso continuar assim. Mas posso também, como o patinho no lago, divertir-me e alegrar-me com a marola que chegou de repente, e desequilibrou a água.

Existe um nome para esta pedra: paixão. Ela pode descrever a beleza de um encontro fulminante entre duas pessoas, mas não se limita a isso. Está na excitação do inesperado, na vontade de fazer alguma coisa com fervor, na certeza de que se vai conseguir realizar um sonho. A paixão nos dá sinais que nos guiam a vida - e cabe a ~~cada um de nós~~ <sup>mim</sup>, saber decifrar estes sinais.

Gostaria de acreditar que estou apaixonada. Por alguém que não conheço, e que não estava nos meus planos. Todos estes meses de auto-controle, de recusar o amor, resultaram exatamente no oposto: deixar-me ~~le~~ <sup>me deu</sup> levar pela primeira pessoa que ~~me dá~~ uma atenção diferente.

Ainda bem que não peguei seu telefone, que não sei onde mora, que posso perde-lo sem culpar a mim mesmo de ter ~~me~~

*desperdiçada*

~~deixado desperdiçar, de novo, a~~  
~~a~~  
~~oportunidade. Brinco com o fogo - melhor~~  
~~dizendo a pequena centelha - desta paixão,~~  
~~fui feliz um dia, e essa felicidade ficará~~  
~~comigo para sempre, porque não está ligada~~  
~~ao fato de possuir alguém.~~

*mesmo que*  
 Arrisquei. E embora já o tenha

perdido, eu ganhei *um dia feliz na minha vida.*  
*é considerando o mundo como ele é, um dia*  
*feliz já é muito*

*ABRIR PAG* →

Quando entrou no "Copacabana" aquela noite, e ele lá estava lá, esperando. Era o único freguês. Milan, que acompanhava a vida daquela brasileira com uma certa curiosidade, viu que a menina havia perdido a batalha.

- Aceita um drink?

- Preciso trabalhar. Não posso perder meu emprego.

- Eu estou fazendo uma proposta profissional. *Sou*  
*um cliente.*

Aquele homem, que no café durante a tarde parecia tão seguro de si mesmo, que manejava bem o pincel, encontrava grandes personagens, tinha uma agente em Barcelona, e devia ganhar muito dinheiro - agora mostrava sua fragilidade, entrara no ambiente que não devia, escolhera um campo de batalha muito diferente do caminho de Santiago. O encanto da tarde desapareceu.

- Então, aceita o drink?

- Aceito outra hora. Hoje já tenho clientes que me esperam.

Milan escutou o final da frase; ~~talvez tivesse~~ <sup>estava</sup> enganado, a menina não se deixara levar pela armadilha das promessas de amor. Mesmo assim, no final de uma noite sem muito movimento, ficou se perguntando por que ela havia preferido a companhia de um velho, de um contador medíocre, e de um agente de seguros. .

Bem, o problema era dela. Desde que pagasse a sua comissão, não cabia a ele decidir com quem devia ou não ir para a cama.

— ABRIR PAG

Do diário de Maria, após a noite com o velho, o contador, e o agente de seguros:

*O que este pintor quer de mim?*

*Não sabe que somos de países, culturas, sexos diferentes? Pensa que sei mais sobre o prazer do que ele, e quer aprender algo?*

*Por que nao me disse nada além de "sou um cliente?" Era tão fácil dizer : "senti sua falta", ou "adorei a tarde que passamos juntos". Eu responderia da mesma*

maneira (sou uma profissional) mas ele tem obrigação de entender minhas inseguranças, porque sou mulher, sou frágil, e naquele lugar sou uma outra pessoa.

Ele é um homem. E um artista: tem a obrigação saber que o grande objetivo do ser humano é compreender o amor total. ↵

O amor não está no outro, está dentro de nós mesmos; nós o despertamos. Mas para este despertar, precisamos do outro. O universo só faz sentido quando temos com quem dividir nossas emoções.

Ele está cansado de sexo? Eu também - e no entanto, nem ele, nem eu, sabemos o que é isso. Estamos deixando morrer uma das coisas mais importantes da vida - preciso <sup>na</sup> que ele me salve, preciso <sup>ou</sup> salva-lo, ~~mas ele não me deixou~~ ~~outra alternativa.~~

ABRIR PAG  
| ~~Estava~~ apavorada

Começava a perceber que, depois de tanto auto- controle, a pressão, o terremoto, o vulcão de sua alma dava

136

siniais de explodir, e a partir do momento em que isso acontecesse, não teria mais como controlar seus sentimentos. *quem era aquela*

~~uma~~ droga de artista, que podia muito bem estar mentindo a respeito de sua vida, com quem passara não mais que algumas horas, que não lhe tocara, não lhe tentara seduzir - podia haver algo pior que isso? *É mesmo assim* Por que seu coração dava sinais de alarme? Porque achava que ele sentia a mesma coisa - mas, claro, estava muito enganada. Ralf Hart queria encontrar-se com a mulher capaz de despertar o fogo que estava quase se apagando; *quellie ficou brava-la em* ~~ela era a~~ sua grande deusa do sexo, com uma "luz especial" (e nisso ele fora sincero), pronta a pegar suas mãos e mostrar-lhe o caminho de volta à vida. Não podia imaginar que Maria sentia o mesmo desinteresse, tinha seus problemas (mesmo depois de tantos homens, não conseguira seu orgasmo durante a penetração), estivera fazendo planos aquela manhã, e organizara uma volta triunfante a sua terra. *que tal vez já estivesse caminhando em direção à outra mulher?*

Por que pensava nele? Tinha bastante vivência para conseguir tirar alguém de sua cabeça com facilidade.

"Penso nele porque pude conversar."

Que ridículo! Pensava também na bibliotecária? Não. Pensava em Nyah, a filipina, única de todas as mulheres do Copacabana com quem podia dividir um pouco de seus sentimentos? Não, não pensava. E eram pessoas com quem estivera muitas vezes, e com quem sentia-se confortável.

*quem era aquela*  
*É mesmo assim*  
*quellie ficou brava-la em*  
*penetração com novo nome, falando 'você' de novo*  
*'luz especial', modo em busca de sua deusa*  
*do sexo?*  
*outra mulher?*

Procurou desviar sua atenção para o calor que estava fazendo, ou para o super-mercado que não conseguiu visitar no dia anterior. Escreveu uma longa carta para seu pai<sup>S</sup> cheia de detalhes a respeito do terreno que gostaria de comprar - isso deixaria sua família contente. Não marcou a data da volta, mas deu a entender que seria breve. Dormiu, acordou, dormiu de novo, tornou a despertar. Descobriu que o livro sobre fazendas era muito bom para os suíços, mas não servia para os brasileiros - os mundos eram completamente distintos.

*Isso, esta, poucas coisas do tipo acontecem feminava sempre no dia seguinte - que bom, e continua o mesmo.*

Durante a tarde, viu que o terremoto, o vulcão, a pressão diminuira. Tinha uma família que a amava, um homem que lhe esperava, e que agora lhe escrevia com muita freqüência, contando que a loja de tecidos estava prosperando. Tinha dinheiro suficiente para pelo menos comprar um sítio, mesmo que resolvesse pegar o avião naquela noite. Já ultrapassara a pior parte, a barreira da língua, a solidão, o primeiro dia no restaurante com o árabe, a maneira com <sup>o</sup> que adaptara sua alma ~~para~~ não reclamar do que fazia com seu corpo. Sabia muito bem qual o seu sonho, e estava disposta a tudo por ele. Não incluía homens, por sinal. Pelo menos, não incluía homens que não falavam sua língua materna, e que não vivessem em sua cidade.

*Crece o*

*Se*

*convencerá*

*a*

*É esse sonho*

Quando o terremoto acalmou, Maria entendeu que parte da culpa era sua. Por que não dissera, naquele momento: " eu estou sozinha, sou tão miserável quanto você, ontem você viu minha "luz", e foi a primeira coisa bonita e sincera que um homem me disse desde que cheguei aqui. ~~Gostaria muito de ser sua amiga, preciso que me ajude. "~~

No rádio tocava uma velha canção: "meus amores morrem antes mesmo de nascer". Sim, este era o seu caso, Seu destino. Ralf, ~~que começara o dia em seu coração como o único homem que a havia impressionado desde que chegara na Suíça - e isso apenas porque perguntara sobre sua vida, e escutara tudo sem fazer qualquer crítica ou comentário, sem propor "salva-la" da prostituição - agora, já no final da tarde, era apenas alguém com quem gostaria de manter uma amizade sincera.~~

Mais uma vez esperava ter vencido uma possível armadilha.

— ABRIR PAG. —

Trecho do diário de Maria, dois dias depois de achar que tudo tinha voltado ao normal:

*A paixão faz a pessoa parar de comer, dormir, trabalhar, estar em paz.*  
~~Muita gente gente fica assustada quando~~

~~isso acontece~~, porque ~~uma paixão~~ quando aparece, derruba todas as coisas velhas que encontra.

Ninguém quer desorganizar seu mundo. Por isso, muita gente consegue controlar esta ~~possível~~ ameaça, e são capazes de manter de pé uma casa ou uma estrutura que que já está podre. São os engenheiros das coisas superadas.

Outras pessoas pensam exatamente o contrário: entregam-se sem pensar, esperando encontrar na paixão as soluções para todos os seus problemas. Colocam na outra pessoa toda a responsabilidade por sua felicidade, e toda culpa por sua possível infelicidade. Estão sempre eufóricas porque algo de maravilhoso aconteceu, ou deprimidas porque algo que não esperavam terminou destruindo tudo.

Afastar-se da paixão, ou entregar-se cegamente a ela - qual destas duas atitudes é a menos destruidora?

Não sei.

No terceiro dia, como ressuscitando dos mortos, Ralf Hart voltou - e quase chega um pouco tarde, porque Maria já estava conversando com outro freguês. Quando o viu, porém, ela disse educadamente ao outro que não queria dançar, estava esperando alguém.

Só então se deu conta que lhe havia esperado todos estes dias. E neste momento, aceitou tudo que o destino colocava em seu caminho, ~~que estava no caminho, de~~ apaixonar-se.

~~Por isso o tipo de um novo amor~~  
 Não reclamou de si mesma; ficou contente, podia dar-se a este luxo, porque um dia iria partir daquela cidade, sabia que este amor era impossível, e portanto - já que não esperava nada, teria tudo que ainda esperava daquela etapa de sua vida.

Ralf perguntou se ela queria um drink, e Maria pediu um coquetel de frutas. O dono do bar, fingindo que lavava copos, olhou para a brasileira sem entender nada: o que a teria feito mudar de idéia? Esperava que não ficasse ali apenas tomando a bebida - e ficou aliviado quando ele a tirou para dançar. Estavam cumprindo o ritual, não havia motivo para preocupações.

Maria sentia a mão em volta de sua cintura, o rosto colado, o som muito alto que - graças a Deus - impedia qualquer conversa. Um coquetel de frutas não bastava para tomar coragem, e as poucas palavras que tinham trocado foram muito formais. Agora era uma questão de tempo: iriam para um

hotel? Fariam amor? Não devia ser difícil, já que ele não se interessava por sexo, como havia dito claramente. Por outro lado, isso ajudaria a acabar de matar qualquer vestígio de uma possível paixão - não sabia porque havia se torturado tanto logo após o primeiro encontro, ~~já que pelo visto ele precisava muito mais dela, do que ela dele.~~

Esta noite seria a Mãe Compreensiva; Ralf Hart era apenas um homem desesperado, como milhões de outros. Se trabalhasse bem o seu papel, se conseguisse seguir o roteiro que havia estabelecido para si mesma desde que começara a trabalhar no "Copacabana", não tinha com o que se preocupar. Era muito arriscado ter aquele homem por perto, agora que sentia seu cheiro - e gostava - experimentava seu toque - e gostava - descobrira-se esperando por ele - e não gostava.

Em quarenta e cinco minutos já tinham cumprido todas as regras, ~~mas~~<sup>e</sup> o homem se dirigira ao dono da boate:

"Vou leva-la para o resto da noite. Pagarei como se fosse três clientes."

O dono deu de ombros, e pensou de novo que a moça brasileira ia terminar caindo na armadilha do amor. Maria, por seu lado, ficou surpresa: não sabia que Ralf Hart conhecia tão bem as regras.

- Vamos até minha casa.

Talvez essa fosse mesmo a melhor decisão, pensou ela. Embora fosse contra todas as recomendações de Milan, neste caso ~~podia~~ <sup>resolver</sup> abrir uma exceção. Além de descobrir de uma vez por todas se era ou não casado, ~~conseguiria~~ <sup>conheceria</sup> saber um pouco mais ~~de sua alma, e - que sabe - não precisava tendo um dia poderia escrever qualquer coisa a respeito para que receber dinheiro por aquilo que não gostaria de fazer com o jornal de sua cidade natal.~~ <sup>aquele homem.</sup>

Meia hora depois chegaram a um pequeno vilarejo ao lado de Geneve, chamado Coligny; uma igreja, a padaria, a prefeitura, tudo em seu lugar. E era realmente uma casa de dois andares, não um apartamento! Primeira avaliação: devia ter mesmo dinheiro. Segunda avaliação: se fosse casado, não ousaria fazer aquilo, porque sempre havia gente olhando. Então, era rico e solteiro.

Entraram ~~em~~ <sup>por</sup> um hall com uma escada que levava ao segundo andar, mas seguiram direto, até as duas salas na parte de trás, que davam para um jardim. Uma delas tinha uma mesa de jantar, e as paredes eram cobertas de quadros. A outra sala tinha alguns sofás, cadeiras, estantes cheias de livros, cinzeiros sujos, copos que tinham sido usados a muito tempo, e que ainda permaneciam ali.

- Posso preparar um café.

Maria fez um sinal negativo com a cabeça. Não, não pode preparar um café. Ainda não pode me tratar diferente.

seu coração  
meu é  
enfocada  
porque  
sabia que  
tinha per-  
dido a  
curta, que  
mas um  
pouco e  
estava irre-  
medicavelmente  
a pouco a pouco,  
mas não  
sua  
certim  
sufes  
uma a  
deixava  
nem gente  
na  
frases  
contado  
de  
nem.

Estou desafiando meus próprios demônios, fazendo exatamente tudo ao contrario que que prometi a mim mesmo. Mas vamos com calma; hoje farei o papel de prostituta, ou de amiga, ou de Mãe compreensiva, embora na minha alma eu seja uma Filha que precisa de carinho. Finalmente, quando tudo estiver ~~esclarecido~~ <sup>terminado</sup>, você pode me preparar um café.

- No fundo do jardim está meu estúdio, minha alma. Aqui, entre todos estes quadros e livros, está meu cérebro, o que penso.

Maria pensou em sua própria casa. Não tinha um jardim no fundo. Nem livros, apenas o que emprestava da biblioteca - já que não havia necessidade de gastar dinheiro com o que podia conseguir de graça. Tampouco havia quadros - apenas um pôster ~~de~~ do Circo Acrobático de Shanghai, que ela sonhava assistir.

Ralf pegou uma garrafa de uísque e lhe ofereceu.

- Não, obrigado.

Ele serviu-se uma dose, e virou tudo - sem gelo, sem tempo. Começou a falar coisas inteligentes, e por mais que a conversa lhe interessasse, ela sabia que aquele homem estava com medo do que ia acontecer, agora que estavam sozinhos. ~~Estava~~ <sup>Acabou</sup> recuperando ~~o~~ <sup>logo</sup> pouco a pouco o controle da situação.

144

Ralf serviu outra dose para si mesmo, e como se estivesse dizendo alguma coisa sem importância, comentou:

- Preciso de você.

Uma pausa. Um silencio longo. Não ajude a quebrar este silencio, vamos ver como ele continua.

- Preciso de você, Maria. Você tem luz, embora acho que ainda não acredita em mim, que estou apenas tentando lhe seduzir com esta conversa. Não me pergunte: "por que eu? O que tenho de especial?" Você não tem nada de especial, nada que eu possa explicar a mim mesmo. Entretanto - eis o mistério da vida - não consigo pensar em outra coisa.

- Não iria lhe perguntar isso. *mentiu.*

- Se eu procurasse uma explicação, diria: a mulher que está diante de mim conseguiu superar o sofrimento e transforma-lo em algo positivo, criativo. Mas isso não basta para explicar tudo.

Estava ficando difícil escapar. Ele continuou:

- E eu? Com toda a minha criatividade, com meus quadros que são disputados e desejados por galerias em todo o mundo, com o meu sonho realizado, com a minha aldeia sabendo que sou um filho querido, com as minhas mulheres jamais me cobrando pensão ou coisas assim, com saúde, boa aparência, tudo que um homem pode sonhar, e eu? Aqui estou, dizendo para

uma mulher que encontrei em um café, e com quem passei apenas uma tarde: "preciso de você." Sabe o que é solidão?

- Sei o que é ~~isso~~. *solidão*.

- Mas não sabe o que é solidão quando se tem a possibilidade de se estar com todo mundo, quando se recebe todas as noites um convite para uma festa, um coquetel, uma estréia de teatro. Quando o telefone toca sempre, e são mulheres que adoram ~~o que você faz~~ *seu trabalho*, que dizem que gostariam muito de jantar com você - são belas, inteligentes, educadas. E algo te empurra para longe e te diz: não vá, *V*ocê não vai se divertir. Mais uma vez você ficará a noite inteira tentando impressiona-las, gastará sua energia provando para si mesmo como é capaz de seduzir o mundo. ] Então fico em casa, entro em meu estúdio, procuro a luz que vi em você, e só consigo ver esta luz ~~acha-la~~ enquanto estou trabalhando.

- O que posso lhe dar que você não já tenha? - ela respondeu, sentindo-se um pouco humilhada por aquele comentário sobre outras mulheres, mas lembrando-se que, afinal de contas, ele tinha pago para te-la ao seu lado.

Ele bebeu a terceira dose. Maria acompanhou <sup>.D</sup> em sua imaginação, o álcool queimando sua garganta, seu estomago, entrando em sua corrente sanguínea, e enchendo-o de coragem. A voz de Ralf Hart saiu mais firme.

*Começou a sentir-se também embriagada, a voz não tivesse se tomado uma só gota*

- Esta bem. Não posso comprar seu amor, mas você disse que conhecia tudo sobre sexo. Me ensine, então. Ou me ensine algo sobre o Brasil. Qualquer coisa, desde que possa estar ao seu lado.

E agora?

- Só conheço duas cidades do meu país: a que nasci, e o Rio de Janeiro. Quanto ao sexo, não acredito que possa lhe ensinar nada. Eu tenho 22 anos, <sup>é</sup> você ~~tem mais~~ <sup>o vicele mais intelec</sup> ~~que o dobro~~ <sup>monte que eu</sup> da minha idade. Eu conheço homens que me pagam para fazer o que eles querem, e não o que eu quero.

- ~~Eu também~~ já fiz tudo que um homem pode sonhar fazer com uma, duas, três mulheres ao mesmo tempo. E não sei se aprendi muito.

De novo o silencio, só que era a vez de Maria falar. E ele não ajudou - como ela não o ajudara antes.

- Você me quer como uma profissional?

- Eu lhe quero como você quiser.

Não, ele não podia ter respondido isso - porque era tudo que ela desejava escutar. De novo o terremoto, o vulcão, a tempestade. Ia ser impossível escapar de sua própria armadilha, ia perder este homem, sem jamais te-lo verdadeiramente.

*Maria.*

- Você sabe, Ensine-me. Talvez isso me salve, lhe salve, nos traga de volta à vida. Tenho ~~quase~~ o dobro da sua

*apenas só um mais que você, mas já dá o equivalente ao*

*Pararam por experiência*

~~idade~~, ~~vivemos existências~~ completamente distintas, mas estamos ambos desesperados; a única coisa que nos deixa em paz é estarmos juntos.

Por que ele dizia estas coisas? Não era possível, e mesmo assim era verdade. Tinham se visto apenas uma vez, e já precisavam um do outro. Imagine se continuassem se encontrando, que desastre! Maria era uma mulher inteligente, com muitos meses de leituras e observação do gênero humano; tinha um propósito na vida, ms também tinha uma alma, que precisava conhecer e descobrir sua "luz.", <sup>Já</sup> estava já ficando cansada de ser quem era, e embora a viagem próxima para o Brasil fosse um desafio interessante, ainda não aprendera tudo que podia. Ralf Hart era um homem que havia <sup>acido os</sup> ~~se adaptado~~ <sup>desafiar de um</sup> ~~acostumado~~ <sup>desconheúdo,</sup> com um mundo ~~que conhecia bem~~, do qual aprendera tudo, e agora pedia para aquela moça, aquela prostituta, aquela Mãe Compreensiva, que o conduzisse para fora. *Que absurdo!*

Outros homens já se haviam comportado da mesma maneira diante dela. Muitos não tinham conseguido ter uma ereção, outros queriam ser tratados como crianças, outros ainda diziam que gostariam de te-la como esposa porque se excitavam ao saber que a mulher tivera muitos amantes. Embora ainda não tivesse conhecido nenhum dos "clientes especiais", já descobrira o gigantesco universo de fantasias que habitava a alma humana.

*Mas, de uma maneira ou de outra, estavam bds acostumados com seus meninos, e nunca lhe haviam pedido "leve-me embora daqui". Pelo contrário, ao final de sempre queriam que ela ficasse com eles.*

E mesmo que todos estes muitos homens sempre lhe tivessem deixado com algum dinheiro e sem qualquer energia, não era possível que ela não tivesse aprendido nada. Mas sempre a decisão partia deles - eram os patrões, os que pagavam, os que decidiam como seriam tratados. Entretanto, se

*algum deles*  
realmente estivesse procurando o amor, e se o sexo fosse apenas uma parte de busca, como ela gostaria de ser importante nesta relação, o que faria agora?  
*tratada? O que seria importante acontecer em um primeiro encontro?*  
O que realmente gostaria que acontecesse?

- Ganhar um presente - disse Maria.

Ralf Hart não entendeu. Presente? Ele já lhe pagara adiantado pela noite, no táxi, porque conhecia o ritual. O que queria dizer com aquilo?

Mas Maria de repente se dera conta de que entendia, neste minuto, o que uma mulher e um homem precisavam sentir. Entendia porque isso lhe faltava, e o que lhe faltava era o que precisava naquele momento.

*SP*  
Ela pegou-o pelas mãos e o conduziu até uma das salas.

- Não vamos subir para o quarto - disse.

Apagou quase todas as luzes, sentou-se no tapete e pediu que ele se sentasse diante dela. Notou que havia uma lareira no lugar.

- Acenda a lareira.

- Mas estamos no verão.

- Acenda a lareira. Você pediu para conduzir nossos passos esta noite, e eu estou fazendo isso.

Ela olhou firme,, esperando que ele enxergasse de novo a sua "luz". Ele enxergou - porque foi até o jardim, pegou umas toras de madeira molhadas pela chuva, colocou alguns jornais velhos para fazer com que o fogo secasse as toras e as acendesse. Foi até a cozinha para pegar mais uísque, mas Maria o interrompeu.

- Você me perguntou o que eu queria?

- Não lhe perguntei.

- Pois saiba que a pessoa que está com você tem que existir. Pense nela. Pense se ela deseja uísque, ou gin, ou café. Pergunte o que ela quer.

- O que você quer beber?

- Vinho. E gostaria que me acompanhasse.

Ele deixou a garrafa de uísque, e voltou com uma de vinho. A esta altura, o fogo já tinha queimava as toras; Maria apagou as poucas luzes que tinha <sup>hiato</sup> ~~deixado~~ acesas, deixando que apenas as chamas iluminassem o ambiente. Comportava-se como sempre tivesse sabido que aquele era o primeiro passo: ~~reconhecer~~ reconhecer o outro, saber que esta ali.

Abriu a bolsa, e achou lá dentro uma caneta que comprara em um super-mercado. Qualquer coisa servia.

- Isso é para você . Quando comprei, pensava em ter algo para anotar as idéias sobre administração de fazendas. Usei-a durante dois dias, trabalhei até ficar cansada. Ela tem um pouco do meu suor, da minha concentração, da minha vontade, e eu estou lhe entregando agora.

Depositou a caneta suavemente em sua mão .

- Ao invés de lhe comprar algo que você gostaria de ter, estou lhe dando algo que é meu, realmente meu. Um presente. Um sinal de respeito pela pessoa diante de mim, pedindo que ela compreenda o quanto é importante estar ao seu lado. Agora ela tem consigo uma pequena parte de mim mesma, que lhe ~~entreguei~~<sup>deu</sup> de livre e espontanea vontade.

Ralf levantou-se, foi até a estante e voltou com um objeto. Estendeu-o para Maria:

- Este é um vagão de um trem elétrico que eu tinha quando era menino. Não tinha autorização para brincar com ele sozinho, porque meu pai dizia que era caro, importado dos Estados Unidos. Então, restava a mim esperar que ele tivesse vontade de montar o trem no meio da sala - mas geralmente ele passava os domingos escutando ópera. Por isso, o trem sobreviveu à minha infância, mas não me deu nenhuma alegria. Lá em cima tenho guardado todos os trilhos, a locomotiva, as casas, até mesmo o manual; porque eu tinha um trem que não era meu, com o qual eu não brincava.

"Oxalá tivesse sido destruído como todos os outros brinquedos que ~~tive~~ <sup>ganhei</sup> e que nem me lembro, porque esta paixão de destruir faz parte da maneira com que a criança descobre o mundo. Mas este trem intacto me lembra sempre uma parte da minha infância que eu não vivi, porque era preciosa demais, ou trabalhosa demais para o meu pai. Ou talvez porque, cada vez que montava o trem, tivesse medo de demonstrar seu amor por mim."

Maria começou a olhar fixamente o fogo na lareira. Algo estava acontecendo - e não era o vinho, nem o ambiente acolhedor. Era a entrega de presentes.

Ralf também virou-se para o fogo. Ficaram calados, escutando o crepitar das chamas. Beberam vinho, como se não fosse importante dizer nada, falar nada, fazer nada. Apenas estar ali, um com o outro, olhando na mesma direção.

- Tenho muitos trens intactos na minha vida - disse Maria, depois de um tempo. - Um deles é o meu coração. Também só brincava com ele quando o mundo colocava os trilhos, e nem sempre era o momento certo, ~~embora eu pedisse constantemente para te-lo comigo.~~

- Mas você amou.

- Sim, eu amei, Eu amei <sup>te sou</sup> muito. Eu amei tanto que, quando o meu amor me pediu um presente, eu tive medo e fugi.

- Não entendo.

- Não precisa. Estou lhe ensinando, porque descobri algo que não sabia. O presente. A entrega de alguma coisa que é sua. Dar antes de pedir algo que seja importante. Você tem meu tesouro: a caneta com que escrevi alguns de meus sonhos. Eu tenho seu tesouro: o vagão de trem, parte da infância que você não viveu.

"Eu agora carrego comigo parte do seu passado, e você guarda consigo um pouco do meu presente. Que bom."

Disse tudo isso sem pestanejar, sem estranhar a si mesmo, como se ~~conhecesse~~ <sup>Soubesse</sup> há muito tempo tudo aquilo, que ~~ela~~ <sup>a melhor maneira de agir.</sup> ~~acabara de fazer.~~ Levantou-se com suavidade, pegou seu casaco no cabide, e deu-lhe um beijo no rosto. Ralf Hart, em nenhum momento, fez qualquer menção de levantar-se de onde estava, hipnotizado pelo fogo, possivelmente pensando em seu pai.

- Nunca entendi direito porque guardava esse vagão. Hoje ficou claro: para entregar-lhe em uma noite de lareira acesa. Agora esta casa fica mais leve.

Ele disse que, no dia seguinte, iria ~~entregar~~ <sup>doar</sup> o resto dos trilhos, locomotivas, pastilhas que imitavam fumaça, a algum asilo.

- Talvez hoje este trem seja uma raridade que não se fabrica mais, e valha muito dinheiro - advertiu Maria, para logo se arrepender-se em seguida. Não se tratava disso,

mas de livrar-se de algo que custa ainda mais caro ao nosso coração.

Antes que tornasse a dizer coisas que não combinavam com o momento, tornou a dar-lhe um beijo no rosto e dirigiu-se até a porta. Ele ainda continuava olhando o fogo, e ela pediu, delicadamente, que viesse abri-la. Ralf levantou-se e ela explicou que, embora estivesse contente ao vê-lo olhando o fogo, os brasileiros tem uma estranha superstição: quando visitam alguém pela primeira vez, não podem abrir a porta na hora da saída, porque se fizerem isso, jamais retornarão àquela casa.

- E eu quero voltar.

- Embora não tenhamos tirado a roupa e eu não tenha entrado dentro de voce, ou nem sequer a tenha tocado, nós fizemos amor.

Ela riu. Ele ofereceu-se para leva-la em casa, mas Maria recusou.

*Sei ue-la*  
- ~~Estarei~~ de novo amanhã, no "Copacabana."

- Não faça isso. Espere uma semana. Aprendi que esperar é a parte mais difícil, e quero também me acostumar com isso; saber que você está comigo, mesmo que não esteja ao meu lado.



O desejo profundo, o desejo mais real é aquele de aproximar-se de alguém. A partir daí, começam a ocorrer as reações, o homem e a mulher entram em jogo, mas o que acontece antes - a atração que os juntou - é impossível de explicar. É o desejo intocado, em seu estado puro.

Quando o desejo ainda está neste estado puro, homem e mulher ~~estão~~ *so*, apaixonados *107* pela vida, ~~ou seja~~, vivem cada momento com reverencia, e conscientemente, sempre esperando o momento certo de celebrar a *proxima* benção ~~de um dia~~.

Pessoas assim não tem pressa, não precipitam os acontecimentos com ações inconscientes. Elas sabem, ~~sabem porque~~ vivem e sentem o corpo e a alma ao mesmo tempo, ~~sabem~~ que o inevitável se manifestará, que o verdadeiro sempre encontra uma maneira de mostrar-se. Quando chega o momento, elas não hesitam, não perdem uma oportunidade, não deixam passar nenhum momento mágico porque *respeitam* ~~sabem~~ a importância de cada segundo.

Eu digo que só conseguem viver grandes coisas juntos, aqueles que prestam atenção nas pequenas coisas que estão fazendo enquanto ainda não encontraram o grande amor.

# ABRIR PAG

Nos dias que seguiram, Maria descobriu-se de novo presa na armadilha que tanto evitara - mas não estava triste nem preocupada com isso. Pelo contrário: já que não tinha mais nada a perder, estava livre.

Sabia que - por mais romântica que fosse a situação - um dia Ralf Hart iria compreender que ela não passava de uma prostituta, <sup>enquanto</sup> que ele era um respeitado artista. Que ela morava em um país distante, sempre em crises, enquanto ele vivia no paraíso, com a vida organizada e protegida desde o nascimento. <sup>\*</sup> Enfim, sonhos como esses não duram muito, e Maria já <sup>vivera</sup> ~~sufre~~ o bastante para entender que, independente do <sup>seu</sup> ~~desejo~~ <sup>aspiração</sup>, a realidade era outra. ~~E era~~ <sup>mas</sup> essa sua grande alegria: saber que não teria nada em troca - ~~mas~~ <sup>mas</sup> era isso que a estava salvando, e a colocava de novo em contacto com sua alma.

"Como sou romântica, meu Deus."

\* <sup>frequentando</sup> ~~ela~~ <sup>ela</sup> ~~foz~~ <sup>foz</sup> educado <sup>na</sup> ~~melhores~~ <sup>melhores</sup> colégio e <sup>ela</sup> ~~foz~~ <sup>foz</sup> apenas terminara o curso secundário com <sup>mucho</sup> ~~mucho~~ esforço, e muito suor da <sup>da</sup> ~~lata~~ <sup>lata</sup> de seu país.

Durante a semana tentou descobrir algo que pudesse deixar Ralf Hart feliz; ~~afinal de contas~~, ele lhe havia devolvido uma dignidade e uma "luz" que ela julgava perdida para sempre. Mas a única maneira que tinha para retribuir ~~isso~~ <sup>o</sup>, era através daquilo que ele julgava que ela conhecia muito bem: sexo. ~~Entretanto~~ <sup>Como</sup>, as coisas não variavam muito na rotina do "Copacabana", ~~de modo que~~ ela resolveu procurar outras fontes.

Alugou <sup>de novo alguns</sup> filmes pornográficos, ~~mas~~ <sup>e de novo</sup> não encontrou nada <sup>interessante</sup> de ~~novo~~ ali - exceto, talvez, por alguma variação quanto ao número de parceiros. Como os filmes não ajudavam muito, pela primeira vez desde que chegara em Geneve decidiu comprar livros - embora ainda achasse que era muito mais prático não precisar ocupar o espaço de sua casa com algo que, uma vez lido, não tinha mais uso. Foi até uma livraria que vira enquanto andava com Ralf pelo caminho de Santiago, e procurou saber se tinham alguma coisa sobre o tema.

- Muita, muita coisa - respondeu a moça encarregada de vendas. - Na verdade, as pessoas parecem só se preocupar com isso. Além de uma seção especial, também em todos os romances que você está vendo a sua volta existe pelo menos uma cena de sexo. Mesmo que esteja escondido em lindas histórias de amor, ou em tratados sérios sobre o comportamento do ser humano, o fato é que as pessoas só pensam nisso.

Maria, com toda a sua experiência, sabia que a moça estava enganada: as pessoas queriam pensar isso, porque achavam que o mundo inteiro só se preocupava com este tema. Faziam regimes, usavam peruças, ficavam horas no cabelereiro ou nos ginásios, vestiam roupas insinuantes ~~provocantes~~, ~~provocavam~~ a centelha desejada - e daí? Quando chegava a hora de ir para a cama, onze minutos e pronto. Nenhuma criatividade, nada que levasse ao paraíso; em pouco tempo, a centelha já não tinha mais força para manter o fogo aceso.

Mas ~~não adiantava~~ <sup>era inútil!</sup> discutir com a ~~livreira~~ <sup>moça</sup> loura, ~~jovem como ela~~, que julgava que o mundo pode ser explicado em livros. Perguntou de novo onde estava a seção especial, e ali encontrou vários títulos sobre gays, lésbicas, freiras que revelavam coisas escabrosas na igreja, técnicas orientais de kama-sutra (ela já tinha ouvido ~~falar~~ <sup>este nome, o</sup>, e ~~colocou~~ <sup>pegou</sup> um exemplar em sua bolsa), e apenas um dos volumes a interessou: "O Sexo Sagrado." Pelo menos devia ser diferente.

Comprou-o, foi para casa, colocou o rádio em uma estação que sempre a ajudava a pensar (porque as músicas eram calmas), abriu o livro, notou que ~~tinha~~ <sup>também</sup> várias ilustrações, ~~mostrando~~ <sup>com</sup> posturas que só mesmo quem trabalha em circo pode conseguir praticar. O ~~texto era aborrecido,~~ <sup>filosófico, tentando explicar como</sup>

*basicamente  
deu o cabelo  
era como  
o que era  
mal desenhadas  
ilustrações  
cruzes*

Maria aprendeu o suficiente em sua profissão para

*saber que* "Ultrapassado", disse para si mesma, já que) nem tudo na vida era uma questão da posição na qual você se coloca enquanto está fazendo amor. Mesmo assim, tentou concentrar-se no que lia.

*é na maior parte dos vezes, qualquer mudança de postura acontece de maneira natural, como os passos de uma dança.*

Duas horas depois, deu-se conta de duas coisas.

A primeira, que precisava jantar logo, pois devia retornar ao "Copacabana".

A segunda, que a pessoa que escrevera aquele livro não entendia nada, NADA do assunto. Muita teoria, coisas orientais, rituais inúteis, sugestões idiotas. Via-se que o autor tinha meditado nos Himalaias (precisava saber onde era isso), frequentado cursos de yoga (já tinha ouvido falar), lido muito sobre o assunto, pois citava um e outro autor, mas não tinha aprendido o essencial. Sexo não era teoria, incenso queimando, pontos de toque, reverências e salamaleques. Como aquela pessoa (na verdade, uma mulher) ousava escrever sobre um tema que nem Maria, que trabalhava na área, conhecia ~~todo o potencial~~ *direito?* Talvez fosse culpa dos Himalaias, ou da necessidade de complicar algo cuja beleza está na simplicidade e na paixão. Se aquela mulher fora capaz de publicar e vender um livro não estúpido, era melhor que ela voltasse a pensar seriamente em seu texto, "Onze Minutos." Não era cínico nem falso - era apenas sua história, nada mais.

Mas não tinha nem tempo, nem interesse; precisava concentrar sua energia em deixar Rolf Hart alegre, e em aprender como administrar fazendas.

— AB R, R PAS —

Texto do diário de Maria, logo depois de deixar o aborrecido livro de lado:

*Eu encontrei um homem, e me apaixonei por ele. Deixei-me apaixonar por uma simples razão: não espero nada.. Sei que em três meses estarei longe, ele será uma lembrança, mas não podia agüentar mais viver sem amor; estava no meu limite.*

*Estou escrevendo uma história para Ralf Hart - esse é seu nome. Não estou certa se ele voltará à boate onde trabalho, mas pela primeira vez na minha vida isso não faz a menor diferença. É suficiente ama-lo, estar com ele em meu pensamento, e colorir esta cidade tão bela com seus passos, suas palavras, seu carinho. Quando eu deixar este país, ele terá um rosto, um nome, a lembrança de uma lareira. Tudo o mais que vivi aqui, todas as coisas duras*

pelas quais passei, não serão nada perto desta lembrança.

Gostaria de poder fazer por ele o que ele fez por mim. Estive pensando muito, e descobri que não entrei naquele café por acaso; os encontros mais importantes já foram combinados pelas almas antes mesmo que os corpos se vejam.

Geralmente estes encontros acontecem quando chegamos a um limite, quando precisamos morrer e renascer emocionalmente. Os encontros nos esperam - mas a maior parte das vezes evitamos que eles aconteçam. Entretanto, se estamos desesperados, se já não temos mais nada a perder, ou se estamos muito entusiasmados com a vida, então ~~estamos abertos para o desconhecido,~~ *se mentes,* e nosso universo muda de rumo.

Todos sabem amar, pois já nasceram com este dom. Algumas pessoas já o praticam naturalmente bem, mas a maioria tem que reaprender, relembrar como se ama, e todos - sem exceção - ~~tem que se queimar~~ *precisam*

na fogueira de suas emoções passadas,  
reviver algumas alegrias e dores, quedas e  
subidas, até conseguir enxergar ~~um~~ <sup>o</sup> fio  
condutor que existe por detrás de ~~um~~ <sup>cada</sup> novo  
encontro; sim, existe um fio ali.

E então, os corpos ~~tem que~~  
aprender <sup>m</sup> a falar a linguagem da alma: isso  
se chama sexo, é isso que eu posso dar ao  
homem que me devolveu a alma, embora ele  
desconheça totalmente sua importância na  
minha vida. Isso foi o que ele me pediu, e  
isso ele terá; quero que seja muito feliz.

— ABRIR PAG —

A vida <sup>as vezes</sup> é muito avarenta <sup>entz</sup>: a pessoa passa dias,  
semanas, meses e anos sem ~~permitir-se~~ sentir nada de novo.  
Entretanto, uma vez que abre uma porta - e esse foi o caso de  
Maria com Rolf Hart - ~~deixa~~ <sup>deixa</sup> que uma verdadeira avalanche  
entre pelo espaço aberto. Em um momento você não tem nada, no  
momento seguinte tem mais do que consegue agüentar.

<sup>##</sup> Duas horas depois de ter escrito seu diário, quando  
chegou no trabalho, foi procurada por Milan, o dono:  
- Então, você saiu com o tal pintor.

Ele devia ser conhecido da casa - ela compreendera isso quando pagou por três clientes, a quantia certa, sem perguntar o preço.

Maria apenas fez que "sim" com a cabeça, procurando criar um certo mistério, para o qual Milan não deu a menor importância, já que comovia esta vida melhor que e/a. ~~a vida não tinha este tipo de complicação que ela queria aparentar.~~

- Talvez já esteja preparada para um próximo passo. Existe um cliente especial que tem sempre perguntado por você. Eu digo que não tem experiência, e ele acredita em mim; mas talvez agora seja hora de tentar.

Cliente especial?

- E o que tem isso a ver com o pintor?

- Também é um cliente especial.

Ênfase,  
Maria sentiu que tudo o que tinha feito com Ralf Hart, já devia ter sido experimentado e feito por outra de suas colegas. Mordeu o lábio, e não disse nada - tinha passado uma bela semana, ~~e~~ não podia se esquecer do que escrevera.

- Devo fazer a mesma coisa que fiz com ele?

- Não sei o que fizeram; mas hoje, se alguém lhe oferecer um drink, não aceite. Os clientes especiais pagam melhor, e você não irá se arrepender.

O trabalho começou como de costume. As tailandesas sempre sentando juntas, as colombianas com o mesmo ar de quem entendiam tudo, as três brasileiras (entre as quais se incluía) fingindo um ar distraído, como se nada daquilo fosse novo ou interessante. Havia apenas uma ~~suíça~~ <sup>austríaca</sup>, duas alemãs, e o resto era composto de mulheres do antigo ~~Leste~~ <sup>E</sup>uropeu, todas altas, de olhos claros, lindas, e que terminavam casando mais rápido que as outras.

Os homens entraram. - ~~R~~ussos, suíços, alemães, sempre executivos ocupados, capazes de pagar pelos serviços das prostitutas mais caras de uma das cidades mais caras do mundo. Alguns se dirigiram a sua mesa, mas ela sempre olhava para Milan, e ele fazia um sinal negativo. Maria estava contente: não teria que abrir as pernas aquela noite, agüentar cheiros, tomar duchas em banheiros nem sempre aquecidos, ~~T~~udo que precisava era ensinar a um homem, já cansado de sexo, como devia fazer amor. ~~E~~ agora, pensando bem, não era qualquer mulher que teria a mesma criatividade para inventar a história do presente. ] Ao mesmo tempo se perguntava: "por que será que, depois de terem experimentado tudo, querem mesmo voltar ao princípio?" Enfim, isso não era da sua conta; desde que pagassem bem, ela estava ali para servi-los.

Um homem mais jovem que Rolf Hart entrou; bonito, cabelos negros, dentes perfeitos, e um terno que lhe lembrava os chineses - sem gravata, apenas com uma gola alta, e impecável camisa branca por baixo. Dirigiu-se até o bar, ambos olharam Maria, e ele se aproximou:

- Aceita um drink?

Milan fez que sim com a cabeça, e ela convidou-o para sentar em sua mesa. Pediu seu coquetel de frutas, e estava esperando o convite para dançar, quando o homem se apresentou:

- Meu nome é Terence, e trabalho em uma companhia de discos na Inglaterra. Como sei que estou em um lugar onde posso confiar nas pessoas, penso que isso irá ficar entre nós.

Maria ia começar a falar do Brasil, quando ele a interrompeu:

- Milan disse que você entende o que eu quero.
- Não sei o que você quer. Mas entendo do que faço.

O ritual não foi cumprido; ele pagou a conta, pegou-a pelo braço, entraram no táxi, e lhe estendeu mil francos. Por um momento, ela lembrou-se do tal árabe com quem tinha ido jantar no tal restaurante cheio de pinturas famosas; era a primeira vez que voltava a receber a mesma

quantia, e ao invés de ficar contente, isso a deixou nervosa e assustada, ~~pequena~~

O táxi parou em um dos hotéis mais caros da cidade. O homem disse boa-noite ao porteiro, demonstrando uma imensa familiaridade com o local. Subiram direto ao seu quarto, uma suíte com vista para o rio. Ele abriu uma garrafa de vinho - possivelmente muito caro - e lhe ofereceu um copo.

Maria olhava-o enquanto bebia; o que uma pessoa como aquelas, rica, bonita, desejava de uma prostituta? Como ele quase não falava, ela também permaneceu a maior parte do tempo em silêncio, procurando descobrir o que podia deixar um cliente especial satisfeito. Entendeu que não devia tomar a iniciativa, mas uma vez ~~o carro em marcha~~ <sup>que o momento começasse</sup>, pretendia acompanhá-lo com a velocidade que fosse necessária; afinal de contas, não é toda noite que ganhava mil francos.

- Temos tempo - disse Terence. - Todo o tempo que quisermos. Pode dormir aqui, se assim desejar.

A insegurança voltou. O homem não parecia intimidado, e falava com uma voz calma, diferente de todos os outros. Sabia o que desejava; colocou uma música perfeita, na altura perfeita, no quarto perfeito, com a janela perfeita, que dava para o lago de uma cidade perfeita. Seu terno era bem cortado, a mala estava em um canto, pequena,

como se não precisasse de muita coisa para viajar - ou como se tivesse vindo a Geneve apenas por aquela noite.

- Vou dormir em casa - respondeu Maria.

~~Não soube dizer se fora a frase,~~ mas o homem em sua frente mudou por completo. Seus olhos de cavalheiro ganharam um brilho frio, glacial.

- Sente-se ali - disse, apontando para uma cadeira ao lado da escrivaninha.

Era uma ordem! Uma verdadeira ordem. Maria obedeceu e, estranhamente, aquilo a excitou.

- Sente-se direito. Estique as costas, como uma mulher de classe. Se não fizer isso, vou castigá-la.

Castigar! Cliente especial! Em um minuto ela entendeu tudo, tirou os mil francos da bolsa e colocou-os na escrivaninha.

- Eu sei o que você quer - disse, olhando fundo daqueles olhos azuis, gelados. - E não estou disposta.

O homem pareceu voltar ao normal; e ~~viu~~ <sup>para o</sup> que ela falava a verdade.

- Tome seu vinho - disse. - Não vou força-la a nada. Pode ficar mais um pouco, ou pode sair se quiser.

Aquilo a deixou mais tranqüila.

- Tenho um emprego - disse. - Tenho um patrão que me protege e acredita em mim. Por favor, não comente nada com ele.

*Maria disse*

~~Ela falou~~ isso sem nenhum tom de piedade, sem implorar nada - era simplesmente a realidade de sua vida .

Terence também voltara a ser o mesmo homem - nem doce, nem duro, apenas alguém que, ao contrário dos outros ~~clientes, dava a impressões de~~ *clientes, dava a impressões de* homens ~~que conhecera, parecia~~ *parecia* saber o que desejava. Agora parecia sair de um transe, de uma peça de teatro que ainda não tinha começado.

Valia a pena ir embora assim, sem jamais descobrir o que existe por detrás do "cliente especial"?

- O que você queria, exatamente?
- Você sabe. Dor. Sofrimento. E muito prazer.
- ~~São coisas que não combinam.~~

*pensou* "Dor e sofrimento não combinavam com muito prazer," *comentou* Maria. Embora quisesse desesperadamente acreditar que sim, e desta maneira passar para o lado ~~bon~~ *positivo* grande parte ~~de sua vida, que considerava ruim.~~ *das experiências negativas*

- ~~Combinam sim.~~

Ele pegou-a pelas mãos, e levou-a até a janela: do outro lado do lago podiam ver a torre de uma catedral - Maria

lembrava-se que passara por ali enquanto percorria com Ralf Hart o caminho de Santiago.

- Você está vendo estas este rio, este lago, estas casas, aquela igreja? Há quinhentos anos atrás, era tudo mais ou menos igual.

"Só que a cidade estava completamente vazia; uma doença desconhecida havia se espalhado por toda a Europa, e ninguém sabia por que morria tanta gente. Começaram a chamar a tal doença de Peste Negra - uma punição que Deus havia enviado ao mundo por causa dos pecados do homem.

~~sacrificou-se~~ "Então, um grupo de pessoas resolveu ~~oferecer-se em~~ ~~sacrifício~~ pela humanidade: ofereceram aquilo que mais temiam: a dor física. Passaram a caminhar dia e noite por estas pontes, estas ruas, açoitando o próprio corpo com chicotes ou correntes. Sofriam em nome de Deus, e louvavam a Deus com sua dor. Em pouco tempo, descobriram que eram mais felizes fazendo isso do que cozinhando o pão, trabalhando na lavoura, alimentando os animais. A dor já não era mais o sofrimento, mas o prazer de resgatar a humanidade dos seus pecados. A dor se transformou em alegria, no sentido da vida, no prazer. <sup>^</sup>

Seus olhos voltaram ao mesmo frio que vira alguns minutos antes. Pegou o dinheiro que ela havia deixado em cima

da escrivadinha, retirou, separou 150 francos e colocou-os em sua bolsa.

- Não se preocupe com o seu patrão. Aqui está a comissão dele, e prometo que não direi nada. Pode ir embora.

Ela agarrou todo o dinheiro.

- Não!

Era o vinho, o árabe no restaurante, a mulher com sorriso triste, a idéia de que nunca voltaria àquele maldito lugar, o medo do amor que estava chegando sob a forma de um homem de ~~quarenta~~ <sup>uma e 29 anos,</sup> anos, as cartas para a sua mãe que contavam uma linda vida cheia de oportunidades de trabalho, o menino que lhe pedira um lápis na infância, as lutas contra si mesma, a culpa, a curiosidade, o dinheiro, a busca dos seus próprios limites, as chances e oportunidades que perdera. Outra Maria estava ali: já não oferecia presentes, mas entregava-se em sacrifício.

- Meu medo já passou. Vamos adiante. Se for necessário, castigue-me por ser rebelde. *Menti. Trac. Aji*  
*quando com quem aqui me protege e me amou*

Ela havia entrado no jogo. Estava dizendo as coisas certas.

*Tessence*  
- Ajoelhe-se! - disse, com uma voz baixa, mas assustadora.

Maria obedeceu. Nunca tinha sido tratada daquela maneira - e não sabia se era bom ou ruim, apenas queria ir mais adiante, merecia ser humilhada por tudo o que fizera em toda a sua vida. Estava entrando em um personagem, um novo personagem, uma mulher que desconhecia completamente.

- Você será castigada. Porque você é inútil, não conhece as regras, nada sabe sobre sexo, sobre a vida, sobre o amor.

Enquanto falava, Terence se transformava em dois homens distintos. Aquele que explicava calmamente as regras, e o que lhe fazia sentir a pessoa mais miserável do mundo.

- Sabe por que aceito isso? Porque é não há maior prazer em iniciar alguém em um mundo desconhecido. Tirar a virgindade - não do corpo, mas da alma, está entendendo?

Estava entendendo.

- Hoje você poderá fazer perguntas. Mas da próxima vez, quando a cortina do nosso teatro abrir, a peça começa e não pode parar. Se parar, é porque nossas almas não se combinaram. Lembre-se: é uma peça de teatro. Você tem que ser aquele personagem que nunca teve coragem de ser. Aos poucos, você vai descobrir que tal personagem é você mesma, mas até conseguir ~~ver~~ *entregar com clareza,* procure fingir, inventar.

- Se eu não suportar a dor?

*delícia, em mistério.* - Não existe dor, existe algo que se transforma em ~~prazer~~. Faz parte da peça pedir "não me trate assim, está ferindo muito." Faz parte pedir: "pare, eu não agüento mais!" E por isso, para evitar o perigo...abaixe a cabeça e não me olhe!

Maria, ajoelhada, abaixou a cabeça e fitava o chão.

- Para evitar que esta relação cause danos físicos sérios, teremos dois códigos. Se um de nós disser "amarelo", isso significa que a violência deve ser reduzida um pouco. Se disser "vermelho", deve-se parar imediatamente.

- Você disse "um de nós"?

- Os papéis se alternam . Não existe um sem ~~experimentar~~ o outro, e ninguém saberá humilhar se não for também humilhado.

Aquilo eram palavras terríveis, vindas de um mundo que não conhecia, cheio de sombra, de lama, de podridão. Mesmo assim, ela sentia vontade de ir adiante - seu corpo estava tremendo, de medo e excitação.

A mão de Terence tocou em sua cabeça, com uma ternura inesperada.

- Fim.

Pediu que se levantasse. Sem especial carinho, mas sem a agressividade seca que demonstrara. Maria vestiu o casaco, ainda tremendo. Terence notou o seu estado.

- Fume um cigarro antes de ir.

- Não aconteceu nada.

- Não precisa. Começará a acontecer em sua alma, e da próxima vez que nos encontrarmos, estará pronta.

- Isso vale mil francos?

Ele não respondeu. Acendeu também um cigarro, e terminaram o vinho, escutaram a música perfeita, saborearam juntos o silêncio. Até que chegou o momento de dizer alguma coisa, e Maria se surpreendeu com suas próprias palavras.

- Não entendo porque tenho vontade de pisar nesta lama.

- Mil francos.

- Não é isso.

Terence parecia contente com a resposta.

- Eu também já me perguntei a mesma coisa. *Jo Marques de* Sade

dizia que as mais importantes experiências do homem são aquelas que o levam ao extremo; só assim aprendemos - porque isso requer toda a nossa coragem. Quando um patrão humilha um empregado, ou um homem humilha sua mulher, ele está apenas sendo covarde, ou vingando-se da vida; são pessoas que jamais ousaram olhar no fundo de suas almas, jamais procuraram saber de onde vem o desejo de soltar a fera selvagem, entender que o sexo, a dor, o amor, são experiências limites do homem.

"E só quem conhece estas fronteiras, conhece a vida; o resto é apenas passar o tempo, repetir uma mesma tarefa, envelhecer e morrer sem ter realmente sabido o que se estava fazendo aqui."

*##*

De novo a rua, de novo o frio, de novo a vontade de andar. O homem estava errado, não era preciso conhecer seus demônios para encontrar Deus. Cruzou com um grupo de estudantes que saía de um bar; estavam alegres, tinham bebido um pouco, eram bonitos, cheios de saúde, em breve terminariam a universidade e começariam aquilo que chamam de "a verdadeira vida." Trabalho, casamento, filhos, televisão, amargura, velhice, sensação de muita coisa perdida, *mas frustrações,* *doenças, invalidez, dependências,* *amargura,* morte.

O que estava acontecendo? Ela também era ~~isso que~~ ~~ela~~ buscava tranquilidade para viver sua "verdadeira vida"; o tempo passado na Suíça, fazendo algo que jamais sonhou, era apenas um período difícil, *que* ~~como~~ todas as pessoas enfrentam cedo ou tarde. Neste período difícil, ~~ela~~ freqüentava o "Copacabana", ~~o~~ saía com os homens por dinheiro, vivia a Menina Ingênua, a Mulher Fatal, e a Mãe Carinhosa, dependendo do cliente. Mas *o que fazia* ~~o que fazia~~ era apenas um trabalho, ao qual se dedicava com o máximo de profissionalismo - por causa das gorjetas - e o mínimo de interesse - por causa do medo de

acostumar-se com ele. Passara nove meses controlando o mundo ao seu redor, e pouco tempo antes de voltar para sua terra, estava se descobrindo capaz de amar sem exigir nada em troca, e sofrer sem motivo. Como se a vida tivesse escolhido este meio sórdido, estranho, para ensinar-lhe algo sobre seus próprios mistérios, sua luz e suas trevas.

Como se, uma vez que se encontra a Aventura, ela jamais nos deixa em paz novamente.

— ABRIR PAZ —

Do diário de Maria na noite em que encontrou Terence pela primeira vez:

Ele citou Sade, de quem eu nunca tinha escutado uma só linha, apenas os comentários tradicionais sobre sadismo. Sade disse ~~que~~ "só nos conhecemos quando encontramos nossos próprios limites," e isso está certo. Mas isso também está errado, porque não é importante conhecer tudo a respeito de nós mesmos; o ser humano não foi feito só para buscar a sabedoria, mas também para arar a terra, esperar a chuva,

plantar seu trigo, colher o grão, fazer o pão.

Sou duas mulheres: uma deseja ter toda a alegria, a paixão, as aventuras que a vida pode me dar. A outra quer ser escrava de uma rotina, da vida familiar, das coisas que podem ser planejadas e cumpridas. Sou a dona de casa e a prostituta, ambas vivendo no mesmo corpo, e uma lutando contra a outra.

O encontro de uma mulher consigo mesma é é uma brincadeira com sérios riscos. Uma dança divina. Quando nos encontramos, somos duas energias divinas, dois universos que se chocam. Se o encontro não tem a reverência necessária, um universo destrói o outro.

— ARRIP PAG —

Estava de novo na na sala de estar da casa de Ralf Hart, o fogo na lareira, o vinho, os dois sentados no chão, e tudo o que experimentara com aquele executivo de discos inglês, no dia anterior, não passava de um sonho ou um pesadelo - dependendo de seu estado de espírito. Agora

*Amor, uma excusa em tudo para algum país exótico, mais, ~~uma~~ volta redobrando da vida graças, esquecidos de que foram feitos mudos. O mesmo vale, sempre, seus laços de viver,*

voltava para a busca de amor - melhor dizendo, para a entrega pura, sem desejar nada em troca.

Crescera muito enquanto esperara este momento. Descobrira, finalmente, que o amor real nada tinha a ver com o que imaginava, ~~com a busca de uma forma~~ ou seja, um cadeia de acontecimentos que imaginava serem provocados pela

energia amorosa - namoro, compromisso, casamento, filhos, *esposa,* cozinha, parque de diversões aos domingos. *espera, volta junto, a espera acabou, em seu lugar veio a* O que sentia agora *apresenta dor do machado,* estava muito além disso, longe de qualquer forma, inclusive a *após* física. *do doentes e o seu sacas de que é meu b' ladi para viverei tudo que junto N'ham sonhado.*

Olhou para o homem a quem decidira se entregar, e a quem decidira jamais contar o que sentia. Ele parecia mais a vontade, ~~mais dentro de sua própria vida~~, como se tivesse começado um ~~caminho~~ *periclo* interessante *de sua vida*. Estava sorrindo, contava histórias de sua recente viagem a Munich, para encontrar-se com um importante diretor de museu.

- Perguntou se a tela sobre as ~~personalidades do século~~ *os nomes de Geneve* estavam ~~prontas~~. Eu disse que tinha encontrado uma das principais pessoas que gostaria de pintar. Uma mulher cheia de luz.

Maria ~~eu~~ pediu que contasse mais de sua vida.

- Não quero falar de mim, quero abraça-la. Eu a desejo.

*Dessejo? Dessejo!*

~~Ele acabara de dizer isso~~ Ah, então agora já tinha um ponto de partida. O desejo era algo que conhecia bem.

Por exemplo: desperta-se o desejo não entregando logo o seu objeto.

*Que bom: está em desejo.*

- ~~Estamos fazendo isso, neste momento.~~ Você está a menos de um metro de mim, foi até uma boate, pagou por meus serviços, sabe que tem o direito de tocar-me. Mas não ousa. Olhe-me. Olhe-me, e pense que talvez eu não queira que você me olhe. Imagine o que está escondido debaixo de minha roupa.

Sempre usava vestidos pretos para trabalhar, e não entendia porque as outras meninas do "Copacabana" tentavam ser provocantes com seus decotes e cores agressivas. Para ela, excitar um homem era vestir-se como qualquer mulher que ele pode encontrar no escritório, no trem, ou na casa de uma amiga da mulher.

Ralf olhou-a, Maria sentiu que ele a despia, e gostou de ser desejada daquela maneira - sem contacto, como em um restaurante ou na fila do cinema.

- Estamos em uma estação - continuou Maria. Estou esperando o trem junto com você, você não me conhece. Mas os meus olhos cruzam com os seus, por acaso, e não se desviam. Você não sabe o que estou tentando ~~te contar~~ *dizer*, porque, embora seja um homem inteligente, capaz de ver a "luz" das pessoas,

não é sensível o bastante para ver o que esta luz está iluminando.

Tinha aprendido o "teatro." Quis esquecer rápido o rosto do tal executivo inglês, mas ele estava ali, guiando sua imaginação.

*Meus olhos estão fixos no seu, e posso estar aqui pensando a mim mesmo: "será que eu o conheço?" Que posso estar distraído.*

- Então imagine: posso estar querendo a coisa mais simples do mundo: encontrar um homem. Posso estar tentando fugir de um amor que sofri. Posso estar procurando vingar-me de uma traição que acabou de acontecer, e resolvi ir até a estação de trem em busca de um desconhecido. Posso desejar ser sua prostituta só por uma noite, só para fazer algo diferente em minha vida aborrecida. Posso, inclusive, ser uma prostituta de verdade, que está ali para conseguir trabalho.

- E, neste encontro casual, você também está me desejando.

Mas Maria ~~havia~~ se distraído por alguns segundos.

Voltara para o tal hotel, a humilhação - "amarelo", "vermelho", dor e muito prazer. Aquilo havia mexido com sua alma, de uma maneira que não estava gostando.

*Raff corte:*  
*- É esse encontro, você também me deseja?*  
- Não sei. Não nos falamos, você não sabe.

Outros segundos de distração. De qualquer maneira, a idéia do "teatro" ajudava muito; fazia surgir o verdadeiro personagem, afastava as muitas pessoas falsas que habitam em nós mesmas.

- Mas o fato é que eu não desvio meus olhos, e você não sabe o que fazer. Deve aproximar-se? Será rejeitado? Chamarei um guarda? Ou lhe convidarei para tomar café?

- Estou voltando de Munich - disse Ralf Hart, e seu o tom de voz era diferente, como se estivessem realmente se encontrando pela primeira vez. - Estou pensando em uma coleção de quadros sobre as ~~personalidades do sexo~~. As muitas máscaras que as pessoas usam para jamais ~~viverem~~ <sup>punir</sup> o verdadeiro encontro <sup>de seus corpos</sup>.

Ele conhecia o "teatro." Milan dissera que era também um cliente especial. O alarme tocou, mas ela precisava de tempo para pensar.

- O diretor do museu me disse: em que você pretende basear o seu trabalho? Eu respondi: em mulheres que se sentem livres para fazer amor quando tiverem vontade. Ele comentou: não dá, chamamos estas mulheres de prostitutas. Eu respondi: bem, são prostitutas, vou estudar a história delas e farei algo mais intelectual, mais a gosto das famílias que irão freqüentar o seu museu. Tudo é uma questão de cultura, sabia? De apresentar de uma maneira agradável aquilo que custa a ser digerido.

"O diretor insistiu: mas o sexo não é mais tabú. É uma coisa tão explorada, que fica difícil fazer um trabalho em cima. Eu respondi: e você sabe de onde vem o desejo

181

sexual? Do instinto, disse o diretor. Sim, do instinto, mas isso todo mundo sabe. Como fazer uma bela exposição, se estamos apenas falando de ciência? Eu quero falar de como o homem explica essa atração. Como um filósofo, por exemplo, contaria isso. O diretor pediu que eu desse um exemplo. Eu disse que, quando tomasse o trem de volta para casa e alguma mulher me olhasse, eu iria falar com ela; diria que, por ser uma estranha, poderíamos ter a liberdade de fazer tudo que tínhamos sonhado, viver todas as nossas fantasias, e depois ir para nossas casas, nossas mulheres e nossos maridos, sem que jamais nos cruzássemos novamente. E então, nesta estação de trem, eu lhe vejo.

Maria ~~ria~~ *curiosou o olhar.*

- Sua história é muito interessante, está matando o desejo.

Ralf Hart riu ~~com ela~~, e concordou. O vinho tinha acabado, ele foi até a cozinha pegar mais uma garrafa, ~~e~~ ela ficou olhando o fogo, já sabendo qual seria o próximo passo, mas ao mesmo tempo saboreando aquele ambiente acolhedor, esquecendo o executivo inglês, voltando a entregar-se como ~~desejava.~~ *queria que a desenfusasse.*

Ralf serviu os dois copos.

- Apenas como curiosidade, de que maneira você acabaria esta história com o diretor?

*o filósofo grego*

- Citaria Platão, já que estaria diante de um intelectual. Segundo ele, no início da criação, os homens e mulheres não eram como são hoje; havia apenas um ser, que era baixo, com um corpo e um pescoço, mas sua cabeça tinha duas faces, cada uma olhando para uma direção. Era como se duas criaturas estivessem grudadas pelas costas, com dois sexos opostos, quatro pernas, quatro braços.

"Os deuses gregos, porém, eram ciumentos, e viram que uma criatura que tinha quatro braços trabalhava mais, duas faces opostas estavam sempre vigilantes e ~~ninguém~~ <sup>mas</sup> podia atacar por traição, quatro pernas não exigiam tanto esforço para ficar de pé ou andar por longos períodos. E, o que era mais perigoso: a tal criatura tinha dois sexos diferentes, não precisava de ninguém mais para continuar se reproduzindo na terra.

"Então disse Zeus, o supremo senhor do Paraíso: "Tenho um plano para fazer com que estes mortais percam sua força. "

"E, com um raio, cortou esta criatura em dois, criando o homem e a mulher. Isso aumentou muito a população do mundo, e ao mesmo tempo desorientou e enfraqueceu os que nele habitavam - porque agora tinham que buscar de novo sua parte perdida, abraça-la de novo, e nesse abraço recuperar a força antiga, a capacidade de evitar a traição, a resistência

para andar longos períodos e agüentar o trabalho cansativo. Esse abraço onde os dois corpos se confundem de novo em um, chamamos de sexo."

- Essa história é verdade?
- Segundo Platão, o filosofo grego.

Maria olhava-o com fascínio, e a experiência da noite anterior tinha desaparecido por completo. Ela via o homem a sua frente cheio da mesma "luz" que ele enxergara nela, contando aquela estranha história com entusiasmo, os olhos brilhando não mais de desejo, mas de alegria.

- Posso lhe pedir um favor?

Ralf respondeu que podia pedir qualquer coisa.

- Pode descobrir ~~para mim~~ por que, depois que os deuses separaram a tal criatura com quatro pernas, algumas delas resolveram que o tal abraço podia ser apenas uma coisa, um negócio como outro qualquer - que ao invés de acrescentar, retira a energia das pessoas?

- Você está falando de prostituição?
- Isso. Pode saber ~~por que existe~~ se o sexo,

desde o início, era algo sagrado?

- Farei isso se você quiser - respondeu Ralf.

Maria não agüentou a pressão:

- Já lhe ocorreu pensar que as mulheres, principalmente as prostitutas, são capazes de amar?

- Sim, me ocorreu. Me ocorreu no primeiro dia, quando estávamos na mesa do café, quando vi sua luz. Então, quando pensei em convidá-la para um café, escolhi acreditar em tudo, inclusive na possibilidade que você me devolvesse ao mundo, de onde parti faz muito tempo.

Agora não havia mais retorno. Maria, a mestra, precisava vir imediatamente a seu socorro, ou ela iria beijá-lo, abraçá-lo, pedir que não a deixasse.

- Vamos voltar para a estação de trem - disse. - Melhor dizendo, vamos voltar para esta sala, para o dia em que viemos aqui pela primeira vez, e você reconheceu que eu existia, e me deu um presente. Foi a primeira tentativa de entrar na minha alma, e você não sabe <sup>ia</sup> se era bem-vindo. Mas, como diz a sua história, os seres humanos foram divididos, e agora buscam de novo este abraço que os une. Esse é o nosso instinto, <sup>e</sup> ~~mas~~ também a nossa razão para agüentar todas as coisas difíceis que acontecem durante esta busca.

"Eu quero que você me olhe, e quero, ao mesmo tempo, que ~~evite fazer com que eu note~~. O primeiro desejo é importante porque ele é escondido, proibido, ~~não consentido~~. <sup>faça isto de uma maneira discreta.</sup> <sup>egoísta</sup>. Você não sabe se está diante da sua outra metade perdida, ela tampouco sabe, mas algo os atrai - e é preciso acreditar que seja verdade".

De onde estou tirando tudo isso? Estou tirando tudo isso do fundo do meu coração, porque gostaria que sempre tivesse sido assim. Estou tirando estes sonhos do meu próprio sonho de mulher.

Ela abaixou um pouco a alça do seu vestido, de modo que uma parte, apenas uma ínfima parte do bico do seu seio ficasse descoberto.

- O desejo não é o que você vê, mas aquilo que você imagina.

Ralf Hart olhava uma mulher de cabelos negros, e roupa igual aos cabelos, sentada no chão de sua sala de visitas, cheia de desejos absurdos, como ter uma lareira acesa em pleno verão. Sim, queria imaginar o que aquela roupa escondia, podia ver o tamanho de seus seios, sabia que o sutiã que ela usava era desnecessário, embora talvez fosse uma obrigação do ofício. Seus seios não eram grandes, não eram pequenos, eram jovens. Seu olhar não demonstrava nada; o que ela estava fazendo ali? Por <sup>ele</sup> que estava alimentando esta relação perigosa, <sup>absurda,</sup> ~~sem sentido,~~ se não tinha nenhum problema em arranjar uma mulher? Era rico, <sup>do bem,</sup> famoso, de boa aparência. Adorava seu trabalho, tinha amado as mulheres com que se casara, tinha sido amado. Enfim, era uma pessoa que, por todos os padrões, deveria dizer: "Eu sou feliz."

126

Mas não era. Enquanto a maioria dos seres humanos estava se degladiando por um pedaço de pão, um teto onde morar, um emprego que lhe permitisse viver com dignidade, Ralf Hart tinha tudo isso, o que o fazia mais miserável em sua angustia. Se fizesse um balanço recente de sua vida, talvez tivesse conseguido dois, três dias em que tenha acordado, olhado o sol - ou a chuva - e sentir-se alegre por estar vivo, apenas alegre, sem desejar nada, sem planejar nada, sem pedir nada em troca. Afora estes poucos dias, o resto de sua existência tinha sido gasta em sonhos, frustrações e realizações, desejo de superar a si mesmo, viagens além dos seus limites, ~~o~~ não sabia exatamente a quem, ou o que, mas passara a sua vida tentando provar algo.

Olhava a bela mulher a sua frente, discretamente vestida de negro, alguém que encontrara por acaso, embora já a tivesse visto antes em uma boate, e reparado que não combinava com o lugar. Ela pedia que a desejasse, e ele a desejava muito, muito mais do que podia imaginar - mas não eram os seus seios, ou o seu corpo; era a sua companhia. Queria abraça-la, ficar em silêncio olhando o fogo, bebendo vinho, fumando um ou outro cigarro, isso era o suficiente. A

vida era feita de coisas simples, estava cansado de todos estes anos buscando algo que não sabia o que era.

Entretanto, se fizesse isso, se a tocasse, tudo estaria perdido. Porque apesar da "luz" que conseguia enxergar em Maria, não entendia direito se ela compreendia o quanto sentira sua falta, como era bom estar ao seu lado. Estava pagando? Sim, e continuaria pagando o tempo que fosse necessário poder conquista-la, sentar-se com ela à beira do lago, falar de amor - e escutar a mesma coisa de volta. Melhor não arriscar, não precipitar as coisas, não dizer nada.

~~##~~ Ralf Hart parou torturar-se, e voltou a concentrar-se no jogo que acabavam de criar juntos. A mulher a sua frente estava certa: não bastava o vinho, o fogo, o cigarro, a companhia; era preciso outro tipo de embriaguez, outro tipo de chama.

A mulher tirou o suéter. Estava com um vestido de alças, pode ver sua carne, mais para morena que branca. Desejou-a . Desejou-a muito.

Maria notou a mudança nos olhos de Ralf. Saber-se desejada lhe excitava muito, mais que qualquer outra coisa. Nada tinha a ver com a forma automática - quero fazer amor

com você, quero casar, quero que você tenha um orgasmo, quero ter um filho, quero compromissos. Não, o desejo era uma sensação livre, solta no espaço, vibrando, enchendo a vida com a vontade de ter algo - e isso bastava, essa vontade empurrava tudo para a frente, desmoronava as montanhas, deixava úmido seu sexo. O desejo era a fonte de tudo - de sair de sua terra, de descobrir um novo mundo, aprender francês, superar seus preconceitos, sonhar com uma fazenda, amar sem pedir nada em troca, sentir-se mulher apenas por causa do olhar de um homem. Com uma lentidão calculada, abaixou a a outra alça, e o vestido escorregou por seu corpo. Em seguida, desabotoou o sutiã. Ali ficou, com a parte superior do corpo completamente despida, imaginando se ele iria saltar sobre ela, toca-la, fazer juras de amor - ou se era sensível o suficiente para sentir, no próprio desejo, o mesmo prazer do sexo.

As coisas em volta dos dois começaram mudar, os ruídos já não existiam mais, a lareira, os quadros, os livros foram desaparecendo, substituídos por uma espécie de transe, onde apenas o obscuro objeto do desejo existe, e nada mais tem importância.

O homem não se mexeu. No início sentiu uma certa timidez em seus olhos, mas não durou muito. Ele a olhava, e no mundo de sua imaginação ele a acariciava com sua língua,

faziam amor, suavam, abraçavam-se, misturavam ternura e violência, gritavam e gemiam juntos.

No mundo real, porém, nada diziam, nenhum dos dois se movia, e isso a deixava mais excitada ainda, porque também ela estava livre para pensar o que quisesse. Pedia que a tocasse com suavidade, abria as pernas, masturbava-se diante dele, dizia frases românticas e vulgares como se fossem a mesma coisa, tinha vários orgasmos, acordava os vizinhos com seus gritos, acordava o mundo inteiro com a intensidade do que sentia. Ali estava seu homem, que lhe dava prazer e alegria, com quem podia ser quem era, falar dos seus problemas sexuais, contar o quanto gostaria de continuar junto com ele pelo resto da noite, da semana, da vida.

O suor começou a pingar da testa de ambos. Era a lareira, um dizia mentalmente para o outro. Mas tanto o homem como a mulher naquela sala tinham chegado ao seu limite, usado toda a imaginação, vivido juntos uma eternidade de momentos bons. Precisavam parar, porque mais um passo e aquela magia seria desfeita pela realidade.

Com muita lentidão - porque o final é sempre mais difícil que o princípio, <sup>ela</sup> recolocou o sutiã, e escondeu os seios. O universo voltou ao seu lugar, as coisas em volta ~~tomaram~~ <sup>tomaram</sup> a surgir, ela levantou o vestido que tombara até sua cintura, sorriu, e com ~~toda~~ a suavidade do ~~mundo~~, tocou-lhe o

rosto. Ele pegou a sua mão e apertou-a contra a sua face, também sem saber até onde devia mante-la ali, <sup>seu</sup> com que intensidade devia agarra-la.

Ela sentiu vontade de dizer que o amava. Mas isso estragaria tudo, podia assusta-lo, ou podia - o que era pior - fazer com que respondesse que também a amava. Maria não queria isso: a liberdade do seu amor era não ter nada o que pedir o que esperar.

- Quem é capaz de sentir, sabe que é possível ter prazer antes mesmo de tocar outra pessoa. As palavras, os olhares, tudo isso contem o segredo da dança. Mas o trem chegou, cada um vai para o seu lado,. Espero que lhe acompanhe nesta viagem até - até onde?

- De volta a Geneve - respondeu Ralf.

- Quem observa, e descobre a pessoa com quem sempre sonhou, sabe que a ~~vibração~~ <sup>energia</sup> sexual acontece antes do próprio sexo. O maior prazer não é o sexo, é a paixão com que ele é praticado. Quando esta paixão é de alta qualidade, o sexo vem para consumir a dança, mas ele nunca é o ponto principal.

- Você está falando em amor, *mas como uma professora.*

Mas Maria continuava; *esta era a sua defesa:*

- Quem está apaixonado, esta fazendo amor o tempo todo, mesmo quando não esta fazendo. Quando os corpos se encontram, é apenas o transbordar da taça. Podem ficar juntos

por horas, até dias. Podem começar a dança em um dia e acabar em outro, ou até mesmo não acabar, de tanto prazer. Nada a ver com onze minutos.

- O que?
- Eu te amo.
- Eu também te amo.
- Perdão. Não sei o que estou dizendo.

*- Nem eu.*

*sentir o olhar para trás.*

Levantou-se, deu-lhe um beijo, e saiu. ~~Ela mesma~~

podia abrir a porta, já que ~~a~~ superstição brasileira indicava que o dono da casa só precisava abri-la na primeira vez que fosse embora.

*— ABRIR A PORTA —*

Do diário de Maria; *na manhã seguinte*

~~Eu devia observar meu desejo -~~  
~~seja por um homem, seja pela vida - pelo~~  
~~menos duas vezes por dia. Se me obrigasse a~~  
~~isso, ia me habituar, e ia desejar cada~~  
~~vez mais, mais intensamente.~~ Ontem a  
noite, quando Ralf Hart me olhou, abriu uma  
porta, como se fosse um ladrão; mas, ao ir  
embora, não levou nada de mim, ao  
contrario, deixou o cheiro de rosas - não

era um ladrão, mas um noivo que me visitava.

Cada ser humano vive seu próprio desejo; faz parte do seu tesouro, e, embora seja uma emoção que possa ~~provoocar o~~ <sup>afastar</sup> ~~afastamento~~ de alguém, geralmente traz quem é importante para perto. É uma emoção que minha alma escolheu, e tão intensa que pode contagiar tudo e todos à minha volta.

Cada dia o ~~ser humano escolhe~~ <sup>escolho</sup> a própria verdade com a qual pretende viver. Gostaria de poder escolher, sempre, o ~~desejo como meu companheiro~~. Não por obrigação, nem para atenuar a solidão de minha vida, mas porque é bom. Sim, é muito bom.

*Procuro ser  
Mãe, eficiente,  
profissional. Mas  
sei que o  
desejo, meu  
desejo, poderia  
estar presente  
em tudo que  
faço, do  
amor ao  
trabalho.  
Podia ser  
meu companheiro,*

— ARRIE FAG —

O "Copacabana" tinha, em média, 38 mulheres que freqüentavam a casa com regularidade, embora apenas uma, a filipina Nyagh, pudesse ser considerada por Maria com algo mais próximo de uma amiga. A media de permanência ali era de no mínimo seis meses, e no máximo três anos - porque logo

recebiam um convite para casar, ser amante fixa, ou já não conseguiam mais atrair a atenção dos fregueses e Milan pedia, delicadamente, para que procurassem um outro lugar de trabalho.

*importante*

Por isso, era ~~sempre preciso~~ respeitar a clientela de cada uma, e jamais procurar seduzir os homens que ali entravam e iam direto para determinada moça. Além de ser desonesto, podia ser muito perigoso; na semana anterior, uma colombiana tirara delicadamente uma lamina de barbear do bolso, colocara em cima do copo de uma ~~sérvia~~, e dissera com a voz mais tranqüila do mundo que a iria desfigurar, se insistisse em aceitar de novo o convite de um certo diretor de banco que costumava ir ali com regularidade. A ~~sérvia~~ alegara que o homem era livre, e se a tinha escolhido, não podia dizer que não.

*ugoslava*

*ugoslava*

Naquela noite, o homem entrou, cumprimentou a colombiana, e foi para a mesa onde estava a outra. Tomaram o drink, dançaram, e - Maria achou que era provocação demais - a ~~servia~~ piscou para a outra, como se estivesse dizendo "está vendo? Ele me escolheu!"

*ugoslava*

Mas aquela piscadela de olho continha muitas outras coisas não ditas: ele me escolheu porque sou mais bela, porque estive com ele na semana passada e ele gostou, porque sou jovem. A colombiana não disse nada. Quando a ~~sérvia~~

*ugoslava*

voltou, duas horas depois, ela sentou-se ao seu lado, tirou a lâmina de barbear do bolso, e cortou o rosto da outra perto da orelha: nada profundo, nada perigoso, apenas o suficiente para deixar uma pequena cicatriz, que a lembrasse para sempre daquela noite. As duas se atracaram, o sangue espirrou para todo lado, os fregueses saíram assustados.

Quando a polícia chegou querendo saber o que se passava, a <sup>lugovitz</sup> ~~Sérvia~~ disse que havia cortado o seu rosto em um copo que caíra de uma estante (não existiam estantes no "Copacabana"). Essa era a lei do silêncio, ou a "omertá", como gostavam de chamar as prostitutas italianas: tudo que tivesse que ser resolvido <sup>na</sup> ~~em~~ Rue de Berne, do amor à morte, seria resolvido - mas sem a interferência da lei. Ali, eles faziam a lei.

A polícia sabia da "omertá", viu que a mulher estava mentindo, mas não insistiu no assunto - ia custar muito dinheiro ao contribuinte suíço se resolvesse prender ~~alguém~~, <sup>o preso</sup> processar, e alimentar durante o tempo em que estivesse na prisão. Milan agradeceu aos policiais pela pronta interferência, mas era tudo um mal-entendido, ou alguma intriga de um concorrente. Assim que eles saíram, pediu que as duas nunca mais voltassem ao seu bar.)

Afinal de contas, o "Copacabana" era um lugar familiar (uma afirmativa que Maria custava a entender) e

tinha uma reputação a zelar ( o que a deixava mais intrigada ainda). Ali não havia brigas, porque a primeira lei era respeitar o cliente alheio. *M*

A segunda lei era a total discricção, "semelhante a de um banco suiço" dizia ele. Principalmente porque ali se podia confiar nos clientes, que eram selecionados como um banco seleciona os seus - baseado na conta corrente, mas também na folha corrida, ou seja, nos bons antecedentes. As vezes havia algum equívoco, alguns raros casos de não pagamento, de agressão ou de ameaças as moças, mas nos muitos anos em que criara e desenvolvera com esforço a fama de sua boate, Milan era um perito em reconhecer quem devia ou não freqüentar a casa. Nenhuma das mulheres sabia exatamente qual era o seu critério, porém mais de uma vez já tinham visto alguém bem vestido ser informado que a boate estava cheia aquela noite (embora estivesse vazia) e nas noites seguintes (ou seja: por favor não volte). Também tinham visto pessoas de roupa esporte e barba por fazer serem entusiasticamente convidadas por Milan para um copo de champagne. O dono do "Copacabana" não julgava pelas aparências, e no final das contas sempre tinha razão.

Em uma boa relação comercial, todas as partes precisam estar satisfeitas. A grande maioria dos clientes era casada, ou tinha uma posição importante em alguma empresa.

por outro lado, também algumas daquelas mulheres que trabalhavam ali eram casadas, tinham filhos, e freqüentavam as reuniões de pais nas escolas, sabendo que não corriam nenhum risco: se um dos pais aparecesse no "Copacabana", também estaria comprometido, e não poderia dizer nada: assim funcionava a "omertá".

Havia camaradagem, mas não havia amizade; ninguém falava muito de sua vida. Nas poucas conversas que tivera, Maria não descobrira ~~havia~~ <sup>uma</sup> amargura, ou culpa, ou tristeza entre suas companheiras: apenas uma espécie de resignação. E também um estranho olhar de desafio, como se estivessem orgulhosas delas mesmas, enfrentando o mundo, independentes e confiantes. Depois de uma semana, qualquer moça recém-chegada já era considerada uma "profissional", e recebia instruções para sempre ajudar a manter casamentos (uma prostituta não pode ser uma ameaça à estabilidade de um lar) , jamais aceitar convites para encontros fora do horário de trabalho, escutar confissões sem dar muita opinião, gemer na hora do orgasmo (Maria descobrira que todas faziam isso, e que no início não lhe tinham contado porque era um dos truques da profissão), cumprimentar a polícia na rua, manter atualizada a carteira de trabalho e os exames de saúde, e finalmente, não se indagar muito sobre os aspectos morais ou legais do que faziam; <sup>elas</sup> apenas eram o que eram, e ponto final.

Antes que o movimento começasse, Maria sempre podia ser vista com um livro, e logo passou a ser conhecida como como a "intelectual" do grupo. No início queriam saber se eram historias de amor, mas ao ver que se tratava de assuntos áridos e desinteressantes como economia, psicologia, e recentemente, administração de fazendas, logo a deixavam sozinha para que continuasse sossegada sua pesquisa e suas anotações.

Por ter muitos clientes fixos, e por ir ao "Copacabana" todos os dias, mesmo quando o movimento era pequeno, Maria ganhou a confiança de Milan e um certo desrespeito das companheiras; comentavam que a brasileira era ambiciosa, arrogante, e só pensava em ganhar dinheiro - sendo que esta última parte não deixava de ser verdade, ~~mas~~ *embora* ela ~~tinha~~ *Tivesse* vontade de perguntar se todas as outras não ~~eram~~ *estavam* ali ~~movidas~~ pelo mesmo motivo.

De qualquer maneira, comentários não matam - fazem parte da vida de qualquer pessoa bem-sucedida, e é melhor acostumar-se logo com eles, antes de a desviassem dos seus dois objetivos: voltar para o Brasil na data marcada, e comprar uma fazenda.

Ralf Hart <sup>agora</sup> estava em ~~sua mente~~ <sup>seu pensamento</sup> de manhã à noite, e pela primeira vez era capaz de ser feliz com um amor ausente - embora um pouco arrependida de ter confessado isso, ~~naquela noite,~~ <sup>pedo-se a</sup> e arriscado perder tudo. Mas o que tinha a perder, se não estava pedindo nada em troca? Lembrou-se de como o seu coração batera mais rápido quando Milan mencionara que ele era - ou já tinha sido - um cliente especial. O que significava aquilo? ~~Por alguns minutos,~~ <sup>Amor</sup> sentiu-se traída, ficou com ciúmes.

Claro que o ciúme é normal, embora a vida já lhe tivesse ensinado que era inútil pensar que alguém pode possuir outra pessoa - quem acredita que isso é possível, está querendo enganar a si mesmo. Apesar disso, não se pode reprimir a idéia do ciúme, ou ter grandes idéias intelectuais a respeito, ou ainda, achar que é uma demonstração de fragilidade.

|| O amor mais forte é aquele que pode demonstrar sua fragilidade. De qualquer maneira, se ~~o~~ <sup>meu</sup> amor for verdadeiro, a liberdade irá vencer o ciúme, e a dor que ele provoca - já que também a dor é parte de um processo natural. || Quem faz esporte sabe disso: se quer atingir seus objetivos, precisa estar pronto a uma dose diária de dor ou mal-estar. No início, é incômodo e desmotivante, mas com o decorrer do

tempo entende-se que faz parte do processo de sentir-se bem,  
e termina-se aprendendo a desfrutar. *subindo já lá de quando  
ela nas aparece.*

O perigoso é focalizar a dor, dar-lhe um nome de  
pessoa, mante-la sempre presente no pensamento; e isso,  
graças a Deus, Maria já conseguira se livrar.

Mesmo assim, as vezes descobria-se pensando onde  
estava ele, porque não a procurava, se a havia achado  
estúpida com aquela história de estação de trem e desejo  
reprimido, se fugiu para sempre porque ela confessara seu  
amor. Para evitar que sentimentos tão belos se  
transformassem em sofrimento, ela desenvolveu um método:  
quando algo de positivo ligado a Ralf Hart viesse a sua  
cabeça - e isso podia ser a lareira e o vinho, uma idéia que  
gostaria de discutir com ele, ou simplesmente a ansiedade  
gostosa de saber quando voltaria, Maria parava o que estava  
fazendo, sorria para o céu, e agradecia por estar viva e não  
esperar nada do homem que amava.

Entretanto, se o seu coração começasse a reclamar  
da ausência, ou das coisas erradas que dissera quando estavam  
juntos, ela dizia para si mesma:

"Ah, você quer pensar nisso? Então tudo bem;  
continue fazendo o que deseja, enquanto eu me dedico a coisas  
mais importantes."

Continuava a ler, ou, se estivesse na rua, começava a prestar atenção a tudo que estava a sua volta: cores, pessoas, sons - principalmente sons, do seus passos, das páginas que viravam, dos carros, dos fragmentos de conversas que sempre escutamos - paisagens, e o pensamento incomodo, terminava por desaparecer. Se voltasse cinco minutos depois, ela repetia o processo, até que estas lembranças, ao serem aceitas mas gentilmente rejeitadas, se afastassem por um tempo considerável.

Um destes "pensamentos negativos" era a possibilidade de não tornar a vê-lo. Com um pouco de prática e muita paciência, ela conseguiu transforma-lo em um "pensamento positivo": quando partisse, Geneve teria um rosto de um homem de ~~quase cinquenta anos~~, cabelos muito grandes ~~para a sua idade~~, sorriso infantil, voz grave. Se alguém lhe perguntasse, muitos anos depois, como era o lugar que conheceria em sua juventude, ela poderia responder:

"Bonito, capaz de amar e ser amado."

— ARRIBA PAG —

Do diário de Maria, em um dia de pouco movimento no "Copacabana":

*De tanto conviver com as pessoas que vem aqui, chego à conclusão que o sexo*

tem sido utilizado como qualquer outra droga: para fugir à realidade, para esquecer, dos problemas, para relaxar. E como todas as drogas, isso é uma prática nociva e destruidora.

Se uma pessoa quer se drogar, seja com sexo ou com qualquer coisa, isso é problema dela; as conseqüências de seus atos serão melhores ou piores de acordo com aquilo que ela escolheu para si mesma. Mas se falamos em avançar na vida, temos que entender que o que é "bonzinho" é bem diferente do que é "melhor."

Ao contrario do que os meus clientes pensam, o sexo não pode ser praticado a qualquer hora. Há um relógio escondido em cada um,, e para fazer amor os ponteiros de ambas as pessoas tem que estar marcando a mesma hora ao mesmo tempo. Isso não acontece todos os dias. Quem ama não depende do ato sexual para sentir-se bem. Duas pessoas que estão juntas, e se querem bem, ~~precisam trabalhar de modo a~~ acertar seus ponteiros, com paciência e

perseverança, com jogos e representações "teatrais", até entender que fazer amor é muito mais que um encontro; é, um "abraço" das partes genitais.

Tudo tem importância. Uma pessoa que vive intensamente sua vida, goza o tempo todo e não sente a falta de sexo. Quando ela faz sexo, é por abundância, porque o copo de vinho está tão cheio que transborda naturalmente, porque é absolutamente inevitável, porque ela aceita o apelo da vida, ~~dentro dela~~ porque neste momento, apenas neste momento, ela aceita perder o controle.

— ABRIR PAG —

Pouco depois de ter escrito isso, e quando se preparava para mais uma noite de Mãe Carinhosa ou Menina Ingênuas, quem apareceu, foi Terence, o executivo da gravadora de discos, um dos clientes especiais. Milan pareceu satisfeito por detrás do bar: a menina não o havia decepcionado. Maria lembrou na mesma hora as palavras que diziam tantas coisas, e ao mesmo tempo não diziam nada: "dor, sofrimento, e muito prazer."

- Vim de Londres especialmente para vê-la. Pensei muito em você.

Ela sorriu, tentando fazer com que seu sorriso não fosse um encorajamento. Mais uma vez ele não seguiu o ritual, não a convidou para nada - apenas sentou-se na mesa.

- Quando se faz uma pessoa descobrir qualquer coisa, o professor também termina descobrindo algo novo.

- Sei do que está falando - respondeu Maria, lembrando-se de Ralf Hart, e irritando-se com sua própria lembrança. Estava diante de outro cliente, precisava respeitá-lo e fazer o possível para deixá-lo contente.

- Quer ir adiante?

Mil francos. Um universo escondido. Um patrão que a olhava. A certeza de que poderia parar quando quisesse. Mane alguns minutos, e a volta para o Brasil. E um outro homem, que não aparecia nunca.

- Você está com pressa? - perguntou Maria.

Ele disse que não. O que ela queria?

- Quero o meu drink, a minha dança, o respeito pela minha profissão.

Ele hesitou por alguns minutos, mas era parte do teatro, de dominar e ser dominado. Pagou o drink, dançou, pediu um táxi, entregou-lhe o dinheiro enquanto cruzavam a cidade, e foram para o mesmo hotel. Entraram, ele cumprimentou o porteiro ~~concierge~~ italiano da mesma maneira que fizera

na noite em que se conheceram, subiram para o mesmo quarto com vista para o rio.

# #

Terence levantou com um isqueiro, e só então Maria se deu conta que havia dezenas de velas espalhadas. Ele começou a acende-las.

- O que você quer saber? Por que sou assim? Por que, se não me engano, você adorou a noite que passamos juntos. - ~~ou então jamais voltaria? Quer que eu explique dizendo que é nosso sentimento de culpa, de inferioridade ou de superioridade?~~ Não, não é nada disso: é a natureza humana.

Pegou o controle remoto da TV, e mudou várias vezes de canal, até parar em um noticiário, onde refugiados procuravam escapar de uma guerra.

- Está vendo isso? Já viu os programas onde as pessoas vão discutir seus problemas pessoais diante de todo mundo? Já foi até a banca de jornal e viu as manchetes? Enfim, o mundo ~~está~~ <sup>(?)</sup> ~~se move e sente-se a vontade~~ no sofrimento e na dor. Sadismo ao olhar, masoquismo ao concluir que não precisamos saber tudo isso para sermos felizes, ~~mas~~ <sup>e</sup> mesmo assim deixamos que a dor alheia nos afete e entre em nossas vidas.

Ele serviu outros dois copos de champagne, desligou a TV, e continuou a acender as velas.

Não sou assim  
Ele ficou me  
consertando  
- Você é como  
eu, e gosta  
que eu  
explique  
Não está  
agor. quero  
pelo 1.000  
países. E  
que que  
de que que  
que se  
assim: por  
mas é isso  
sentimento de  
culpa, meus  
de culpa  
lade  
ou  
superioridade  
dade. Não

- Isso é a condição humana: desde que foi <sup>mas</sup> expulsado do paraíso, ou está <sup>mas</sup> sofrendo, ou está <sup>mas</sup> fazendo alguém sofrer, ~~se~~ <sup>estamos olhando um passível o sofrimento do outro.</sup> É incontrolável.

Começaram a escutar o barulho de raios lá fora, ~~como se~~ uma gigantesca tempestade estivesse se aproximando.

- Mas eu não consigo - disse Maria. - Me parece ridículo achar que você é o meu mestre e sou sua escrava. Como você ~~mesmo~~ diz, a vida já nos dá o suficiente a respeito.

Terence tinha acabado de acender todas as velas. Pegou uma delas, colocou-a no centro da mesa, tornou a servir champagne e caviar. Maria bebia rápido, ~~na maneira de confortar o medo~~ pensando nos 1.000 francos que estavam já em sua carteira, <sup>no desconforto, e</sup> ~~e no fato de que não~~ poderia, <sup>na maneira de confortar o medo.</sup> ~~pela segunda vez, sair no meio; isso significaria~~

que ele ~~jamais tornaria a procura-la.~~ <sup>É ao contrário, sabia que, com aquele homem, uma noite jamais</sup> ~~era igual à outra, e se desta vez ela amaria mais do que o outro, ele jamais tornaria a procurá-la.~~  
- Sente-se.

A voz alternava entre doce e autoritária. Maria obedeceu, e uma onda de calor percorreu seu corpo; <sup>aquela ordem</sup> ~~aquilo já~~ estava ficando familiar, <sup>ela</sup> ~~e~~ <sup>foi com que se ouviu isso</sup> ~~ela sentia-se mais segura.~~

"Teatro. Preciso entrar na peça de teatro."

Era bom ser mandada. Não precisava pensar, apenas obedecer. Pediu mais champagne, ele lhe trouxe vodka; subia mais rápido, libertava com mais facilidade, combinava mais com o caviar.

Abriu a garrafa, Maria praticamente bebeu sozinha, enquanto escutava os raios lá fora. Tudo colaborava para ~~que~~ <sup>o</sup> ~~aquele~~ momento fosse perfeito, como se a energia dos céus e da terra mostrassem também seu lado violento.

Em um dado momento, Terence pegou uma pequena maleta no armário, e colocou-a sobre a cama.

- Não se mexa.

Maria ficou imóvel. Ele abriu a maleta, e tirou dois pares de algemas de metal cromado.

- Sente-se de pernas abertas.

Ela obedeceu. Impotente por escolha, submissa porque assim desejava. Percebeu que ele olhava entre suas pernas, podia ver a calcinha preta, as meias longas, as coxas, podia imaginar os cabelos, o sexo.

- Fique de pé!

Ela saltou da cadeira. Seu corpo custou a equilibrar-se, e viu que estava mais embriagada do que imaginara.

- Não me olhe. Abaixei a cabeça, respeite seu dono!

Antes que pudesse abaixar a cabeça, viu <sup>com</sup> que ele ~~retirava~~ <sup>seu</sup> um chicote fino <sup>seu</sup> da mala, <sup>o</sup> e ~~o~~ <sup>estalava</sup> no ar.

- Beba. Mantenha a cabeça baixa, mas beba.

Entornou mais um, dois, três copos de vodca. Agora não era apenas um teatro, mas a realidade da vida: não tinha

controle. Sentia-se um objeto, um simples instrumento, e por incrível que pareça, aquela submissão lhe dava a sensação de completa liberdade. Não era mais a mestra, a que ensina, a que consola, a que escuta as confissões, a que excita; era apenas a menina do interior do Brasil, diante do poder gigantesco do homem.

- Tire a roupa.

A ordem veio seca, sem desejo, ~~sem nada~~ - e no entanto, nada mais erótico. Mantendo a cabeça baixa em sinal de revência, Maria desabotoou o vestido, e deixou que escorregasse até o chão.

- Você não está se comportando bem, sabia?

O chicote estalou <sup>de novo</sup> no ar.

- Precisa ser castigada. Uma menina da sua idade, como ousa me contrariar? Você devia estar de joelhos diante de mim!

Maria fez menção de ajoelhar-se, mas o chicote a interrompeu; pela primeira vez tocava a sua carne - nas nádegas. Ardia, mas parecia não deixar marcas.

- Eu não disse para ajoelhar-se. Disse?

- Não.

Outra vez o chicote tocou suas nádegas.

- Diga "Não, meu senhor."

(de segunda)

E mais uma chibatada. Mais ardor. Por uma fração <sup>ou</sup> ela pensou que podia parar com aquilo tudo imediatamente; ~~mas~~ também podia escolher ir até o fim, não pelo dinheiro, mas pelo que ele dissera na primeira vez - um ser humano só se conhece quando vai até seus limites.

E aquilo era novo; era a Aventura, ~~gostasse ou não,~~ e podia decidir mais tarde se gostaria de continuar. Mas ~~naquele instante ela~~ deixou de ser a moça que tem três objetivos na vida, que estava ganhando dinheiro com seu corpo, que conhecera um homem com uma lareira e histórias interessantes para contar. Ali ela não era ninguém - e por não ser ninguém, era tudo que sonhava.

~~naquele instante ela~~ ~~gostasse ou não,~~ ~~naquele instante ela~~ ~~deixou de ser a moça que tem três objetivos na vida,~~ ~~que estava ganhando dinheiro com seu corpo,~~ ~~que conhecera um homem com uma lareira e histórias interessantes para contar.~~ ~~Ali ela não era ninguém - e por não ser ninguém, era tudo que sonhava.~~ *naquele instante ela, o primeiro, aquelas águas escuras, talvez três, talvez, talvez mundos*

- Tire toda a roupa. E ande de um lado para o outro, para que eu possa vê-la.

Mais uma vez ~~ela~~ obedeceu, mantendo a cabeça baixa, sem dizer uma só palavra. O homem que a olhava estava vestido, impassível, não era a mesma pessoa com quem tinha vindo conversando desde a boate - era um Ulisses que vinha de Londres, um Teseu que chegava do céu, um seqüestrador que invadia a cidade mais segura do mundo, e o coração mais fechado da terra. Tirou a calcinha, o sutiã, sentiu-se indefesa e protegida ao mesmo tempo. O chicote de novo estalo no ar, desta vez sem tocar seu corpo.

- Mantenha a cabeça baixa! Você está aqui para ser humilhada, para ser submetida a tudo que eu desejar entende?

- Sim, senhor.

Ele agarrou seus braços, e colocou o primeiro par de algemas em seus pulsos.

- E vai apanhar muito. Até aprender a comportar-se. Com a mão aberta, deu-lhe um tapa nas nádegas.

Maria gritou, desta vez tinha doído.

- Ah, e está reclamando, não é? Pois vai ver o que é bom.

Antes que ela pudesse reagir, uma mordaca de couro estava prendendo sua boca. Não a impedia de falar, podia dizer "amarelo" ou "vermelho", mas sentia que era seu destino deixa que aquele homem pudesse fazer dela o que quisesse, e não tinha como escapar dali. Estava nua, amordaçada, algemada, com vodca correndo no ~~seu~~ <sup>lugar de</sup> sangue.

Outro tapa nas nádegas.

- Ande de um lado para o outro!

Maria começou a andar, obedecendo aos comandos "pare", "vire para a direita", "sente-se", "abra as pernas". Vez por outra, mesmo sem qualquer motivo, levava uma palmada, e sentia a dor, sentia a humilhação - que era mais poderosa e forte que a dor - e sentia-se em outro mundo, onde não existia mais nada, onde ~~ninguém tinha nada a perder~~. Estava

*é como se existisse em uma situação quase religiosa, anula-se por completo, sente, perde a ideia do Ego.*

completamente molhada, excitada, sem compreender o que acontecia.

- Coloque-se de novo de joelhos!

Como mantinha sempre a cabeça baixa, em sinal de obediência e humilhação, Maria não podia ver exatamente o que estava se passando; mas ~~sentia~~ <sup>notava</sup> que, em um outro universo, outro planeta, aquele homem estava ofegante, cansado de estalar o chicote e espancar-lhe as nádegas com a palma da mão aberta, enquanto ela se sentia cada vez mais cheia de força e energia. Agora tinha perdido a vergonha, e não se incomodava de mostrar que estava gostando, começou a gemer, pediu que ele lhe tocasse o sexo, mas o homem, ao invés disso, agarrou-a, e atirou-a na cama.

Com violência - mas uma violência que ela sabia, não ia lhe causar nenhum mal - abriu suas pernas, e amarrou cada uma delas em um lado da cama. As mãos algemadas nas costas, as pernas abertas ~~atadas~~, a mordaca na boca, quando ele iria penetra-la? Não via que ela já estava pronta, que queria servir-lhe, era sua escrava, seu objeto, seu animal, faria qualquer coisa que ele mandasse?

- Você gostaria que eu lhe arrebetasse toda?

Ela viu que ele encostava o cabo do chicote em seu sexo. Esfregou-o de cima abaixo, e na hora em que tocou em seu clitóris, ela perdeu o controle. Não sabia há quanto

tempo estavam ali, não imaginava quantas vezes tinha sido espancada, mas de repente veio o orgasmo, o orgasmo que dezenas, centenas de homens, em todos aqueles meses, jamais tinham conseguido despertar. Uma luz explodiu, ela sentia que entrava em uma espécie de buraco negro em sua própria alma, onde a dor intensa e o medo se misturavam com o prazer total, aquilo lhe empurrava além de todos os limites que conhecera, e Maria gemeu, gritou com a voz sufocada pela mordaca, sacudiu-se na cama, sentindo que as algemas lhe cortavam os pulsos e as tiras de couro lhe machucavam os tornozelos, mexeu-se como nunca justamente porque não podia se mexer, gritou como jamais tinha gritado, porque tinha uma mordaca na boca e ninguém poderia escutá-la. Aquilo era a dor e o prazer, o cabo do chicote pressionando o clitóris cada vez mais forte, e o orgasmo saindo pela boca, pelo sexo, pelos poros, pelos olhos, por toda a sua pele.

Entrou em uma espécie de transe, e pouco a pouco foi descendo, descendo, já não havia mais o chicote entre as pernas, apenas os cabelos molhados pelo suor abundante, e mãos carinhosas que lhe retiravam as algemas e desatavam as tiras de couro dos seus pés.

Ela ficou ali deitada, confusa, sabendo que não ~~mas tinha adorado enlouquecido de prazer,~~ devia ter gostado, incapaz de olhar o homem porque estava com

vergonha de si mesma, de seus gritos, de seu orgasmo. Ele lhe acariciava os cabelos, e também arfava - mas ~~Maria~~ <sup>ela tinha certeza</sup> sabia que o prazer tinha sido exclusivamente seu; ele não tivera nenhum momento de êxtase.

O seu corpo nu abraçou aquele homem completamente vestido, exausto de tantas ordens, tantos gritos, tanto controle da situação. Agora não sabia o que dizer, como continuar., mas ~~sentia-se~~ <sup>estava</sup> segura, protegida, porque ele a convidara a ir até uma parte sua que não conhecia, era seu protetor e seu mestre.

Começou a chorar, e ele pacientemente esperou que terminasse.

- O que você fez comigo? - dizia entre lágrimas.
- O que você queria que eu fizesse .

Ela o olhou, e sentiu que precisava desesperadamente dele.

- Eu não a forcei, não a obriguei, e não escutei você dizer: "amarelo"; meu único poder era o que você me dava. Não existia nenhum tipo de obrigação, de chantagem, existia apenas a sua vontade; embora você fosse a escrava e eu fosse o senhor, meu único poder era empurrá-la em direção a sua própria liberdade.

Algemas. Tiras de couro nos pés. Mordaça. Humilhação, que era mais forte e mais intensa que a dor.

Mesmo assim - ele tinha razão - a sensação era de total liberdade. Maria ~~sentiu~~<sup>estava</sup> se cheia de energia, de vigor, embora surpresa ao notar que o homem ao seu lado estava exausto.

- Você chegou ao orgasmo?

- Não - disse ele. - O senhor está ali para forçar o escravo. O prazer do escravo é a alegria do senhor.

Nada disso fazia sentido, porque não é o que contam as histórias, não é assim na vida real. Mas ali era um mundo de fantasia, ela estava cheia de luz, e ele parecia opaco, exaurido.

- Pode ir quando quiser - disse Terence.

- Não quero ir, quero entender.

- Não há o que entender.

Ela levantou-se, na beleza e intensidade de sua nudez, e serviu duas taças de vinho. Acendeu dois cigarros, e lhe deu um - os papéis se haviam invertido, era a senhora que servia o escravo, recompensando-o pelo prazer que lhe dera.

- Vou me vestir, e vou embora. Mas gostaria de conversar um pouco.

- Não há o que conversar. Era isso que eu queria, e você foi maravilhosa. Estou cansado, tenho que voltar amanhã para Londres.

Ele deitou-se e fechou os olhos. Maria não sabia se estava fingindo dormir, mas isso não lhe importava; fumou o

214  
o rosto dela  
cigarro com prazer, bebeu lentamente seu copo de vinho, na  
vidraça, olhando o lago em frente e desejando que alguém, na  
outra margem, a visse assim - nua, plena, satisfeita,  
segura.

Vestiu-se, saiu sem dizer adeus, e sem se importar  
se abria ou não a porta, porque não tinha certeza se ~~desejava~~ <sup>quis</sup>  
voltar.

##  
Terence escutou a porta bater, esperou para ver se  
ela não voltava dizendo que tinha esquecido alguma coisa, e  
só depois de alguns minutos levantou-se, e acendeu outro  
cigarro.

A menina tinha estilo, pensou. Soubera agüentar o  
chicote, embora esse fosse o mais comum, o mais velho, e o  
menor de todos os suplícios. Por um momento, lembrou-se da  
primeira vez que experimentara esta misteriosa relação entre  
dois seres que desejam se aproximar, mas só conseguem isso  
inflingindo sofrimento aos outros.

Lá fora, milhões de casais praticavam a arte do  
sado-masiquismo todos os dias, sem se darem conta. Iam para o  
trabalho, voltavam, reclamavam de tudo, agrediam ou eram  
agredidos pela mulher, sentiam-se <sup>miseráveis</sup> ~~infelizes~~ - mas  
profundamente ligados à própria infelicidade, sem saber que  
bastava um gesto, um "até nunca mais", para se libertarem da

opressão. Terence experimentara isso com sua primeira esposa, uma famosa cantora inglesa; vivia torturado por ciúmes, criando cenas, passando dias sob o efeito de calmantes, e noites embriagado de álcool. Ela o amava, não entendia porque agia assim, ele a amava - tampouco entendia seu próprio comportamento. Mas era se como a agonia que um inflingia ao outro fosse necessária, fundamental para a vida.

Certa vez, um músico - que ele considerava *muito* estranho, porque parecia normal demais naquele meio de gente exótica - esqueceu um livro no estúdio. "A Vênus Castigadora" de Leopold Von Sacher-Masoch. Terence começou a folheá-lo, e a medida que lia, compreendia melhor a si mesmo:

*"A linda mulher despiu-se, e pegou um longo chicote, com um pequeno cabo, que prendeu ao pulso. "Você pediu " ela disse. "Então vou chicoteá-lo." "Faça isso", sussurrou seu amante. "Eu lhe imploro."*

Sua mulher estava do outro lado do vidro do estúdio, ensaiando. Tinha pedido que desligasse o microfone que permitia aos técnicos escutarem tudo, e tinha sido obedecida. Terence pensava que talvez estivesse marcando um encontro com o pianista, e deu-se conta: ela o levava a loucura - mas parecia que já tinha se acostumado a sofrer, e não podia viver sem aquilo.

"Vou chicotea-lo", dizia a mulher despida , no romance que tinha em mãos. "Faça isso, eu lhe imploro".

Era bonito, tinha poder na gravadora, por que precisava levar a vida que estava levando?

Porque gostava. Merecia sofrer muito, já que a vida tinha sido muito boa para ele, e não era digno de todas aquelas bênçãos - dinheiro, respeito, fama. Achava que ~~seu~~ <sup>suu</sup> poder <sup>cauêre</sup> o estava levando a um ponto onde passaria a depender do sucesso, e aquilo o assustava, porque já tinha visto muita gente despencar das alturas.

Leu o livro. Começou a ler tudo que lhe caia em mãos a respeito da misteriosa união entre dor e prazer. A mulher descobriu os vídeos que alugava, os livros que escondia, perguntou o que era aquilo, se ele estava doente. Terence respondeu que não, era uma pesquisa para o visual de um novo trabalho que ela devia fazer. E sugeriu, como quem não quer nada:

"Talvez devêssemos experimentar."

Experimentaram. No começo com muita timidez, baseados apenas nos manuais que encontravam em lojas pornográficas. Aos poucos foram desenvolvendo novas técnicas, indo até ~~os~~ <sup>os</sup> limites, correndo riscos - mas sentindo que o casamento estava cada vez mais sólido. Eram cúmplices em algo escondido, proibido, condenado.

A experiência dos dois se transformou em arte: criaram novos figurinos, ~~de~~ couro e tachas de metal. A mulher entrava em cena com um chicote, ligas, botas, e levava a platéia ao delírio. O novo disco foi para o primeiro lugar das paradas de sucesso na Inglaterra, e dali seguiu uma carreira vitoriosa em toda a Europa. Terence se surpreendia como a juventude aceitava seus delírios pessoais com tanta naturalidade, e sua ~~única~~ <sup>única</sup> explicação era achar que esta era a forma sob a qual em que a violência contida podia se manifestar de maneira intensa - mas inofensiva.

O chicote passou a ser o símbolo do grupo, ~~e~~ começou a ser reproduzido em camisetas, tatuagens, adesivos, cartões postais. A formação intelectual de Terence o fez buscar a origem daquilo tudo, de modo que pudesse entender melhor a si mesmo.

~~#~~ Não era, como dissera para a prostituta em seu encontro, os penitentes que procuravam afastar a peste negra. Desde a noite dos tempos, o homem entendera que o sofrimento, uma vez encarado sem temor, era seu passaporte para a liberdade.

Egito, Roma e Pérsia já tinham a noção de que, se um homem se sacrifica, ele salva o país e seu mundo. Na China, se acontecia uma catástrofe natural, o imperador era castigado, por ser ele o representante da divindade na Terra.

Os melhores guerreiros de Esparta, na antiga Grécia, eram chicoteados uma vez por ano, da manhã até a noite, em homenagem a deusa Diana - enquanto a multidão gritava palavras de incentivo, pedindo que agüentassem a dor com dignidade, pois ela os prepararia para o mundo das guerras. No final do dia, os sacerdotes examinavam as feridas deixadas nas costas dos guerreiros, e através dela previam o futuro da cidade.

Os padres do deserto, uma antiga comunidade cristã do século IV que se reunia em torno de um mosteiro na Alexandria, usavam a flagelação como meio de afastar os demônios, ou demonstrar a inutilidade do corpo durante a busca espiritual. A historia dos santos estava cheia de exemplos - Santa Rosa corria pelo jardim, enquanto os espinhos feriam sua carne, São Domingos Loricatus chicoteava-se regularmente todas as noites antes de dormir, os mártires se entregavam voluntariamente à lenta morte na cruz ou nos dentes de animais selvagens. Todos diziam que a dor, uma vez superada, era capaz de levar ao extase religioso.

Estudos recentes, não confirmados, indicavam que certo tipo de fungo com propriedades alucinógenas se desenvolvia nas feridas, o que causava as visões. O prazer parecia ser tanto que a prática logo deixou os conventos e começou a ganhar o mundo. [Em 1718, foi publicado o "Tratado

de Auto-flagelação", que ensinava como descobrir o prazer através da dor, mas sem causar dano ao corpo. No final daquele século, ~~alguns estudiosos comprovam que~~ existiam dezenas de lugares em toda a Europa, onde as pessoas sofriam para chegar à alegria. Há registros de reis e princesas que se faziam flagelar por seus escravos, até descobrirem que o prazer estava não apenas em apanhar, mas também em aplicar a dor - embora fosse mais exaustivo, e menos gratificante.

~~#~~ Enquanto fumava seu cigarro, Terence pensava que talvez as pessoas que nunca tenham experimentado isso diretamente, jamais pudessem compreender o que ele estava pensando.

Não tinha importância. Lembrou-se de novo como o tormento de ser casado se transformou na maravilha de ser casado. Sua mulher sabia que visitava Geneve com este propósito, e não se incomodava - pelo contrário, neste mundo doente, ela ficava feliz por seu marido conseguir a recompensa que desejava, depois de uma semana de trabalho árduo.

Enquanto fumava seu cigarro olhando o lago diante de sua janela, estava sentindo de novo a vontade de viver; a menina que acabara de sair do quarto havia entendido tudo. Sentia que sua alma estava próxima da ~~sua~~ <sup>ela</sup>, embora não estivesse ainda pronto para se apaixonar, porque amava sua

mulher. Mas gostou de pensar que era livre, e sonhar com um novo relacionamento.

Faltava apenas fazê-la experimentar o que havia de mais difícil: se passasse na prova, estava pronto para abrir o seu coração, e deixá-la entrar.

*submissão na Venus flageladora, na Dominatrix, na mulher  
capaz de  
humilhar e pedir  
o que quiser, sem qualquer  
respeito*

→ ABRIR PAC —

Do diário de Maria, ainda embriagada pela vodca e pelo prazer:

Quando eu não tive nada a perder, eu tive tudo. Quando deixei de ser quem era, encontrei a mim mesma.

Quando conheci a humilhação e submissão total, fui livre. Não sei se estou doente, se tudo aquilo foi um sonho, ou se acontece apenas uma vez. Sei que posso viver sem isso, mas gostaria de encontra-lo de novo, de repetir a experiência, ir mais longe do que fui esta vez.

Estava um pouco assustada com a dor, mas ela não era tão forte quanto humilhação - era apenas um pretexto. No

momento em que tive o primeiro orgasmo em muitos meses, apesar dos muitos homens e das muitas coisas diferentes que fizeram com meu corpo, senti-me - será que isso é possível? - mais perto de Deus. Lembrei-me do que ele disse a respeito da peste negra, do momento em que os flagelantes, ao oferecer sua dor pela salvação da humanidade, encontravam nela o prazer. Eu não queria salvar a humanidade, ou a ele, ou a mim mesmo; estava apenas ali.

~~Acho que isso é o que há de mais importante na vida.~~ A arte do sexo é a arte do controle do descontrole.

— ARRIL PAB —

Não via teatro, de verdade,

Estavam na estação de trem, a pedido de Maria, que gostava de uma pizza ~~que~~ só era encontrada ali. ~~Em nada~~ fazia mal ser um pouco caprichosa. Rolf devia ter aparecido um dia antes, quando então ainda era uma mulher em busca de amor, lareira, vinho, desejo. Mas a vida escolhera de maneira diferente, e hoje passara o dia inteiro sem precisar fazer o

seu exercício de concentrar-se nos sons e no presente, simplesmente porque não pensara nele, havia descoberto coisas que lhe interessavam mais.

O que fazer com aquele homem, ~~sentado~~ ao seu lado, comendo uma pizza que talvez não gostasse, apenas para passar o tempo, e aguardar o momento de irem até sua casa? Quando ele entrara na boate e lhe oferecera um drink, Maria pensara em dizer que já não tinha mais interesse, que procurasse outra pessoa; ~~Por~~ <sup>a</sup> outro lado, tinha uma imensa necessidade de conversar com alguém sobre ~~o que experimentara na noite anterior.~~

Tentara com uma ou outra prostituta que também servia aos "clientes especiais", mas nenhuma lhe dera maior atenção, porque Maria era esperta, aprendia rápido, havia se transformado na grande ameaça do "Copacabana." Ralf Hart, de todos os homens que conhecia, era talvez o único que podia ~~entender~~ <sup>entender</sup> ~~o que ela queria~~ <sup>"cliente especial" segundo Milan.</sup> Mas ele a enxergava com olhos iluminados de amor, e isso fazia as coisas mais difíceis.

- O que você sabe de dor, sofrimento, e muito prazer?

Mais uma vez ela não tinha conseguido se controlar; Ralf parou de comer a pizza.

- Sei tudo. E não me interessa.

A resposta viera rápida, e Maria ficou chocada. Então, todo mundo sabia tudo, menos ela? Que mundo era aquele, meu Deus?

- Conheci meus demônios e minhas trevas - continuou Ralf - Fui até o fundo, experimentei tudo, não apenas nesta área, mas em muitas outras. Entretanto, na noite mais recente que nos encontramos, fui aos meus limites através do desejo, e não da dor. Mergulhei no fundo da minha alma, e sei que ainda quero coisas boas, muitas coisas boas desta vida.

Teve vontade de dizer: "uma delas é você, por favor, não siga este caminho." Mas não teve coragem; ao invés disso, chamou um táxi e pediu que os levasse até a beira do lago - onde, uma eternidade antes, tinham andado juntos no dia que se conheceram. Maria entranhou o pedido, mas não disse nada - seu instinto lhe <sup>disse</sup> tinha muito a perder, embora sua mente ainda estivesse embriagada com o que acontecera na noite anterior.

Só acordou de sua passividade, quando chegaram ao <sup>lago na beira do</sup> lago; embora ainda fosse verão, começava já a fazer muito frio durante a noite.

<sup>Por que</sup> - ~~O que estamos fazendo aqui?~~ - perguntou, quando saltaram. - Está ventando, vou pegar um resfriado.

- Estive pensando muito em seu comentário na estação de trem - ~~disse~~ <sup>respondeu Ralf Hart.</sup> ele. - Sofrimento e prazer. Tire os sapatos.

Ela lembrou-se que certa vez, um dos seus fregueses pedira a mesma coisa, e ficara excitado apenas por olhar seus pés. Será que a Aventura não lhe deixava em paz?

- Vou pegar um resfriado - insistiu.

- Faça o que estou dizendo - insistiu ele. - Não vai pegar nenhum resfriado, se não demormos muito. Acredite em mim, como eu acredito em você.

Sem nenhuma razão aparente, Maria ~~senti~~ <sup>compreendeu</sup> que ele estava querendo ajuda-la; talvez porque já tivesse bebido de uma água muito amarga, e devia pensar que ela correndo o mesmo risco.

Tirou os sapatos. O chão estava cheio de pequenas pedras, que logo rasgaram suas meias - mas isso não tinha importância, ~~não era caro comprar~~ <sup>10</sup> outras.

- Tire o casaco.

Ela podia ter dito que "não" mas, desde a noite anterior, acostumara-se à alegria de poder dizer "sim" a tudo que estava no seu caminho. Tirou o casaco, o corpo ainda quente não reagiu logo, mas aos poucos o frio começou a incomoda-la.

- Vamos andar. E vamos conversar.

*Novo queris ser ajudado; estava contente com o que começou a descobrir. Mas pensou no Brasil onde alguns encontram seu parceiro "bato", talvez seja melhor com isso para isso, porque voltem ao Brasil ela mais clara importante;*

- Aqui é impossível; o chão está cheio de pedras.

- Justamente por isso; quero que você sinta estas pedras, quero que lhe provoquem dor, que lhe machucem, porque você deve ter experimentado - assim como eu experimentei - o sofrimento aliado ao prazer, <sup>o machuca</sup> e preciso ~~tirar~~ isso de sua alma.

Maria sentiu vontade de dizer: "não precisa, eu gosto." Mas começou a caminhar sem pressa, ~~e~~ a sola dos pés começaram a arder, do frio e das pontas das pedras.

- Uma das minhas exposições me levou ao Japão, justamente quando eu estava totalmente envolvido naquilo que você chamou de "sofrimento <sup>do, e muito</sup> e prazer." Naquela época, eu achava que não havia um caminho de volta, que iria iria cada vez mais fundo, e nada mais restava na minha vida, exceto a vontade de punir e ser punido.

"Afim, somos seres humanos, nascemos cheios de culpa, ficamos com medo quando a felicidade se transforma em algo possível, e morremos querendo castigar os outros porque sempre nos sentimos impotentes, injustiçados, infelizes. Pagar seus pecados, e poder castigar os pecadores - ah, isso não é uma delícia? Sim, é ótimo.

- Cada um com sua maneira de encontrar o prazer.

Maria andava, a dor e o frio faziam difícil prestar atenção em suas palavras, mas ela se esforçava.

- Hoje notei as marcas em seus pulsos.

As algemas. Tinha colocado várias pulseiras para disfarçar, entretanto, os olhos acostumados sempre sabem o que estão buscando.

- Enfim, se tudo aquilo que você experimentou recentemente lhe está conduzindo a dar este passo, não sou eu quem vou impedi-la; mas nada disso tem relação com a verdadeira vida.

- Passso?

- Dor e prazer. Sadismo e masoquismo. Chame como quiser, mas se estiver convencida que este é o seu caminho, sofrerei, lembrarei do desejo, dos encontros, do passeio pelo caminho de Santiago, de sua luz. Terei guardado em um lugar especial uma caneta, e cada vez que acender aquela lareira me lembrarei de você. Entretanto, não a procurarei mais.

Maria sentiu medo, achou que era hora de recuar, falar a verdade, deixar de fingir que sabia mais que ele.

- O que experimentei recentemente, - melhor dizendo, ontem - jamais tinha experimentado. E me assusta que, no limite da degradação, eu pudesse encontrar tanto ~~prazer~~ a   
prazer. *em mim mesma* .

Estava ficando difícil continuar conversando - seus dentes batiam de frio, e seus pés doíam muito.

- Na minha exposição, em uma região chamada Kumano, apareceu um lenhador - continuou Ralf, como se não tivesse escutado o que ela dizia. - Não gostou dos meus quadros, mas foi capaz de decifrar, através da pintura, o que eu estava vivendo e sentindo. No dia seguinte, me procurou no hotel, e perguntou se eu estava contente; se estivesse, devia continuar fazendo o que gostava. Se não estivesse, deveria acompanhá-lo e passar uns dias com ele.

"Me fez andar nas pedras, como estou fazendo com você agora. Me fez sentir frio. Me obrigou a entender a beleza da dor, só que era uma dor aplicada pela natureza, não pelo homem. Chamava isso de *Shugen-do*, uma prática milenar.

"Disse<sup>-me</sup> que eu era um homem que não tinha medo da dor, e isso era bom, porque para dominar a alma, você tem que aprender também a dominar o corpo. Disse<sup>-me</sup> também que eu estava usando a dor de maneira errada, e isso era muito ruim.

"Aquele lenhador, ignorante, achava que me conhecia melhor do que<sup>eu</sup>. Isso me irritava, ao mesmo tempo que me deixava orgulhoso em saber que os meus quadros eram capazes de expressar exatamente o que eu estava sentindo."

Maria sentiu que uma pedra mais pontiaguda lhe cortara o pé, mas o frio era mais forte, seu corpo estava ficando dormente, e não conseguia ~~mais~~ acompanhar<sup>as</sup> as palavras de Ralf Hart. Por que os homens, neste mundo santo de Deus,

só tinham interesse em lhe mostrar a dor? A dor sagrada, a dor com prazer, a dor com explicações ou sem explicações, mas era sempre dor, dor...

O pé machucado tocou em outra pedra, ela reprimiu o grito, e continuou. No começo tinha procurado manter sua integridade, seu auto-dominio, aquilo que ele chamava de "luz." Mas agora estava andando devagar, enquanto seu estomago e seu pensamento davam voltas: pensou em vomitar. Pensou em parar, nada daquilo fazia sentido, ~~e só~~ <sup>mas</sup> não parou <sup>hoi</sup> por causa de Ralf, do amor sem pedir nada em troca, do medo que sentira de habituar-se para sempre com o prazer do sofrimento.

~~Só~~ não parou em respeito a si mesma; podia agüentar aquela caminhada descalça pelo tempo que fosse necessário, porque ela não ia durar toda a sua vida. E de repente outro pensamento cruzou o espaço: e se não pudesse comparecer ao "Copacabana" no dia seguinte, por uma sério problema nos pés, ou por uma febre causada pela gripe que, tinha certeza, iria instalar-se em seu corpo pouco agasalhado? ~~¶~~ Pensou nos fregueses que a esperavam, em Milan que confiava tanto nela, no dinheiro que deixaria de ganhar, na fazenda, nos pais orgulhosos. Mas o sofrimento logo afastou qualquer tipo de reflexão, e ela colocava um passo

diante do outro, louca para que Ralf Hart reconhecesse seu esforço, e lhe dissesse ~~para parar~~ *que bastava, podia calçar os sapatos.*

Entretanto ele parecia estar indiferente, longe, como se aquela fosse a única maneira de livra-la de algo que não conhecia direito, que a seduzia, mas que terminaria por deixar marcas mais fundas que as que as algemas. Embora sabendo que tentava ajuda-la, e por mais que se esforçasse para ir adiante e mostrar a luz de sua força de vontade, a dor não lhe deixava ter pensamentos profanos ou nobres - era apenas dor, que ocupa todo o espaço, assusta, e a obrigava a pensar que tinha um limite, e que não iria conseguir.

Mas deu um passo. ] E outro. ] A dor agora parecia invadir a alma, e enfraquece-la espiritualmente, porque uma coisa é fazer um pouco de teatro em um hotel cinco estrelas, *Mua, com Ualca, caviar, e um chicote entre as pedras,* e outra é estar no frio, descalça, com pedras lhe cortando os pés. Estava desorientada, não conseguia trocar uma só palavra com Ralf Hart, tudo que existia em seu universo eram as pedras pequenas e cortantes que marcam a trilha por entre as árvores.

Então, quando pensava que ia desistir, um estranho sentimento a invadiu: tinha atingido o seu limite, e além dele estava um espaço vazio, onde parecia flutuar acima de si mesmo, e ignorar o que estava sentindo. Seria esta a sensação que os penitentes experimentavam? Na outra extremidade da

dor, descobria uma porta para um nível diferente de consciência, e já não havia espaço para mais nada, apenas para a natureza implacável - e para ela mesma, invencível.

Tudo a sua volta transformou-se em um sonho: o jardim mal iluminado, o lago escuro, o homem em silêncio, um casal ou outro que passeava, sem perceber que ela estava descalça, andando com dificuldades. Não sabia se era o frio ou o sofrimento, mas de repente deixou de sentir seu corpo, entrou em um estado onde não há qualquer desejo ou medo, apenas uma misteriosa - como poderia chamar isso?- uma misteriosa "paz." O limite da dor não era o seu limite; podia ir além dele. Pensou em todos os seres humanos que sofriam sem pedir, e ali estava ela, provocando seu próprio sofrimento - mas aquilo não lhe importava mais, havia cruzado as barreiras do corpo, e agora lhe restava apenas a alma, a "luz", uma espécie de vazio - que alguém, algum dia, chamou de Paraíso. Existem certos sofrimentos que só conseguem ser esquecidos quando podemos flutuar acima de nossas dores.

A próxima coisa que lembrou era de Ralf pegando-a no colo, tirando sua jaqueta, e a colocando-a em seu ombro. Devia ter desmaiado de frio, mas pouco lhe importava; estava contente, não tinha medo - havia vencido. Não se humilhara diante daquele homem.

— ABRIR PAG —

231

Os minutos se transformaram em horas, ela devia ter dormido em seus braços, porque quando acordou, embora ainda fosse de noite, e estava em um quarto com um aparelho de tv em um dos cantos, e mais nada. Branco, vazio.

Ralf apareceu com um chocolate quente.

- Tudo bem - disse ele. - Você chegou onde devia chegar.

- Não quero chocolate; quero vinho. E quero descer para nosso lugar, a lareira, os livros espalhados por todo canto.

Tinha dito "nosso lugar." Não era o que havia planejado.

Olhou os seus pés; afora um pequeno corte, havia apenas marcas vermelhas, que deviam desaparecer em algumas horas. Com certa dificuldade, desceu as escadas sem prestar muita atenção a nada; foi para o seu canto, no tapete ao lado da lareira - descobrira que sempre que estava ali ela se sentia bem, com se fosse o seu "sítio", seu lugar naquela casa.

- O tal lenhador me disse que, quando se faz um tipo de exercício físico, quando se exige tudo de seu corpo, a mente ganha uma força espiritual estranha, que tem a ver com a "luz" que vi em você. O que sentiu?

- Que a dor <sup>e amiga de</sup> ~~leva~~ uma mulher a ~~deseja-la~~.

- Esse é o perigo.
- Que a dor tem um limite.
- Essa é a salvação. Não se esqueça disso.

A mente de Maria ainda estava confusa; experimentava a tal "paz", quando fora além do seu limite. Ele lhe mostrara outro tipo de sofrimento, e também esse lhe dera um estranho prazer.

Ralf pegou uma grande pasta, e abriu na sua frente. Eram desenhos.

- A história da prostituição. Foi o que você me pediu, quando nos encontramos.

Sim, havia pedido, mas era apenas uma maneira de passar o tempo, de tentar ser interessante. Isso não tinha a menor importância agora.

- Durante todos estes dias, estive navegando em um mar desconhecido, o mar do meu desejo por você. ~~e o oceano do desejo dos homens pelas mulheres.~~

*de ia submergir. Então fui em busca de algo que me ajudasse a superar esse ciclo*  
*de ra que*  
*Pracada sou de afu da que me*  
*marce dos outros*  
*homens. e foi o desejo*

"Não achei que houvesse uma história, pensava apenas que era a profissão mais antiga do mundo, como dizem as pessoas. Mas existe uma história; melhor dizendo, duas histórias."

- E estes desenhos?

Ralf Hart pareceu um pouco decepcionado porque ela não o compreendia, mas logo controlou-se e seguiu adiante.

- São as coisas que coloquei no papel enquanto lia, pesquisava, aprendia.

- ~~Falaremos disso outro dia;~~ hoje preciso <sup>inergir</sup> entender

Na dor. <sup>É mais fácil não quero mudar de assunto, a minha história, é para a casa com o sussacis de que</sup> <sup>eu fui consolada, mas não fui com paciência, não me entendo. Não entendo a dor.</sup>

- Você a sentiu ontem, e descobriu que ela a conduzia ao prazer. Você a sentiu hoje, e encontrou a paz. Por isso eu lhe digo: não se acostume, porque é ~~muito~~ fácil <sup>quando</sup> ~~pode~~ viver com ela, é uma droga poderosa. Está no nosso cotidiano, no sofrimento escondido, na renúncia que fazemos e culpamos o amor pela derrota de nossos sonhos. A dor assusta <sup>quando mostra sua verdadeira face, mas só quando vem com a vespa de sacrifício, Renúncia, Covardia.</sup> ~~mas~~ ser humano, por mais que a rejeite, sempre encontra um meio de estar com ela, namora-la, fazer com que seja parte da sua vida.

- Só isso?

- Só isso. Se você conseguir entender que pode viver sem sofrimento, já é um grande passo. Mas não tente compreender tudo agora - irá demorar algum tempo. Faça um esforço, tire isso ~~agora~~ de sua cabeça.

Ralf começou a mostrar um desenho após o outro. No início, tudo parecia confuso, havia contornos de pessoas - mas também rabiscos, cores, traços nervosos ou geométricos. Aos poucos, porém, ela começou a entender o que ele dizia, porque cada palavra sua era acompanhada de um gesto de mão, e cada frase lhe colocava no mundo que até então negara fazer

parte - dizendo para si mesma que tudo não passava de um período em sua vida, uma maneria de ganhar dinheiro e nada mais.

- Sim, descobri que não há apenas uma, mas duas histórias sobre a prostituição. A primeira você conhece muito bem porque é também a sua: uma moça bonita, por diversas razões que ela escolheu - ou que escolheram por ela - descobre que a única maneira de sobreviver é vendendo o seu corpo. Algumas terminam dominando nações, como Messalina fez com Roma, outras se transformam em mitos, como Madame Du Barry, outras ainda ~~vivem uma vida aventureira e desgraçada~~, como a espiã Mata Hari. Mas a maioria jamais irá encontrar um momento de glória ou ~~de~~ <sup>um</sup> grandes desafios: serão para sempre meninas do interior que vêm em busca de fama, marido, aventura, e acabam descobrindo uma outra realidade, mergulham nela por algum tempo, se acostumam, acham que estão sempre no controle, e não conseguem fazer mais nada.

*tenham a aventura e a desgraca ao mesmo tempo,*

"Os artistas continuam fazendo suas esculturas, pinturas, e escrevendo seus livros há mais de três mil anos. Da mesma maneira, as prostitutas continuam seu trabalho através do tempo como se nada tivesse mudado muito. Quer saber detalhes?

Maria fez que sim com a cabeça. Precisava ganhar tempo, entender a dor, começava a ter a sensação de que algo

muito ruim havia saído de seu corpo, enquanto caminhava no parque.

- Aparecem prostitutas nos textos clássicos, nos hieróglifos egípcios, na escrita suméria, no Antigo e Novo Testamento. Mas a profissão só começa a se organizar no século VI A.C., quando o legislador Sólon - na Grécia - institui bordéis controlados pelo estado, e inicia a cobrança de impostos pelo "comércio da carne". Os homens de negócio atenienses se alegram porque o que antes era proibido, agora passa a ser legal. As prostitutas, por seu lado, começam a ser classificadas segundo os impostos que pagam.

"As mais baratas são chamadas de *pornai*, escravas que pertencem aos donos do estabelecimento. Em seguida, vem a *peripatética*, que consegue seus fregueses na rua. Finalmente, no nível mais alto de preço e de qualidade, está a *hetaera*, "a companhia feminina", que acompanha os homens de negócios em suas viagens, freqüentam os restaurantes chiques, são donas de seu próprio dinheiro, dão conselhos, interferem na vida política da cidade. Como você vê, o que aconteceu ontem, acontece também hoje.

"Na Idade Média, por causa das doenças sexualmente transmissíveis..."

Silêncio, medo de gripe, calor da lareira - agora necessária para aquecer seu corpo e sua alma. Maria não

queria mais ouvir aquela história - dava-lhe a sensação que o mundo havia parado, que tudo se repetia, e o homem jamais seria capaz de dar ao sexo o respeito merecido.

- Você não parece interessada.

Ela fez um esforço. Afinal de contas, era o homem a quem decidira entregar seu coração, embora já não estivesse tão segura.

- Não estou interessada naquilo que conheço; isso me entristece. Você me disse que havia outra história.

- A outra história é exatamente o oposto: a prostituição sagrada.

De repente, ela saíra do seu estado sonolento, e o escutava com atenção. Prostituição sagrada? Ganhar dinheiro com sexo, e ainda assim aproximar-se de Deus?

- O historiador grego Heródoto escreve a respeito de Babilônia: "existe ali um costume muito estranho: toda mulher que nasceu na Suméria é obrigada, pelo menos uma vez em sua vida, a ir até o templo da deusa Ishtar e entregar seu corpo à um desconhecido, como um símbolo de hospitalidade, e por um preço simbólico. "

Depois iria perguntar quem era esta deusa; talvez também ela lhe ajudasse a recuperar algo que havia perdido, e não sabia o que era.

- A influencia da deusa Ishtar espalhou-se por todo o Oriente Médio, atingiu a Sardenha, Sicília, e os portos do Mar Mediterrâneo. Mais tarde, durante o império Romano, outra deusa - Vesta - exige a virgindade total, ou a entrega total. Para manter o fogo sagrado, mulheres do <sup>seu</sup> templo se encarregavam de iniciar os jovens e os reis no caminho da sexualidade - cantavam hinos eróticos, entravam em transe, e entregavam seu êxtase ao universo, <sup>numa</sup> ~~em uma~~ espécie de comunhão com a divindade.

Ralf Hart mostrou uma fotocópia de algumas letras antigas, com a tradução em alemão no pé da página. Declamou-a devagar, traduzindo cada verso:

*" Quando estou sentada na porta de uma taverna,  
 eu, Ishtar, a deusa,  
 sou prostituta, mãe, esposa, divindade.  
 Sou o que chamam de vida  
 Embora vocês chamem de Morte.  
 Sou o que chamam de Lei  
 Embora vocês chamem de Marginal.  
 Eu sou o que vocês buscam  
 E aquilo que conseguiram.  
 Eu sou aquilo que vocês espalharam  
 E agora recolhem meus pedaços.*

- Não ajuda muito, mas eu gostaria que copiasse isso, para colocar em meu quarto. Não me dará paz, mas pelo menos não me deixará tão deprimida.

*Maria soluçou um pouco,*

Ralf Hart riu; a energia vital de ~~Maria~~ estava voltando, a "luz" começava de novo a brilhar. Era melhor continuar com a história, mostrar os desenhos, fazê-la sentir-se amada.

- Ninguém sabe porque a prostituição sagrada desapareceu, depois de haver durado não séculos, mas pelo menos dois milênios. Talvez por causa das doenças, ou de uma sociedade que mudou suas regras quando as religiões também mudaram. Enfim, isso não existe mais, e não voltará a existir - hoje em dia, os homens controlam o mundo, e o termo serve apenas para criar um estigma, e chamar de prostituta qualquer mulher que ande fora da linha."

- Você pode ir ao "Copacabana" amanhã?

Ralf não entendeu a pergunta, mas concordou imediatamente.

*— ARRIB PAG —*

*Do diário de Maria; na noite em que saiu de casa descalça pelo "—", em Jerusalém.*

Não me interessa se algum dia já foi sagrado ou não, mas EU ODEIO O QUE

FAÇO. Está destruindo minha alma, me fazendo perder o contacto comigo mesma, me ensinando que a dor é uma recompensa, o dinheiro compra tudo, justifica tudo.

Ninguém é feliz à minha volta; os clientes sabem que precisam pagar por aquilo que deveriam ter de graça, e isso é deprimente. As mulheres sabem que precisam vender aquilo que gostariam de entregar apenas por prazer e carinho, e isso é destruidor. Lutei muito antes de escrever isso, aceitar que estava infeliz, descontente - precisava e ainda preciso resistir mais algumas semanas.

Entretanto, não dá mais para ficar quieta, fingir que está tudo normal, que é um período, uma época da minha vida. Quero esquece-la, preciso amar, - mesmo <sup>SO</sup> <sup>ISSO</sup>, ~~preciso amar~~ correndo o risco de perder, de partir.

A vida é curta - ou longa demais para que eu possa me dar ao luxo de vivela tão mal.

— ABRIE PAG

Não é a casa dele. Não é a sua casa. Não é nem Brasil, nem Suíça, mas um hotel - que pode estar em qualquer lugar do mundo, sempre com os mesmos móveis, e aquele ambiente que pretende ser familiar, o que o faz mais distante ainda.

Não é o hotel com a bela vista para o lago, a lembrança da dor, do sofrimento, do êxtase; suas janelas dão para o caminho de Santiago, uma rota de peregrinação mas não de penitência, um lugar onde as pessoas se encontram nos cafés à beira da estrada, descubrem a "luz", conversam, ficam amigas, se apaixonam. Está chovendo, e a esta hora da noite ninguém anda por ali, mas andaram durante muitos anos, décadas, séculos - talvez o caminho precise respirar, descansar um pouco.

*de tanto pensar que os dedos tocam o céu*

Apagar a luz. Fechar as cortinas.

Pedir que tire a roupa, tirar também sua roupa. A escuridão física nunca é total, e quando os olhos já estão acostumados, poder ver, no contorno de uma pequena luz que entra não se sabe de onde, a silhueta do homem. Da outra vez que se encontraram para isso, apenas ela havia deixado parte do seu corpo nu.

*✓*

Tirar dois lenços, cuidadosamente dobrados, lavados, e enxaguados várias vezes, de modo a não ficar

nenhum traço de perfume ou de sabão. Aproximar-se dele e pedir que vende seus olhos. Ele hesita por um momento, e comenta sobre alguns infernos que já passou. Ela diz que não se trata disso, que precisa apenas da escuridão total, que agora é sua vez de lhe ensinar algo, como ontem ele lhe havia ensinado sobre a dor. Ele se entrega, coloca a venda. Ela faz o mesmo; agora já não há fresta de luz, estão no verdadeiro escuro, um precisa da mão do outro para chegar até a cama.

Não, não devemos nos deitar. Vamos nos sentar como sempre fizemos, frente a frente, só que um pouco mais perto, de modo que meus joelhos toquem os seus joelhos.

Sempre quis fazer isso. Mas nunca tinha o que precisava: tempo. Nem com o seu primeiro namorado, nem com o homem que a penetrou pela primeira vez. Nem com o árabe que pagou mil francos, talvez esperando mais do que ela foi capaz de dar - embora mil francos não sejam suficientes para <sup>ela</sup> comprar o que desejava. Nem com os muitos homens que passaram pelo seu corpo, entraram e saíram de suas pernas, as vezes pensando apenas neles, as vezes pensando também nela, as vezes com sonhos românticos, as vezes apenas com o instinto de repetir algo porque lhe disseram que é assim que um homem age, e se não agir assim, não é homem.

Lembra-se do seu diário. Está farta, quer que as semanas que faltam passem rapidamente, e por isso entrega-se a este homem, porque ali está a luz de seu próprio amor escondido. O pecado original não foi a maçã que Eva comeu, foi ~~o~~ <sup>o</sup> ~~idéia~~ <sup>o</sup> que Adão precisava compartilhar exatamente o que ela havia experimentado. Eva tinha medo de seguir o seu caminho sem a ajuda de alguém, então quis dividir o que sentia.

Certas coisas não se dividem. Tampouco se pode ter medo dos oceanos em que mergulhamos por nossa livre vontade; o medo atrapalha o jogo de todo mundo. O homem está passando por infernos para entender isso. Amemos uns aos outros, mas não tentemos possuir uns aos outros.

Eu amo este homem que está diante de mim, porque eu não o possuo, e ele não me possui. Somos livres em nossa entrega. *preciso repetir isso nel, uma vez de vezes, a te lembrar o significado que muitas palavras*

Pensa um pouco na mentalidade das outras prostitutas que trabalham com ela. Pensa na mentalidade de sua mãe, de suas amigas. Todas acreditam que o homem deseja apenas onze minutos por dia, e pagam um dinheirão por isso. Não, não é assim; o homem também é uma mulher; <sup>que</sup> ~~se~~ encontrar alguém, ~~quer~~ <sup>no</sup> descobrir um sentido para sua vida.

Será que sua mãe se comporta como ela, e finge ter orgasmo com seu pai? Ou será que, no interior do Brasil,

ainda é proibido mostrar que uma mulher tem prazer no sexo? Sabe tão pouco da vida, do amor, e agora - com os olhos vendados e todo o tempo do mundo, vai descobrindo a origem de tudo, e tudo começa onde ela gostaria ~~de ter~~ <sup>que tivesse</sup> começado.

O toque. Esquece as prostitutas, os clientes, sua mãe e seu pai, agora está na escuridão total. ~~Porque se~~ <sup>Pensou a tudo inteiro</sup> ~~perguntava o que devia dar~~ <sup>o que poderia dar</sup> para um homem que lhe ~~devolvia~~ <sup>havia devolvido</sup> a dignidade, ~~lhe fazia~~ <sup>ndo com que entendesse</sup> entender a dor e a alegria.

# — Eu ~~lhe~~ <sup>me</sup> gostaria de dar a felicidade de ensinar-me algo novo, como ontem me ensinou sobre sofrimento, <sup>Vi que é feliz ensinando, então que me ensina</sup>. <sup>Que me faça</sup> prostitutas de rua, prostitutas sagradas. Eu gostaria de aprender <sup>a chegar</sup> ~~como se chega~~ até o corpo, antes de se chegar na alma, na penetração, no orgasmo.

# — Estende a mão para adiante, e pede que ele faça o mesmo. Sussura poucas palavras, dizendo que aquela noite, naquele lugar de ninguém, gostaria que ele descobrisse sua pele, o limite entre ela e o mundo. Pede que a toque, que a sinta com suas mãos, porque os corpos se entendem, embora nem sempre as almas <sup>estão juntas de acordo</sup> ~~sejam capazes de compreender~~ isso. Ele começa a toca-la, ela também o toca, e ambos, como se tivessem combinado tudo antes, evitam as partes do corpo em que a energia sexual aflora mais rapidamente.

Os dedos tocam o seu rosto, ela sente um pouco o cheiro de tinta, um cheiro que sempre permanecerá ali, por

mais que ele lave aquelas mãos milhares, milhões de vezes,  
~~que~~ estava ali quando nasceu, quando ele deve ter visto a  
primeira árvore, a primeira casa, e ter decidido desenhá-la  
em seus sonhos. Também ele deve estar sentindo algum cheiro  
em sua mão, mas ela não sabe o que é, e não quer perguntar,  
porque neste momento tudo é corpo, ~~e~~ o resto é silêncio.

Acarícia, e sente-se acariciada. Pode ficar assim a  
noite inteira, porque é gostoso, não vai terminar  
necessariamente em sexo - e neste momento, justamente porque  
não tem obrigação, ela sente um calor entre as pernas, e sabe  
que ficou úmida. Vai chegar a hora em que ele tocará o seu  
sexo, e descobrirá que o deseja, não sabe se é bom ou ruim,  
mas é assim que seu corpo está reagindo, e não pretende dizer  
para ir por aqui, ir por ali, mais devagar, mais rápido. As  
mãos do homem agora estão tocando as suas axilas, os pelos de  
seus braços se eriçam, ela tem vontade de empurrá-las dali -  
mas é bom, embora talvez seja dor o que esteja sentindo. Faz  
o mesmo nele, nota que as axilas tem uma textura diferente,  
talvez por causa do desodorante que ambos usam, mas no que  
está pensando? Não deve pensar. Deve tocar, isso é tudo.

Os dedos dele traçam círculos em torno do seu seio,  
como um animal que espreita. Ela quer que se movam mais  
rápido, que toque logo os bicos, porque o seu pensamento está  
indo mais veloz que as mãos dele, mas, talvez sabendo disso,

ele provoca, delicia-se, e tarda uma infinidade até chegar ali. Estão duros, ele brinca um pouco, e aquilo deixa o seu corpo mais arrepiado, e seu sexo mais quente e mais úmido. Agora ele passeia por seu ventre, desvia-se e vai até as pernas, os pés, sobe e desce as mãos pelo lado interno de suas coxas, sente o calor, mas não se aproxima, é um toque doce, leve, e quanto mais leve, mais alucinante.

Ela faz o mesmo, mantendo as mãos quase flutuando, quase apenas tocando os cabelos das pernas dele, e também sente o calor, quando se aproxima do sexo. De repente é como se tivesse recuperado misteriosamente a virgindade, como se descobrisse pela primeira vez o corpo de um homem, . Toca-o . Não está duro como imaginava, e ela está toda molhada, isso é injusto, mas talvez o homem precise de mais tempo, sei lá.

E começa a acaricia-lo como só as virgens sabem fazer, porque as prostitutas já se esqueceram. O homem reage, o sexo começa a crescer em suas mãos, e ela aumenta lentamente a pressão, sabendo agora onde deve tocar, mais na parte de baixo que na de cima, deve envolve-lo com os dedos, puxar a pele para trás, em direção ao corpo. Agora ele está excitado, muito excitado, tocou os lábios de sua vagina, mantendo a suavidade, e ela tem vontade de pedir que seja mais forte, coloque os dedos lá dentro, na parte de cima. Mas ele não faz isso, espalha no clitóris um pouco do líquido

246

que jorra de seu ventre, que sai de dentro dela, ~~no seu~~  
~~clitóris~~, e de novo faz os mesmos movimentos circulares que  
fez nos seus mamilos. Aquela homem a toca como se fosse ela.

MUSM2

Uma das mãos deles subiu de novo para o seu seio,  
como é bom, como gostaria que ele a abraçasse agora. Mas não,  
estão descobrindo o corpo, tem tempo, precisam de muito  
tempo. Podiam fazer amor agora, seria a coisa mais natural do  
mundo, e possivelmente seria bom, mas tudo aquilo é tão novo,  
precisa controlar-se, não quer estragar tudo. Lembra-se do  
vinho que tomaram na primeira noite, lentamente, sorvendo  
cada gole, sentindo que a esquentava, a fazia ver o mundo  
diferente, a deixava mais solta e mais em contacto com a  
vida.

*Deixa beber*

~~Assim quer~~ beber aquele homem, e então poderá  
esquecer para sempre o mau vinho, que se toma de um gole, dá  
uma sensação de embriaguez, mas termina em dor de cabeça e um  
buraco na alma .

Ela pára, suavemente entrelaça seus dedos nas  
mãos dele, escuta um gemido e tem vontade de gemer também,  
mas se controla, sente que aquele calor se espalha por todo  
o seu corpo, o mesmo deve estar acontecendo com ele. Sem  
orgasmo a energia se dispersa, vai até o cérebro, não a  
deixa pensar em mais nada a não ser em ir até o final, mas é  
isso que ela quer - parar, parar no meio, espalhar o prazer

247

por todo o corpo, invadir a mente, renovar o compromisso e o desejo, voltar a ser virgem.

Tira suavemente a venda dos seus próprios olhos, e faz o mesmo com ele. Acende a luz da mesa de cabeceira. Os dois estão nus, e não sorriem, apenas se olham. Eu sou o amor, eu sou a música, pensa ela. Vamos dançar.

Mas não diz nada disso: conversam alguma coisa trivial, quando vamos nos encontrar de novo, ela marca uma data, talvez daqui a dois dias. Ele diz que gostaria de convidá-la para uma exposição, ela vacila. Isso significaria conhecer seu mundo, seus amigos, e o que vão dizer, o que vão pensar.

Diz que não. Mas ele percebe que sua vontade era de dizer sim, então insiste, usando alguns argumentos tolos, mas que fazem parte da dança que estão dançando agora, ela termina por ceder, porque era isso que queria. Marca um lugar para se encontrarem, no mesmo café que foram no primeiro dia. Ela diz que não, os brasileiros são supersticiosos, e não devem se encontrar no lugar onde se viram no primeiro dia, porque aquilo pode fechar um ciclo, e acabar tudo.

Ele diz que está contente, porque ela não quer fechar este ciclo. Decidem por uma igreja de onde se pode ver

a cidade, e que está no caminho de Santiago, parte da misteriosa peregrinação que os dois tem feito desde que se encontraram.

## — ABRIR PAG —

Do diário de Maria, na véspera de comprar seu bilhete de avião de volta para o Brasil:

*Era uma vez um pássaro. Adornado com um par de asas perfeitas e plumas reluzentes, coloridas e maravilhosas. Enfim, um animal feito para voar livre e solto do céu, ~~e para alegrar~~<sup>do</sup> quem o observasse.*

*Um dia, uma mulher viu este pássaro e se apaixonou por ele. Ficou olhando o seu vôo com a boca aberta de espanto, o coração batendo mais rápido, os olhos brilhando de emoção. Convidou-o para voar com ela, e os dois viajaram pelo céu em completa harmonia. Ela admirava, venerava, celebrava o pássaro.*

*\Mas então pensou: talvez ele queira conhecer algumas montanhas distantes! E a mulher sentiu medo. Medo de*

nunca mais sentir aquilo com outro pássaro.  
E sentiu inveja, inveja da capacidade de voar do pássaro.

E se sentiu-se sozinha.

E pensou: "vou montar uma armadilha. A próxima vez que o pássaro surgir, ele não mais partirá."

O pássaro, que também estava apaixonado ~~por ela~~ <sup>pele mulher</sup>, voltou no dia seguinte, caiu na armadilha, e foi preso na gaiola.

Todos os dias ela olhava o pássaro. Ali estava o objeto de sua paixão, e ela mostrava para suas amigas, que comentavam: "mas você é uma pessoa que tem tudo." Entretanto, uma estranha transformação começou a processar-se: como tinha o pássaro, e já não precisava conquistá-lo, foi perdendo o interesse. O pássaro, sem poder voar e exprimir o sentido de sua vida, foi definhando, perdendo o brilho, ficou feio - e a mulher já não prestava mais atenção nele, apenas na maneira como o alimentava e como cuidava de sua gaiola.

Um belo dia, o pássaro morreu. Ela ficou profundamente triste, e vivia pensando nele. Mas não se lembrava da gaiola, recordava apenas o dia em que o vira pela primeira vez, voando contente entre as nuvens.

Se ela observasse a si mesmo, descobriria que aquilo que a emocionava tanto no pássaro era a sua liberdade, a energia das asas em movimento, não o seu corpo físico.

Sem o pássaro, sua vida também perdeu o sentido, e a morte veio bater em sua porta. "Por que você veio?" perguntou para a morte. "Para que você possa voar de novo com ele nos céus", a morte respondeu. "Se o tivesse deixado partir e voltar

sempre, você o amaria e o admiraria ainda mais; entretanto, agora só eu posso ajuda-la a ser livre em seu amor". *voce precisa de mim, a Morte, para conduzi-la a um reino onde não se pode apreciar ninguém.\**

— ABRIE RAG —

251

Começou o dia fazendo algo que ensaiara durante todos aqueles meses: entrando em uma agencia de viagens, e comprando uma passagem de volta <sup>ao Brasil,</sup> para a data que marcara em seu calendário: daqui <sup>em</sup> há duas semanas.

A partir daquele momento, Geneve seria o rosto de um homem que lhe <sup>amou.</sup> ~~quis bem, e lhe fez descobrir aquilo que julgava praticar como profissão.~~ A Rue de Berne seria um nome, homenagem à capital da Suíça. Lembraria o seu quarto, do lago, da língua francesa, das loucuras que uma menina de 23 anos é capaz de fazer — até entender que há um limite.

Usa um  
coisa  
qualquer  
coisa

Não iria prender o pássaro, tampouco sugeri-lo que a acompanhasse ao Brasil; ele era a única coisa verdadeiramente pura que lhe havia acontecido. Um pássaro como esse tem que voar livre, alimentar-se da saudade de um tempo em que voou junto com alguém. E ela também era um pássaro: ter Ralf Hart ao seu lado seria lembrar para sempre dos dias passados no "Copacabana." ~~Não queria mais pensar em~~ <sup>mas pretendia não pensar naquilo.</sup> ~~nada daquilo,~~

*Decidiu que ia*

~~Querida~~ dizer "adeus" apenas uma vez, quando chegasse o momento da partida — ao invés de ficar sofrendo cada vez que lembrasse "em breve já não estarei mais aqui." Portanto, enganou seu coração e caminhou por Geneve aquela

manhã como tivesse sempre passeado por aquelas ruas, a colina, a ponte de Mont Blanc, os bares que costumava freqüentar. Acompanhou o vôo das gaiotas no rio, os comerciantes recolhendo as barracas, as pessoas saindo dos seus escritórios para almoçar, a cor e o gosto da maçã que estava comendo, os aviões pousando à distancia, o arco-iris na coluna de água que subia do meio do lago, a alegria tímida e escondida de todos que passavam por ela, os olhares de desejo, sem expressão, os olhares. Era uma cidade pequena, no meio de tantas cidades pequenas no mundo, Tibeta quase um ano e se não fosse pela arquitetura peculiar e pelo excesso de letreiros de bancos, podia estar localizada no interior do Brasil. Tinha feira. Tinha mercado. Tinha donas de casa discutindo o preço. Tinha estudantes que haviam deixado a aula antes da hora, talvez com alguma desculpa sobre pai e mãe doentes, e agora passeavam e se beijavam nas margens do rio. Tinha gente que se sentia em casa, e gente que se sentia estrangeira. Tinham jornais que falavam de escândalos, e respeitáveis revistas para homens de negócios - que por sinal, só eram visto lendo jornais sobre escândalos.

Foi até a biblioteca devolver o manual sobre administração de fazendas. Não tinha entendido nada, mas este livro lhe recordara, em momentos onde pensava ter perdido o controle de si mesma e de seu destino, qual era o objetivo de

sua vida. Tinha sido um companheiro silencioso, uma capa amarela sem desenhos, uma serie de gráficos, mas, sobretudo, um farol nas noites escuras das semanas mais recentes.

Sempre fazendo planos para o futuro. E sempre sendo surpreendida pelo presente, dizia para si mesma. Pensava em ter descoberto a si mesma através da independência, depois do desespero, em seguida do amor, mais adiante da dor, para logo encontrar-se de novo com o amor - e gostaria que as coisas terminassem por ali.

O mais curioso disso tudo é que, enquanto algumas de suas companheiras de trabalho falavam das virtudes e do êxtase por estar com certos homens na cama, ela - em todos estes meses, onde não tinha feito praticamente outra coisa - jamais tinha se descoberto <sup>melhor ou pior não costurava</sup> através do sexo. ~~Ainda tinha seu~~ problema, era incapaz de ter um orgasmo com a penetração, e vulgarizara tanto o ato sexual que talvez não conseguisse nunca mais encontrar no tal "abraço do reencontro"- como Ralf Hart o chamava - o fogo e a alegria que buscava.

Ou talvez, <sup>esse</sup> como costumava pensar de vez em quando, isso não existia, o amor era necessário para se ter algum prazer na cama, como diziam as mães, os pais, os livros românticos.

~~##~~ A bibliotecária, normalmente séria (e sua única amiga, embora jamais lhe tivesse dito isso), estava de bom

humor. Atendeu-a na hora do almoço, convidou-a para compartilhar um sanduíche, Maria agradeceu e disse que tinha acabado de almoçar.

- Você ~~leu rápido.~~ *demorou muito para ler.*
- Não entendi nada.
- Você se lembra do que me pediu, uma vez?

Não, não lembrava, mas depois que viu o sorriso malicioso no ar da mulher a sua frente, imaginou o que teria sido. *Sexo.*

- Sabe, desde que você veio aqui procurando este tipo de ~~livro~~, *arquivo,* eu resolvi fazer um levantamento do que tínhamos. Não era muito, e como precisamos educar essa juventude, eu encomendei alguns. Assim, não precisam aprender da pior maneira possível - com prostitutas, por exemplo.

A bibliotecária apontou para uma pilha de livros em um canto, todos educadamente encapados com um papel pardo.

- Ainda não tive tempo de classifica-los, mas andei dando uma olhada e fiquei horrorizada com o que descobri.

Bem, já podia adivinhar o que a mulher diria: posições constrangedoras, sado-masoquismo, e coisas deste tipo. Melhor dizer que tinha que voltar a trabalhar (não sabia onde tinha dito que trabalhava, se em um banco, ou em uma loja - mentira dava muito trabalho, ela se esquecia sempre).

255

Agradeceu, fez sinal de que ia sair, mas a outra comentou:

- Você também ia ficar horrorizada, ~~com tudo aquilo que sofremos no passado~~. Por exemplo: sabia que o clitóris é uma invenção recente?

Invenção? Recente? Ainda esta semana alguém tinha tocado no seu, como sempre estivesse ali, e como se aquelas mãos conhecessem bem o terreno que estava sendo explorado - apesar da escuridão completa.

- Foi oficialmente aceito em 1559, depois que um médico, Realdo Columbo, publicou um livro chamado *De re anatômica*. Durante mil e quinhentos anos da era cristã, ele era oficialmente ignorado. Columbo o descreve, em seu livro, com "uma coisa bonita e útil", você acredita?

As duas riram.

- Dois anos depois, em 1561, outro médico, Gabrielle Fallopio, disse que a "descoberta" tinha sido dele. Veja só! Dois homens - italianos, claro, que entendem do assunto - discutindo quem havia oficialmente colocado o clitóris na história do mundo!

Aquela conversa era interessante, mas Maria não queria pensar no assunto, principalmente porque sentia de novo o líquido escorrendo, e o sexo ficando molhado - só de lembrar o toque, as vendas, as mãos que passeavam no seu

corpo. Não, não estava morta para o sexo, aquele homem a havia resgatado de alguma maneira. Que bom continuar viva.

A bibliotecária, porém, estava entusiasmada:

- Mesmo depois de "descoberto", continuou a ser desrespeitado - parecia que havia se tornado uma perita em clitoriologia, ou seja lá qual fosse o nome desta ciência. - As mutilações que lemos hoje nos jornais, onde certas tribos da África ainda tiram da mulher o direito do prazer, não são nenhuma novidade. Aqui mesmo na Europa, no século XIX, ainda se fazia operações para elimina-lo, acreditando que naquela pequena e insignificante parte da anatomia feminina, estava toda a fonte de histeria, epilepsia, tendência ao adultério, e incapacidade de ter filhos.

*+q sinal estendeu a mão para despedir-se )*

Maria não queria escutar mais sobre a história do ~~clitórís~~, mas a bibliotecária não dava sinais de cansaço .

- Pior ainda, nosso querido Freud, o descobridor da psicanálise, dizia que o orgasmo feminino, em uma mulher normal, deve mover-se do clitórís para a vagina. Seus mais fiéis seguidores, desenvolvendo esta tese, passaram a afirmar que o fato de manter o prazer sexual concentrado no clitórís era um sinal de infantilidade, ou, o que é pior, de bisexualidade.

"E no entanto, como todas nós sabemos, é muito difícil ter um orgasmo apenas com a penetração. É bom ser

possuída por um homem, mas o prazer está naquele graozinho ali, descoberto por um italiano!"

Distraída, Maria reconheceu que tinha o problema diagnosticado por Freud: ainda era infantil, seu orgasmo não tinha se movido para a vagina. *o que que Freud estava errado?* Na falta de um assunto melhor, resolveu provocar:

- E o ponto G, o que você acha?

*- perguntou a bibliotecária*

- A senhora sabe onde fica?

A mulher ficou corada, tossiu, mas teve coragem de responder:

- Logo que você entrar, no primeiro andar, janela dos fundos.

Genial! Descrevera a vagina como um edifício! Talvez tivesse lido aquela explicação em um livro para meninas que, depois que alguém bater *U* na porta e entrar *U*, irão descobrir todo um universo dentro do próprio corpo. Sempre que se masturbava, preferia mais o tal ponto G que o clitóris, já que este lhe dava uma certa aflição, um prazer misturado com agonia, algo angustiante.

Ia sempre para o primeiro andar, janela dos fundos!

Vendo que a mulher não ia parar de falar - talvez tivesse acabado de descobrir nela uma cúmplice de sua própria sexualidade perdida - acenou com a mão, saiu, e procurou continuar se concentrando em qualquer bobagem, porque não era

dia de pensar em despedidas, clitóris, virgindade refeita, ou ponto G. Prestou atenção ao ruídos- sinos que tocavam, cachorros latindo, o tram rangendo nos trilhos, os passos, a respiração, os letrados que ofereciam tudo.

Já não tinha mais vontade de voltar ao "Copacabana", e mesmo assim sentia-se na obrigação de levar seu trabalho até o final, mesmo que desconhecesse a verdadeira razão - afinal de contas, já tinha conseguido economizar o suficiente; Durante aquela tarde, podia fazer algumas compras, conversar com um gerente de banco que era seu cliente mas que havia prometido ajuda-la com suas economias, tomar um café, colocar no correio algumas roupas que não caberiam na sua bagagem. Estranho, estava sentindo-se um pouco triste, não conseguia entender; ~~porque. Talvez porque~~ ainda faltassem duas semanas, precisava passar o tempo, olhar a cidade com outros olhos, alegrar-se por ter vivido tudo aquilo.

*Mas Milan era hora como um pai, não podia abandonar o sucesso.*

Chegou em um cruzamento que já atravessara centenas de vezes, dali podia ver o lago, a coluna de água, e - no meio do jardim que se estendia do outro lado da calçada - o belo relógio de flores, um dos símbolos da cidade, e ele não lhe deixava mentir, porque...

De repente, o tempo, o mundo parou.

Que história era aquela de virgindade recém-recuperada, que pensava desde manhã?

O mundo parecia congelado, aquele segundo não passava nunca, ela estava diante de algo muito sério e muito importante em sua vida, não podia esquecer, não podia fazer como os seus sonhos noturnos, sempre prometia anotar, e nunca se lembrava...

"Não pense em nada. O mundo parou. O que está acontecendo? "

CHEGA!

O pássaro, a linda história do pássaro que acabara de escrever, era sobre Ralf Hart?

Não, ela sobre ela mesma!

PONTO FINAL!

Eram 11:11 da manhã, e ela estava parando naquele momento ~~tudo o que fizera até então~~. Era uma estrangeira em seu próprio corpo, estava redescobrando a virgindade recém-recuperada, mas seu renascer era tão frágil, que se continuasse ali estaria perdida para sempre. Experimentara o céu talvez, o inferno com certeza, mas Aventura chegava ao final. Não podia esperar duas semanas, dez dias, uma semana - precisava ir embora correndo - porque, ao olhar aquele

relógio cheio de flores, com turistas tirando fotografias e crianças brincando ao redor, acabara de descobrir o motivo de sua tristeza.

E o motivo era o seguinte: não queria voltar.

E a razão não era Ralf Hart, a Suíça, a Aventura. A verdadeira razão era simples demais: dinheiro.

Dinheiro! Um pedaço de papel especial, pintado com cores sóbrias, que todo mundo dizia valer alguma coisa - e ela acreditava, todos acreditavam nisso - até o momento em que fosse com uma montanha daquele papel a um banco, um respeitável, tradicional, secretíssimo banco suíço, e pedisse: "posso ~~comprar~~ <sup>adquirir</sup> um pouco de horas para minha vida?" "Não senhora, não vendemos isso; só compramos."

Maria foi despertada de seu delírio pela freiada de um carro, a reclamação de um motorista, e um velhinho sorridente, falando inglês, e pedindo que recuasse - o sinal estava fechado para <sup>pedestres.</sup>

"Bem, acho que descobri a pólvora ou a roda. Todo mundo deve saber."

Mas não sabiam: olhou a sua volta, pessoas andando de cabeça baixa, correndo para ir ao trabalho, à escola, à uma agencia de empregos, à Rue de Berne, sempre dizendo: "posso esperar um pouco mais. Tenho um sonho, mas ele não precisa ser vivido hoje, porque preciso ganhar dinheiro."

Claro, seu emprego era amaldiçoado - mas no fundo tudo tratava-se apenas de vender seu tempo, como todo mundo. Fazer coisas que não gostava , como todo mundo. Aturar gente insuportável, como todo mundo. Entregar seu precioso corpo e sua preciosa alma em nome de um futuro que nunca chegava, como todo mundo. Dizer que ainda não tinha o bastante, como todo mundo. Aguardar só mais um pouquinho, como todo mundo. Esperar mais um pouco, ganhar algo mais, deixar para realizar seus desejos depois, no momento estava muito ocupada, tinha uma oportunidade diante dela, clientes que a esperavam, que eram féis, que podiam pagar de 350 até 1.000 francos por noite. Como poucas pessoas, ~~podiam ganhar~~, mas como todo mundo ~~geralmente agia~~.

E pela primeira vez em sua vida, apesar de todas as coisas boas que podia comprar com o dinheiro que ganhasse - quem sabe, apenas mais um ano? - ela resolveu consciente, lúcida, e propositadamente, deixar passar uma oportunidade.

Maria esperou que o sina abrisse, atravessou a rua, parou diante do relógio de flores, pensou em Ralf, sentiu de novo o seu olhar de desejo na noite em que abaixara parte de seu vestido, sentiu suas mãos lhe tocando os seios, o sexo, o rosto, ficou molhada, olhou para a imensa coluna de água à distancia, e ~~teve um orgasmo ali, na frente de todo mundo.~~

*sem perceber tocou uma só parte do seu corpo, sem*  
*Não ninguém notou; todos estavam muito, muito ocupados.*

Era isso que a tinha salvado: um homem, uma noite em que se descobrira como ser humano, que tinha tempo - muito tempo - para dedicar-se à felicidade.

ABRIR PAG.

Nyhang, a única de suas colegas com que tinha uma certa relação que, com algum esforço, poderia chamar de amizade, chamou-a assim que entrou. Estava sentada com um oriental, e os dois riam.

- Veja isso - disse para Maria. - Veja o que ~~ele~~ quer que eu faça com ele!

O oriental, fazendo um olhar cúmplice e mantendo o sorriso nos lábios, abriu a tampa de uma <sup>caixa de</sup> ~~caixa que parecia ser~~ de charutos. De longe, Milan espichou o olho para ver se não se tratava de seringas ou drogas. Não, era apenas aquela coisa que nem ele entendia direito como funcionava, mas não era nada para ~~se preocupar.~~ <sup>deixá-lo preocupado.</sup>

- Parece coisa do século passado! - disse Maria.

- É coisa do século passado - concordou o oriental, indignado com a ignorância do comentário. - Este aí tem mais de cem anos, e custou uma fortuna.

O que Maria via era uma série de válvulas, uma manivela, circuitos elétricos, pequenos contactos de metal, pilhas. Parecia o interior de um antigo aparelho de radio, com dois fios saindo, em cujas extremidades estavam pequenos bastões de vidro, do tamanho de um dedo. Nada que pudesse custar uma fortuna.

- Como funciona?

*Nrang*  
Amy Nang não gostou da pergunta de Maria. *Embora*  
*Jamtem compare na brasileira,*  
~~significava que ela podia estar querendo~~ ao seu cliente.  
*de oho*

- Ele já me explicou. É o Bastão Violeta.

E virando-se para o oriental, sugeriu que saíssem, porque decidira aceitar o ~~seu~~ *com* convite. Mas o homem parecia entusiasmado ~~pele~~ seu brinquedo, ~~como se preferisse falar mais do que fazer.~~

- Por volta de 1900, quando as primeiras pilhas começaram a circular no mercado, a medicina tradicional começou a fazer experiências com eletricidade, para ver se curava doenças mentais ou histeria. Também foi usado para combater espinhas, e estimular a vitalidade da pele. Está vendo estas duas extremidades? Elas eram colocadas aqui - apontou para ~~as~~ <sup>as</sup> temporas - e a bateria provocava a mesma descarga estática que levamos quando o ar está muito seco.

Aquilo era uma coisa que jamais acontecia no Brasil, mas na Suíça era muito comum; Maria descobrira quando

certo dia, ao abrir a porta de um táxi, escutara um pequeno estalido e levara um choque. Achou que tinha sido um problema do carro, reclamou, disse que não ia pagar a corrida, e o chofer quase a agrediu, chamando-a de ignorante. Ele tinha razão; não era o carro, era o ar muito seco. Depois de vários choques, passou a ter medo de tocar em qualquer coisa de metal, até ~~que descobriu~~ <sup>descobriu</sup> em um supermercado, uma pulseira que descarregava a eletricidade acumulada no corpo.

Virou-se para o oriental:

- Mas é extremamente desagradável!

Nyagh estava cada vez mais impaciente com os comentários de Maria. Para evitar futuros conflitos com sua única possível amiga, mantinha o braço em torno do ombro do homem, de modo a não deixar qualquer dúvida ~~de quem era o~~ <sup>a quem</sup> cliente. ~~ele~~ <sup>ele persistia</sup>.

- Depende de onde você colocar - o oriental riu alto.

Em seguida, girou a pequena manivela, e os dois bastões pareceram ficar da cor violeta. Em um movimento rápido, ele encostou-os nas duas mulheres; houve o estalido, mas o choque parecia mais uma espécie de coceira que dor.

Milan aproximou-se.

- Por favor, não use isso aqui.

O homem tornou a colocar os bastões na caixa. A filipina aproveitou a chance, sugeriu que fossem logo para o hotel. O oriental pareceu um pouco decepcionado, a recém-chegada estava muito mais interessada no Bastão Violeta que a mulher que agora o convidava para sair. Vestiu seu casaco, guardou a caixa dentro de uma pasta de couro, comentando:

- Hoje em dia estão fabricando de novo, virou uma espécie de moda entre pessoas que procuram prazeres especiais. Mas este que você viu aí só pode ser encontrado em raras coleções médicas, museus, ou antiquários.

Milan e Maria ficaram parados, sem saber o que dizer.

- Você já tinha visto isso?

- Deste tipo, não. Deve <sup>realmente</sup> custar uma pequena fortuna, mas este homem é um alto executivo de uma companhia petrolífera. Já vi outros, modernos.

- E o que fazem?

- Enfiam no corpo... e pedem que a mulher gire a manivela. Levam o choque lá dentro.

- Não podiam fazer isso sozinhos?

- Qualquer coisa em sexo você pode fazer sozinho.

Mas é melhor que continuem achando que tem mais graça quando estão com outra pessoa, ou meu bar iria à falência e você teria que trabalhar em uma ~~boutique~~ <sup>supermercado</sup>. Por falar nisso, o seu

~~bar~~ → loja de verduras.

cliente especial disse que virá hoje a noite; por favor, recuse qualquer convite.

- Recusarei. Inclusive o dele. Porque vim apenas despedir-me, estou indo embora, ~~hoje~~.

Milan pareceu não acusar o golpe.

- O pintor?

- Não. "O Copacabana". Existe um limite - e cheguei <sup>esta manhã,</sup> a ele ~~hoje~~, enquanto olhava aquele relógio de flores perto do lago.

- Qual é o limite?

- O preço de uma fazenda no interior do Brasil. Sei que posso ganhar mais, trabalhar mais um ano, que diferença faria, não é verdade?

"Pois eu sei a diferença: estaria para sempre nesta armadilha, como você está, e estão os clientes, os executivos, os comissários de bordo, os caçadores de talento, os executivos de disco, os muitos homens que conheci, a quem vendi meu tempo, e que não podem me vender de volta. Se eu ficar mais um dia, fico mais um ano, e se ficar mais um ano, não sairei nunca."

Agradeceu, pediu um drinque - um copo de champagne, não agüentava mais o coquetel de frutas. Agora podia beber, não estava em serviço. Milan disse que lhe telefonasse se

*Milan fez um sinal discreto a piroativo com a cabeça, como se entendesse, concordasse com tudo, eu. Esta não pudesse diferir nada, porque seria admitir seu ~~fratão~~ ~~facano~~ muito quisgado sentir-se ~~se~~ ~~clim~~ ~~for~~ ~~an~~ ~~meu~~*

precisasse algo; ela sempre seria bem-vinda, ~~caso mudasse de~~  
~~idéia.~~

Fez menção de pagar o drink, ele disse que era por  
conta da casa. Ela aceitou: tinha dado àquela casa muito mais  
que um drink.

— ABRIR PAG —  
Vizão: texto de Chris sobre esbaúeiro  
— ABRIR PAG —

Pegou as duas malas e as colocou em cima da cama;  
sempre estiveram ali, esperando o dia em que tudo chegaria ao  
final. Imaginava que iria enche-las de muitos presentes,  
vestidos novos, fotos na neve e nas grandes capitais  
européias, lembranças de um tempo feliz onde havia conhecido  
o país mais seguro e mais generoso do mundo. Tinha alguns  
vestidos novos, era verdade, e algumas fotos na neve que um  
dia caíra em Geneve, mas afora isso, nada mais era como havia  
imaginado.

Chegara com o sonho de ganhar muito dinheiro,  
aprender sobre a vida e sobre quem era, comprar uma fazenda  
para os seus pais, encontrar um marido, e trazer a família  
para conhecer onde morava. Voltava com o dinheiro exato para



lixo; aquele trem não merecia conhecer o Brasil, tinha sido inútil e injusto com a criança que sempre o desejara.

Não, não iria à igreja; talvez ele lhe perguntasse algo sobre amanhã, e se fosse verdadeira, e dissesse que estaria partindo, ele iria pedir que ficasse, prometer-lhe tudo para não perde-la naquele momento, declarar seu amor já demonstrado em todo o tempo que passaram juntos. Mas tinham aprendido a conviver em liberdade, e nenhuma outra relação iria dar certo - talvez esta era a única razão pela qual ambos se amavam, porque sabiam que um não precisava do outro. Os homens sempre se assustam quando uma mulher diz "eu quero depender de você", e Maria gostaria de ~~conservar~~ levar consigo a imagem de um Rolf Hart apaixonado, entregue, pronto a qualquer coisa por ela.

Ainda tinha tempo de decidir se ia ou não ao encontro; no momento precisava concentrar-se em coisas mais práticas. Viu quanta coisa tinha deixado fora das malas, e não sabia onde coloca-las. Resolveu que o dono do imóvel tomaria a decisão, quando entrasse no apartamento e encontrasse os eletrodomésticos na cozinha, os quadros comprados em um mercado de segunda-mão, as toalhas e as roupas de cama. Não poderia levar nada disso para o Brasil, mesmo que seus pais necessitassem mais do que qualquer

24-

mendigo suíço; iriam lembrar-lhe sempre de tudo que se aventurou.

Saiu, foi até o banco, e pediu para retirar todo o dinheiro que tinha ali depositado. O gerente - que já frequentara sua cama - disse que era uma má idéia, aqueles francos poderia continuar rendendo, e ela receberia os juros no Brasil. Além do mais, caso lhe roubassem, seriam muitos meses de trabalho perdido. Maria hesitou por um momento, achando - como sempre achava - que estavam querendo lhe ajudar de verdade. Mas, depois de refletir um pouco, ~~achou~~ *concluiu* que o objetivo daquele dinheiro não era transformar-se em mais papel, mas em uma fazenda, uma casa para seus pais, algum gado e muito mais trabalho.

Retirou cada centavo, colocou em uma pequena bolsa que comprara especialmente para a ocasião, e amarrou na cintura, por debaixo da roupa.

Foi até a agencia de viagem, rezando para que tivesse coragem de continuar em sua decisão; quando quis mudar a passagem, lhe disseram que o vôo do dia seguinte tinha uma escala em Paris, para troca de avião. Não tinha importância - o que precisava era estar longe dali antes que pudesse pensar duas vezes.

Foi até uma das pontes, comprou um sorvete - embora já começasse a esfriar de novo - e olhou Geneve (~~ver resto~~)

27

pela última vez como uma pessoa que morava ali. E então tudo lhe pareceu diferente, como se tivesse acabado de chegar, e precisasse ir aos museus, aos monumentos históricos, aos bares e restaurantes da moda. Engraçado que, quando se mora em uma cidade, sempre se deixa para conhecê-la depois - e geralmente se termina não a conhecendo nunca.

Pensou em ficar contente porque estava voltando a sua terra, mas não conseguiu. Pensou em ficar triste por estar deixando uma cidade que a tratara tão bem, e tampouco conseguiu. A única coisa que pode fazer foi derramar algumas lágrimas, com medo de si mesma, uma moça inteligente, que tinha tudo para ser bem-sucedida, mas que geralmente tomava decisões erradas.

Torceu para que desta vez estivesse certa.

— ABRIR PAG —

A igreja estava completamente vazia quando ela entrou, e ela pode contemplar em silêncio os lindos vitrais, iluminados pela luz lá de fora, a luz de um dia lavado pela tempestade da noite anterior. Diante dela, um altar uma cruz

vazia; não estava diante de um instrumento de tortura, com um homem ensangüentado à beira da morte - mas de um símbolo de ressurreição, onde o instrumento de suplicio perdia todo o seu significado, seu terror, sua importância. Ficou também contente porque não viu imagens de santos sofrendo, com marcas de sangue e feridas abertas - ali era apenas um lugar onde os homens se reuniam para adorar juntos um mistério.

Foi para diante do sacrário, onde estava guardado o corpo de um Jesus em que ela ainda acreditava, embora há muito tempo não pensasse nele. Ajoelhou-se e prometeu a Deus, à Virgem, a Jesus, e a todos os santos, que acontecesse o que acontecesse ~~nos próximos dois dias~~ *durante aquele dia*, ela jamais mudaria de idéia, e iria embora de qualquer maneira. Fez esta promessa porque conhecia bem as armadilhas do amor, e como são capazes de transformar a vontade de uma mulher.

Pouco depois ela sentiu a mão que a tocava no ombro, e inclinou seu rosto para que tocasse a mão.

- Como você está?

- Bem - disse, a voz sem qualquer angústia. - Muito bem. Vamos tomar o nosso café.

Saíram de mãos dadas, como se fossem dois namorados que haviam se encontrado depois de muito tempo. ~~As pessoas olhavam, escandalizadas, como é que aquele homem mais velho podia andar assim com uma moça que tinha idade para ser~~

273

Beijouam-se em publico, algumas pessoas chamam escandalizadas,  
sua filha? Ambos sorriam pelo mal-estar que estavam causando,  
e pelos desejos que despertavam com o escândalo - porque  
sabiam que, na verdade, eles queriam estar ~~no papel~~ *fazendo a mesma coisa.* daquele  
homem, e elas tinham medo que uma moça assim aparecesse da  
vida dos seus maridos. O escândalo era só isso.

Foram até um café igual a todos os outros, mas que  
naquela tarde era diferente, porque os dois estavam ali, e se  
amavam. Conversaram sobre Geneve, as dificuldades da língua  
~~alemã,~~ *francesa,* os vitrais da igreja, os males do cigarro - já que  
ambos fumavam, e não tinham a menor intenção de deixar o  
vício.

Ela fez questão de pagar o café, e ele aceitou.  
Foram a exposição, ela conheceu seu mundo, os artistas, os  
ricos que pareciam mais ricos ainda, os milionários que  
pareciam pobres, as pessoas que perguntavam coisas sobre as  
quais jamais tinha escutado falar. Ele disse que iria à boate  
aquela noite, encontra-la. Ela pediu que não fizesse isso,  
tinha a noite livre, gostaria de convidá-lo para jantar.

Ele aceitou, despediram-se, marcaram de encontrar-  
se na casa dele para jantar em um restaurante simpático na  
pequena praça de Cologny, onde sempre passavam de táxi, e ela  
jamais pedira que parassem para conhecer o lugar.

Então Maria lembrou-se da única amiga, e resolveu  
ir até a biblioteca para dizer que não voltaria mais.

Ficou presa no transito por um tempo que parecia uma eternidade, até que os curdos terminassem de se manifestar e os carros pudessem voltar a circular normalmente. Mas agora era de novo dona do seu tempo, isso não tinha importância.

*(de novo!)*

*chegou quando a biblioteca da escola fechando quase*

- Pode ser que eu esteja querendo ser íntima demais, mas não tenho nenhuma amiga a quem confiar certas coisas - disse a bibliotecária, assim que Maria entrou.

Aquela mulher não tinha amiga? Depois de viver sua vida inteira no mesmo lugar, encontrar várias pessoas durante o dia, será que não tinha ninguém com quem conversar? Enfim, descobria alguém como ela - ou melhor dizendo, alguém como todo mundo.

- Estive pensando no que li sobre o clitóris...

"Não! Será que não dá para ser outra coisa?"

- E vi que, embora tivesse sempre muito prazer em todas as relações com o meu marido, custei muito até ter um orgasmo durante a relação. Você acha isso normal?

- A senhora acha normal os curdos estarem se manifestando todos os dias? As mulheres apaixonadas fugirem do seu príncipe encantado? As pessoas sonharem com fazendas

ao invés de pensar em amor? Homens e mulheres vendendo seu tempo, sem poder compra-los de volta? E no entanto, tudo isso acontece, *ou arte ou disse de arte,* de modo que, não importa o que ~~aconteça~~, é sempre normal. Tudo aquilo que for contra a natureza, contra aos nossos desejos mais íntimos, tudo isso é normal aos nossos olhos, embora pareça uma aberração aos olhos de Deus. Procuramos nosso inferno, levamos milênios construindo-o, e depois de muito esforço, agora podemos viver da pior maneira possível.

Olhou a mulher a sua frente e, pela primeira vez em todo aquele tempo, perguntou seu primeiro nome (conhecia apenas seu nome de casada). Chamava-se Heidi, era casada há trinta anos, e jamais - jamais! - havia perguntado a si mesma se era normal não ter um orgasmo durante a relação sexual com o seu marido.

- Não sei se devia ter lido tudo isso! Talvez fosse melhor viver na ignorância, achando que um marido fiel, um apartamento com vista para o lago, três filhos, e um emprego público era tudo que uma mulher podia sonhar. Agora, desde que você chegou aqui, e desde que li o primeiro livro, ando muito preocupada com aquilo em que transformei minha vida. Será que todo mundo é assim?

- Posso lhe garantir que é - e Maria sentiu-se uma jovem sábia diante daquela mulher que lhe pedia conselhos.

- Gostaria que eu entrasse em detalhes?

Maria acenou positivamente com a cabeça.

- É claro que você ainda é muito jovem para compreender estas coisas, mas justamente por isso gostaria de compartilhar um pouco da minha vida, de modo que não cometa os mesmos erros que cometi.

"Mas o clitóris, por que será que meu marido nunca prestou atenção a isso? Achava que o orgasmo é na vagina, e me custava muito, mas muito mesmo, conseguir o que ele queria. Claro, eu tinha prazer, mas um prazer diferente. Apenas quando a fricção era na parte superior....você está entendendo?

- Estou entendendo.

- E agora descobri porque. Está ali - ela apontou para um livro na sua mesa, cujo título Maria não conseguia ver. - Existe um feixe de nervos que vai do clitóris ao ponto G, e que é predominante. Mas os homens pensam que não, que penetrar é tudo. Você sabe o que é ponto G?

- Conversamos sobre isso outro dia - disse Maria, desta vez como a Menina Ingênua. - Logo depois de entrar, primeiro andar, janela dos fundos.

- Claro, claro! - os olhos da bibliotecária se iluminaram. - Assim como o clitóris foi uma invenção do tal

*As perguntas que os homens se ouviam  
saber disso: quem ventura! Que absurdo!*

italiano, o ponto G é uma conquista do nosso século! Pode imaginar que momento revolucionário estamos vivendo?

Maria olhou para o relógio, e Heidi se deu conta que precisava falar rápido, ensinar aquela menina bonita a sua frente que as mulheres tinham todo direito de serem felizes, realizadas, de modo que uma próxima geração pudesse se beneficiar de todas estas conquistas científicas extraordinárias.

- Dr. Freud não estava de acordo porque não era mulher, e como tinha seu orgasmo no pênis, achava que éramos obrigadas a ter o prazer na vagina. Temos que voltar à origem, aquilo que sempre nos deu prazer: o clitóris e o ponto G! Muito poucas mulheres conseguem ter uma relação sexual satisfatória, de modo que, se você tiver dificuldades em conseguir a alegria que merece, vou lhe sugerir algo: inverta a posição. Deite o seu namorado, e fique sempre por cima; o seu clitóris vai bater com mais força no corpo dele, e você - não ele - estará conseguindo o estímulo que precisa. Melhor dizendo, o estímulo que merece!

Ela deu um sorriso conspirador.

- Eles não sabem, mas a gente também tem uma ereção! O clitóris fica ereto!

"Eles" deviam ser os homens. Maria tomou coragem, já que a conversa estava tão íntima.

277

Maria, entretanto, estava há pouco apenas trinta e cinco anos, e não prestava atenção na conversa.

mas, de nos dias em  
problemas sexual, todos os  
mulheres formam, sentir a  
mesmo coisa, e  
e suas herp na  
e as suprido  
que se ha  
apenas ciclo feminino.  
Hand mais  
da sua, e  
uma (falou) e  
dia e Heidi combinou:

- Você já teve alguém fora do casamento?.

A bibliotecária levou um choque. Os olhos emitiram uma espécie de fogo sagrado, e a pele ficou vermelha, não podia dizer se de raiva ou de vergonha. Depois de algum tempo, porém, a luta entre contar ou fingir terminou. Bastava mudar de assunto.

Ⓢ - Voltemos à nossa ereção: o clitóris! Ele fica rígido, você sabia?

- Desde criança.

Heidi parecia desapontada. Talvez não tivesse prestado muita atenção aquilo.

- E parece que, se você circular o dedo em torno, sem mesmo tocar sua ponta, o prazer pode surgir de maneira mais intensa ainda. Aprenda isso! Os homens que respeitam o corpo de uma mulher, vão logo tocando no topo do clitóris, sem saber que isso as vezes pode ser doloroso, você não concorda? Por isso, depois do primeiro ou segundo encontro, logo assuma o controle da situação: fique por cima, decida como e onde a pressão deve ser aplicada, aumente e diminua o ritmo ao seu critério. Além disso, uma conversa franca seja sempre necessária, segundo o livro que estou lendo.

- A senhora teve uma conversa franca com o seu marido?

Mais uma vez Heidi fugiu da pergunta direta, dizendo que eram outros tempos. Agora estava mais interessada em compartilhar suas experiências intelectuais.

- Procure ver seu clitóris como um ponteiro de relógio, e peça ao seu companheiro para move-lo entre 11 e 1 hora, está compreendendo?

Sim, sabia do que a mulher estava falando e não concordava muito, embora o livro tampouco estivesse longe da verdade total. Mas assim que ela falou em relógio, Maria olhou o seu, disse que tinha vindo apenas se despedir, pois seu estágio havia terminado. A mulher pareceu não escuta-la.

- Não quer levar este livro sobre o clitóris?
- Não, obrigado. Tenho que pensar em outras coisas.
- E não vai levar nada novo?
- Não. Estou voltando para o meu país, mas queria

agradecer por sempre ter me tratado com respeito e compreensão. Até qualquer dia.

Apertaram-se as mãos, e se desejaram mutuamente felicidade.

Heidi esperou que a moça saísse, antes de perder o controle e dar um soco na mesa. Por que não havia aproveitado

o momento para dividir algo que, do jeito que as coisas iam, terminaria morrendo com ela? Já que <sup>a MOÇA</sup> ~~Maria~~ tivera coragem de perguntar se algum dia traíra seu marido, por que não responder, agora que estava descobrindo um mundo novo, onde finalmente as mulheres aceitavam que era muito difícil um orgasmo vaginal?

"Bem, isso não é importante. O mundo não é apenas sexo."

Não era a coisa mais importante do mundo, mas era importante, sim. Olhou a sua volta; a grande parte daqueles milhares de livros que a cercavam contava uma história de amor. Sempre a mesma história - alguém que se apaixona, encontra, perde, e volta a encontrar de novo. Almas que se comunicam, lugares distantes, aventura, sofrimento, preocupações, e raramente alguém dizendo "olha, meu caro senhor, entenda melhor o corpo da mulher". Por que os livros não falavam abertamente disso?

Talvez ninguém estivesse realmente interessado. Porque, para o homem, ele continuaria a buscar a novidade - ainda era o troglodita caçador, que seguia o instinto de reprodutor da raça humana. E para a mulher? Por sua experiência pessoal, a vontade de ter um bom orgasmo com seu companheiro durava apenas os primeiros anos; depois a frequência diminuía, e nenhuma mulher falava disso, porque

achava que era apenas com ela, que seu marido não tinha mais interesse. E mentiam, fingindo que não agüentavam mais o desejo irrefreável do seu marido. E ao mentir, deixavam todas as outras preocupadas.

Logo se dedicava a pensar em algo diferente: filhos, cozinha, horários, manutenção da casa, contas a pagar, tolerância com as escapadas do marido, viagens nas férias onde ficavam mais preocupados com os filhos do que com eles mesmos, cumplicidade - ou até mesmo amor, mas nada de sexo.

Devia ter sido mais aberta com <sup>uma jovem brasileira,</sup> ~~Maria~~, que lhe parecia uma moça inocente, com idade de ser sua filha, e ainda incapaz de compreender o mundo direito. Uma emigrante, vivendo longe da sua terra, dando duro em um trabalho sem graça, esperando um homem com quem pudesse casar, fingir alguns orgasmos, encontrar a segurança, reproduzir esta misteriosa raça humana, e logo esquecer estas coisas chamadas orgasmo, clitóris, ponto G (descoberto apenas no século XX!!!). Ser uma boa esposa, uma boa mãe, cuidar para que nada faltasse em casa, masturbar-se escondido de vez em quando, pensando no homem que cruzara com ela na rua, e a olhara com desejo. Manter as aparências - por que será que o mundo estava tão preocupado com as aparências?

Por isso não respondera a pergunta ~~que a menina lhe fizera:~~



"Você já teve uma relação fora do casamento?"

Estas coisas morrem com a gente, pensou. Seu marido sempre fora o homem de sua vida, embora o sexo fosse coisa do passado remoto. Era um excelente companheiro, honesto, generoso, bem-humorado, lutava para sustentar a família, e procurava deixar felizes todos aqueles que estavam sob sua responsabilidade. O homem ideal, com que todas as mulheres sonham, e justamente por isso sentia-se tão mal em pensar que um dia desejara ~~estar~~ <sup>se estivesse -</sup> estar com outro homem.

Lembrava-se de como o havia encontrado. Estava ~~voltando de~~ <sup>(cidade de Davos,</sup> Davos, <sup>nas montanhas,</sup> quando uma avalanche de neve interrompeu por algumas horas a circulação dos trens. Telefonou, pediu que ninguém ficasse preocupado, comprou algumas revistas e preparou-se para uma longa espera na estação.

Foi quando ~~notou~~ <sup>viu</sup> um homem ao seu lado, com uma mochila e um saco de dormir. Tinha os cabelos grisalhos, a pele queimada de sol, ~~e~~ era o único que parecia não estar preocupado com o atraso; muito pelo contrário, sorria e olhava em volta, esperando alguém para conversar. Heidi abriu uma das revistas mas - ah vida misteriosa! - seus olhos

cruzaram rapidamente com os dele, e não conseguiu desviar rápido o bastante para evitar que se aproximasse.

Antes que ela pudesse - educadamente - dizer que realmente precisava terminar um artigo importante, ele começou a falar. Disse que era um escritor, estava voltando de um encontro na cidade, e que o atraso dos trens faria com que perdesse o voo de volta para o seu país. Quando chegassem a Geneve, podia ajuda-lo a encontrar um hotel?

Heidi o olhava: como é que alguém podia estar tão bem humorado depois de perder um voo, ~~ou de~~ ter que ficar esperando numa desconfortável estação de trem até que as coisas se resolvessem?

Mas o homem começou a falar, como se fossem velhos amigos. Contou sobre suas viagens, sobre o mistério da ~~escrita~~ *criação literária,* e, para seu espanto e horror, sobre todas as mulheres que havia amado e encontrado ao longo de sua vida.

Heidi apenas fazia que "sim" com a cabeça, e ele continuava, *vez por outra, pedia desculpas por estar falando mundo, e a* ~~de vez em quando lhe parecia que contava~~ *instigava a contar* um pouco de si mesma, mas tudo que ela tinha para dizer era "sou uma pessoa comum, sem nada de extraordinário."

De repente, ela viu-se torcendo para que o trem não chegasse nunca, aquela conversa era muito interessante, estava descobrindo coisas que ~~não faziam parte do seu mundo.~~ *não sabia que existiam fora*

*dos romances de ficção. E como jamais imaginava a ver-lo, tomou coragem (mas tarde nos atrevia a falar como eu porque) e* →

~~Como sabia que jamais tornaria a encontra-lo~~, começou a perguntar sobre temas que lhe interessavam. Era uma época difícil em seu casamento, o marido reclamava sobre a falta de ~~atenção~~, *muito sua presença* e Heidi quis saber o que podia deixa-lo feliz. O homem deu algumas explicações interessantes, contou uma história, mas não parecia muito ~~feliz~~ *contente* em ter que falar do marido.

"Você é uma mulher muito interessante", disse, usando uma frase que fazia muitos anos ela não escutava.

Heidi não soube como reagir, ~~mas~~ ele percebeu seu embaraço, e logo começou a falar sobre desertos, montanhas, cidades perdidas, e mulheres cobertas com véu, ou de cintura desnuda, guerreiros, piratas e sábios.

O trem chegou. Sentaram-se lado a lado, e agora ela já não era mais a mulher casada, com um chalé em frente ao lago três filhos para criar, mas uma aventureira, que estava chegando a Geneve pela primeira vez. Olhava as montanhas, o rio, e sentia-se contente de estar ao lado de um homem que a ~~desejava~~, *quisia levar para a cama (porque os homens só pensam nisso)* e que estava fazendo o possível para impressiona-la. Pensou em quantos outros homens tinham sentido a mesma coisa, e jamais dera qualquer oportunidade - mas aquela manhã o mundo havia mudado, era uma adolescente de 38 anos, ~~que~~ *assistia* deslumbrada as tentativas de seduzi-la.

No outono prematuro da sua vida, quando pensava que já tinha tudo que podia esperar, aparecia aquele homem na estação de trem e entrava sem pedir licença, ~~apenas para mostra-la que certos sentimentos - como a paixão - não envelhecem junto com o corpo, por mais esforço que se faça para acreditar nisso.~~

→ Desembarcaram em Geneve, ela arranhou-lhe um hotel (modesto, ele insistira, porque devia partir naquela manhã ~~dia~~, e não estava prevenido para um dia a mais na caríssima Suíça), pediu que ~~lhe~~ fosse até o quarto com ele, para ver se estava tudo em ordem. Heidi sabia o que lhe esperava, e mesmo assim aceitou a proposta. Fecharam a porta, beijaram-se com violência e desejo, ele arrancou suas roupas, e - meu Deus! - conhecia o corpo de uma mulher, porque conhecera o sofrimento ou a frustração de muitas.

Fizeram amor a tarde inteira, e só quando a noite começou a chegar foi que o encanto se dissipou, e ela falou a frase que jamais gostaria de ter pronunciado:

"Preciso voltar, meu marido está me esperando."

Ele acendeu um cigarro, ficaram em silencio por alguns minutos, e nenhum dos dois disse "adeus". Heidi levantou-se e saiu sem olhar para trás, sabendo que, ~~não importa o que dissessem, ela era importante para ele, e ele era importante para ela.~~ *nenhuma palavra favia sentido.* Nunca mais se tornariam a ver, mas,

no outono de sua desesperança, tinha voltado a ser uma mulher.

"Que pena que não contei isso para a menina", disse para si mesma. "De qualquer maneira, ela não entenderia nada, ainda vive num mundo onde as pessoas são fiéis e as juras de amor duram para sempre."

— ABRIR PAG —

Do diário de Maria, ~~hoje~~ *hoje*

Não sei o que ele deve ter pensado quando abriu a porta, naquela noite, e me viu com duas malas.

- Não se assuste - comentei logo.

- Não estou me mudando para cá. *Vamos jantar.*

Ajudou-me, sem qualquer comentário, a colocar minha bagagem para dentro. Em seguida, antes de dizer "o que é isso" ou "que alegria você aparecer", simplesmente me agarrou, e começou a beijar-me, tocar meu corpo, meus seios, meu sexo, como se tivesse esperado por tanto

tempo, e agora pressentisse que talvez o momento não chegasse nunca.

Tirou meu casaco, meu vestido, deixou-me nua, e foi ali no hall de entrada, sem qualquer ritual ou preparação, sem mesmo tempo para dizer o que seria bom ou ruim, com o vento frio entrando por debaixo da fresta da porta, que fizemos amor pela primeira vez. Eu pensei que talvez devia lhe dizer que parasse, que fôssemos para um lugar mais confortável, que tivéssemos tempo de explorar o imenso mundo de nossa sensualidade, mas ao mesmo tempo eu o queria dentro de mim, porque era o homem que eu nunca possuiria, e nunca mais iria possuir. Por isso eu podia ama-lo com toda a minha <sup>energia,</sup> ~~força,~~ ter pelo menos, por uma noite, aquilo que jamais tivera antes, e que possivelmente nunca teria depois, ~~a~~ ~~liberdade de não desejar possuí.~~

Deitou-me no chão, entrou dentro de mim antes que eu estivesse completamente molhada, mas não a dor não me incomodou - ao contrário, eu gostei que fosse assim,

porque devia entender que eu era sua, e não precisava pedir licença. Não estava ali para ensinar mais nada, ou para mostrar como minha sensibilidade era melhor ou mais intensa que das outras mulheres, apenas para dizer-lhe que sim, que era bem-vindo, que eu também estava esperando por isso, que me alegrava muito seu total desrespeito as regras que havíamos criado entre nós, e *afra* ~~deixando~~ <sup>exigir</sup> apenas que, nossos instintos, macho e fêmea, nos guiassem. Estávamos na posição mais convencional possível - eu embaixo, de pernas abertas, e ele em cima, entrando e saindo, enquanto eu o olhava, sem vontade de fingir, de gemer, de nada - apenas querendo manter os olhos abertos, e procurar lembrar cada segundo, ver seu rosto se transformando, suas mãos que agarravam meus cabelos, sua boca que me mordida, me beijava. Nada de preliminares, de carícias, de preparações, de sofisticações, apenas ele dentro de mim, e eu em sua alma.

Entrava e saia, aumentava e diminuía o ritmo, parava as vezes para me olhar também, mas não perguntava se eu estava gostando, porque sabia que esta era a única maneira de nossas almas se comunicarem naquele momento. O ritmo aumentou, e eu sabia que os onze minutos estavam chegando ao fim, queria que continuasse para sempre, porque era tão bom - ah meu Deus, como era bom - ser possuída e não possuir! Tudo de olhos bem abertos, e eu notei quando já não enxergávamos mais direito, parecíamos ir para uma outra dimensão onde eu era a grande mãe, o universo, a mulher amada, a prostituta sagrada dos antigos rituais que ele havia me explicado com um copo de vinho e uma lareira acesa. Vi seu orgasmo chegando, e seus braços seguraram os meus com força, os movimentos aumentaram de intensidade, e foi então que ele gritou - não gemeu, não mordeu os dentes, mas gritou de prazer. No fundo da minha cabeça passou rápido o pensamento de que a vizinhança talvez

chamasse a polícia, mas isso não tinha importância, e eu senti um imenso prazer, porque era assim deste o início dos tempos, quando o primeiro homem encontrou a primeira mulher e fizeram amor pela primeira vez: eles gritaram.

Depois seu corpo desabou sobre mim, e não sei quanto tempo ficamos abraçados um ao outro, eu acariciei seus cabelos como só havia feito na noite em que nos trancamos no escuro do hotel, vi seu coração disparado ir aos poucos voltando ao normal, suas mãos começaram delicadamente a passear pelos meus braços, e aquilo fez com que todos os pelos de meu corpo ficassem arrepiados.

Deve ter pensado em algo prático - como o peso de seu corpo em cima do meu - porque rolou para o lado, segurou minhas mãos, e ficamos os dois olhando o teto e o lustre de três lâmpadas acesas.

- Boa noite - eu lhe disse.

Ele me puxou, e fez com que apoiasse a cabeça no seu peito. Ficou me

acariciando por um longo tempo, antes de também dizer "boa noite".

- A vizinhança deve ter escutado tudo - comentei, sem saber como íamos continuar, porque dizer "eu te amo" naquele momento não fazia muito sentido, ele já sabia, e eu também.

- Está entrando uma corrente de ar frio por debaixo da porta - ~~ele~~ *foi sua resposta* ~~respondeu~~, quando também gostaria de ter dito "que maravilha"

- Vamos para a cozinha.

Nos levantamos, e vi que ele nem sequer havia tirado a calça, estava vestido como quando o encontrei, apenas com o sexo do lado de fora. Coloquei meu casaco sobre o corpo nu. Fomos para a cozinha, ele preparou um café, fumou dois cigarros, eu fumei um. Sentados na mesa, ele dizia "obrigado" com os olhos, eu respondia "também quero agradecer", mas nossas bocas se mantinham fechadas.

Finalmente ele tomou coragem e perguntou pelas malas.

- Estou voltando para o Brasil  
amanhã, ao meio-dia .

Uma mulher entende quando um  
homem é importante para ela. Será que eles  
também são capazes deste tipo de  
compreensão? <sup>OU</sup> ~~Eu~~ eu teria que dizer "te  
amo", "gostaria de continuar aqui com  
você", "peça-me para ficar".

- Não vá - sim, ele havia  
compreendido que podia me dizer isso.

- Vou. Fiz uma promessa.

Porque, se não tivesse feito,  
talvez acreditasse que aquilo tudo ali era  
para sempre. E não era, era parte de um  
sonho de uma moça do interior de um país  
distante, que vai para a cidade grande (não  
tão grande assim, para falar a verdade),  
passa por mil dificuldades, mas encontra o  
homem que a ama. Então, este era o final  
feliz para todos os momentos difíceis que  
passei, e sempre que eu me lembrasse de  
minha vida da Europa, terminaria com a  
historia de um homem apaixonado por mim,

que seria sempre meu, já que eu visitara sua alma.

Ah, Ralf, você não sabe o quanto te amo. Penso que talvez a gente se apaixone sempre no momento em que olha o homem de nossos sonhos pela primeira vez, embora a razão naquele momento diga que estamos errados, e passemos a lutar - sem vontade de vencer - contra este instinto. Até que chega o momento em que nos deixamos vencer pela emoção, e isso aconteceu naquela noite, quando eu caminhei descalça pelo parque, sofrendo dor e frio, mas entendendo o quanto você me queria.

Sim, eu te amo muito, como nunca amei outro homem, e justamente por isso vou embora, porque se ficasse o sonho se transformaria em realidade, vontade de possuir, de desejar que sua vida seja minha...enfim, de todas estas coisas que terminam transformando o amor em escravidão. Melhor assim: o sonho. Temos que ser cuidadosos com aquilo que levamos de um país - ou da vida.

- Você não teve um orgasmo -  
disse ele, tentando mudar de assunto, ser  
cuidadoso, não forçar uma situação. Estava  
com medo de me perder, e pensava que ainda  
tinha a noite inteira para me fazer mudar  
de opinião.

- Não tive orgasmo, mas tive um  
imenso prazer.

- Mas seria melhor, se tivesse um  
orgasmo.

- Eu podia ter fingido, apenas  
para lhe deixar contente, mas você não  
merece. Você é um homem, Ralf Hart, em tudo  
o que esta palavra pode ter de belo e  
intenso. Soube me apoiar e me ajudar,  
aceitou que eu lhe apoiasse e lhe ajudasse,  
sem que isso significasse humilhação. Sim,  
eu gostaria de ter tido um orgasmo, mas não  
tive. Entretanto, adorei o chão frio, o seu  
corpo quente, a violência consentida com  
que entrou em mim.

"Hoje eu fui devolver os livros  
que ainda tinha comigo, e a bibliotecária  
perguntou se eu conversava com meu parceiro

a respeito de sexo. Fiquei com vontade de dizer: qual parceiro? Qual tipo de sexo? Mas ela não merecia, foi sempre um anjo comigo.

" Na verdade, eu tive apenas dois parceiros desde que cheguei em Geneve: um que despertou o pior de mim mesma, porque eu permiti - e até mesmo implorei. O outro, você, que me fez sentir de novo parte do mundo. Eu gostaria de poder ensina-lo onde tocar meu corpo, qual a intensidade, por quanto tempo, e sei que entenderia isso não como uma recriminação, mas como uma possibilidade de que nossas almas se ~~encontrem~~ COMUNICAMOS melhor. A arte do amor é como a sua pintura, requer técnica, paciência, e sobretudo prática entre o casal. Requer ousadia, ~~também~~, é preciso ~~o~~ ir além daquilo que as pessoas convencionaram de chamar "fazer amor."

Pronto. A professora tinha voltado, e eu não queria aquilo, mas Ralf soube dar um jeito na situação. Ao invés de

aceitar o que eu dizia, acendeu seu terceiro cigarr ~~o~~em menos de meia-hora:

- Em primeiro lugar, você hoje vai passar a noite aqui.

Não era um pedido, era uma ordem.

- Em segundo lugar, ~~para poder levar seu corpo a um outro mundo, eu precisava conhece-lo melhor. Já o conheço,~~ e faremos amor de novo, com menos ansiedade, e mais desejo.

"Finalmente, eu gostaria que você também entendesse melhor os homens."

Entender melhor os homens? Eu passava todas as noites com eles, brancos, negros, asiáticos, judeus, muçulmanos, budistas. Ralf não sabia disso?

Senti-me mais leve; que bom que a conversa caminhava para uma discussão. Em determinado momento eu chegara a pensar em pedir perdão a Deus, e romper com minha promessa. Mas ali estava a realidade de volta, para me dizer que não esquecesse de conservar meu sonho intacto, e não me

deixasse cair nas armadilhas ~~que~~ o destino nos ~~prega~~.

- Sim, entender melhor os homens
- repetiu Ralf, ao ver o meu ar de ironia.
- Você fala em expressar sua sexualidade feminina, em me ajudar a navegar por seu corpo, a ter paciência, tempo. Estou de acordo, mas já lhe ocorreu que nós somos diferentes, pelo menos em matéria de tempo? Por que você não reclama com Deus?

"Quando nos encontramos, eu pedi que me ensinasse sobre sexo, porque meu desejo havia desaparecido. Sabe por que? Porque depois de certos anos de vida, toda e qualquer relação sexual minha terminava em tédio ou frustração, já que eu entendera que era muito difícil dar às mulheres que amei o mesmo prazer que elas me davam."

Eu não gostei do "as mulheres que amei", mas fingi indiferença, embora desta vez acendendo um cigarro.

- Eu não tinha coragem de pedir: me ensine seu corpo. Mas quando a encontrei, vi sua luz, e a amei

imediatamente, pensei que a esta altura da vida, já não tinha mais nada a perder em ser honesto comigo - e com a mulher que queria ter ao meu lado.

Meu cigarro ficou delicioso, e eu gostaria muito que ele me oferecesse um pouco de vinho, mas não queria deixar o assunto morrer.

- Por que os homens, ao invés de fazerem isso que você fez comigo, descobrir como me sinto, só ficam pensando em sexo?

- Quem disse que só pensamos em sexo? Ao contrário: Passamos anos de nossas vidas tentando nos fazer acreditar que o sexo é importante para nós. Aprendemos o amor com prostitutas ou com virgens, contamos nossos casos a todos que queiram escutar, desfilamos com amantes jovens quando já estamos mais velhos, tudo para mostrar aos outros que sim, somos aquilo que as mulheres esperávamos que fossemos.

"Mas quer saber de uma coisa?  
Não é nada disso. Não entendemos nada.  
Achamos que sexo e ejaculação são a mesma

coisa, e como você acabou de dizer, não são. Não aprendemos, porque não temos coragem de dizer à mulher: ensine-me a ~~navegar~~ por seu corpo. Não aprendemos porque a mulher tampouco tem coragem de dizer: aprenda como sou. Ficamos no primitivo instinto de sobrevivência da espécie, e isso é tudo. Por mais absurdo que pareça, sabe o que é mais importante <sup>do</sup> que sexo para um homem?

Eu pensei que talvez fosse dinheiro ou poder, mas não disse nada.

- Esporte. E sabe por que? Porque um homem entende o corpo de outro homem. Ali, no esporte, a gente está vendo o dialogo de corpos que se entendem.

- Você está louco.

- Pode ser. Mas faz sentido. Você já parou para ver o que os homens com que estive na cama sentiam?

- Sim, parei: todos estavam inseguros. Sentiam medo.

-- Pior que medo. Eram vulneráveis. Não entendiam direito que

estavam fazendo, apenas sabiam que tinham que a sociedade, os amigos, as próprias mulheres diziam que era importante. "Sexo, sexo, sexo", essa é a base da vida, grita a propaganda, as pessoas, os filmes, os livros. Ninguém sabe do que está falando. Sabem ~~apenas~~ - já que o instinto é mais forte que todos nós - que aquilo tem que ser feito. Pronto.

Eu o puxei até mim porque - independente do que ele tinha para dizer, ou do que eu pensasse a respeito de mim mesma - a vida já me ensinara muita coisa. No inicio dos tempos, tudo era amor, era entrega. Mas logo em seguida, a serpente aparece para Eva e diz: o que você entregou, você irá perder. Assim foi comigo - fui expulsa do paraíso ainda na escola, e desde então procurei uma maneira de dizer à serpente que ela estava errada, que viver era mais importante do que guardar para si.

Mas a serpente estava certa, e eu estava errada.

Me ajoelhei, tirei aos poucos suas roupas, e vi que seu sexo estava ali, dormente, sem reagir. Ele parecia não se incomodar com isso, e eu ~~comecei a beijar~~ <sup>beijei</sup> a parte interior de suas pernas, começando dos pés. O sexo começou a reagir lentamente, ~~e~~ eu o toquei, depois o coloquei em minha boca, e - sem pressa, sem que ele interpretasse isso como "vamos, prepare-se para agir!" - beijei-o com o carinho de quem não espera nada, e justamente por isso, consegui tudo. Vi que ficava excitado, e começou a tocar o bico de meus seios, como naquela noite de total excitação, girando-os, me deixando com vontade de tê-lo de novo entre minhas pernas, ou em minha boca, ou como desejasse ou quisesse me possuir.

Ele não retirou meu casaco; fez com que eu me inclinasse de bruços sobre a mesa, com as pernas ainda apoiadas no chão. Penetrou-me lentamente, desta vez sem ansiedade, sem medo de me perder - porque

no fundo também ele já tinha entendido que aquilo era um sonho, e ia permanecer para sempre como um sonho, jamais como realidade.

Ao mesmo tempo em que sentia seu sexo dentro de mim, sentia também sua mão ~~me tocando~~ nos seios, as nádegas, e tocando-me como só uma mulher sabe fazer. Então entendi que éramos feitos um para o outro, porque ele conseguia ser mulher como agora, e eu conseguia ser homem como quando conversamos ou nos iniciamos mutuamente no encontro das duas almas perdidas, dos dois fragmentos que faltavam para completar o universo.

A medida que ele me penetrava e me tocava ao mesmo tempo, senti que não estava fazendo isso apenas a mim, mas a todo o universo. Tínhamos tempo, ternura, e conhecimento um do outro. Sim, tinha sido ótimo chegar com duas malas, o desejo de partir, ser imediatamente jogada no chão e penetrada com violência e medo; mas também era bom saber que a noite não acabaria

nunca, e agora ali, na mesa da cozinha, o orgasmo não era o fim em si, mas início deste encontro. Seu sexo ficou imóvel dentro de mim, enquanto <sup>Seus dedos</sup> ~~sua mão~~ se movia rapidamente, e eu tive o primeiro, depois o segundo, e o terceiro orgasmo seguidos. Tinha vontade de empurra-lo, a dor do prazer é tão grande que machuca, mas agüentei firme, aceitei que era assim, que eu podia agüentar mais um orgasmo, ou mais dois, ou mais....

....e de repente, uma espécie de luz explodiu dentro de mim. Não era mais eu mesma, mas um ser infinitamente superior a tudo que eu conhecia. Quando sua mão me levou ao quarto orgasmo, o eu entrei em um lugar onde tudo parecia em paz, e no meu quinto orgasmo conheci Deus. Então senti que ele recomeçava a mexer o seu sexo dentro do meu, embora sua mão não tivesse parado, e disse "meu Deus", me entreguei a qualquer coisa, fosse o inferno ou o paraíso.

Mas era o paraíso. Eu era a terra, as montanhas, os tigres, os rios que corriam até os lagos, os lagos que se transformavam em mar. Ele se movia cada vez mais rapidamente, e a dor se misturava com prazer, eu podia dizer "não agüento mais", mas não seria justo - porque a esta altura, eu e ele éramos a mesma pessoa.

Deixei que me penetrasse pelo tempo que fosse necessário, suas ~~mãos~~ <sup>unhas</sup> agora ~~asfaltavam~~ <sup>asfaltavam</sup> cravadas em ~~agarravam~~ minhas nádegas, e eu ali de bruços, na mesa da cozinha, pensando que não existia melhor lugar no mundo para fazer amor. De novo o barulho da mesa, a respiração cada vez mais rápida, ~~as mãos~~ <sup>as unhas</sup> ~~que cravavam suas unhas~~ <sup>machucando, minha ~~carne~~</sup>, e o meu sexo batendo com força no sexo dele, carne com carne, osso com osso, eu ia de novo para um orgasmo, ele ia também, e nada disso - nada disso era MENTIRA!

- Vamos!

Ele sabia o que estava falando, e eu sabia que era o momento, senti que meu corpo todo se afrouxava, eu deixava de ser

eu mesma - já não escutava, via, provava o gosto de nada - apenas sentia.

- Vamos!

E eu fui, junto com ele. Não foram onze minutos, mas uma eternidade, era como se os dois saíssemos do corpo e caminhássemos, em profunda alegria, compreensão e amizade, pelos jardins do paraíso. Eu era mulher e homem, ele era homem e mulher. Não sei quanto tempo durou, mas tudo parecia estar em silêncio, em oração, como se o universo e a vida deixassem de existir, e se transformassem em algo sagrado, sem nome, sem tempo.

Mas logo o tempo voltou, eu escutei seus gritos e gritei com ele, os pés da mesa batiam com força no chão, e a nenhum de nos dois ocorreu perguntar ou saber o que o resto do mundo estava pensando.

E ele saiu de mim sem nenhum aviso, e ria, senti meu sexo se contrair, me virei para ele e ria também, nos

abraçamos como se fosse a primeira vez que tivéssemos feito amor em nossas vidas.

- Abençoe-me - pediu.

Eu o abençoei, sem saber o que estava fazendo. Pedi que fizesse o mesmo, e ele fez, dizendo "abençoada seja esta mulher, que muito amou". Suas palavras eram lindas, tornamos a nos abraçar e ali ficamos, sem entender como onze minutos podem levar um homem e uma mulher a ~~conhecer a eternidade.~~ tudo isso.

Nenhum dos dois estava cansado. Fomos até a sala, ele colocou um disco, e fez exatamente o que eu estava esperando: acendeu a lareira, e serviu-me vinho. Em seguida abriu um livro, e leu:

- A Bíblia - disse.

E leu:

"Tempo de nascer, tempo de morrer  
tempo de plantar, tempo de arrancar a planta  
tempo de matar, tempo de curar  
tempo de destruir, tempo de construir  
tempo de chorar, tempo de rir  
tempo de gemer, tempo de bailar

tempo de atirar pedras, tempo de recolher pedras  
tempo de abraçar, tempo de separar  
tempo de buscar, tempo de perder  
tempo de guardar, tempo de jogar fora  
tempo de rasgar, tempo de costurar  
tempo de calar, tempo de falar  
tempo de amar, tempo de odiar  
tempo de guerra, tempo de paz. "

Aquilo soava como uma despedida.  
Mas era a mais linda de todas que eu podia  
experimentar em minha vida.

Eu o abracei, ele me abraçou,  
deitamos no tapete ao lado da lareira. A  
sensação de plenitude ainda continuava,  
como se eu sempre tivesse sido uma mulher  
sábia, feliz, realizada na vida.

- Como é que você pode se  
apaixonar por uma prostituta?

- Na época, não entendi. Mas  
hoje, pensando um pouco, eu acredito que  
ao saber que jamais seu corpo seria apenas  
meu, eu podia me concentrar em conquistar  
sua alma.



sonho que insiste em transformar-se em realidade e perder seu encanto, do homem perfeito, do amor onde corpo e alma eram a mesma coisa, e prazer e orgasmo eram coisas diferentes.

Podia ficar; Não tinha nada mais a perder na vida, apenas mais uma ilusão. Lembrou-se do poema: *tempo de chorar, tempo de rir.*

Mas havia outra frase: *tempo de abraçar, tempo de separar.* Preparou o café, fechou a porta da cozinha, telefonou e chamou um táxi. Reuniu toda sua força de vontade, que a levara tão longe, que <sup>ele já ia ser "luz"</sup> ~~tinha~~ "luz", que lhe dissera a hora exata de partir, que a protegia, que a faria guardar para sempre a lembrança daquela noite. Vestiu-se, pegou suas malas e saiu, torcendo para que ele acordasse antes e ~~a~~ pedisse para ficar.

Mas ele não acordou. Enquanto esperava o táxi, do lado de fora, uma cigana passou, com um buquê de flores.

- Quer comprar uma?

Maria comprou; Era o sinal de que o outono havia chegado, o verão estava para trás. Geneve já não teria, por muito tempo, as mesas nas calçadas e os parques cheio de gente passeando e banhando-se de sol. Não fazia mal; estava indo embora porque essa era a sua escolha, e não havia do que se lamentar.

~~##~~

Chegou no aeroporto, tomou outro café, ficou quatro horas esperando o voo para Paris, sempre pensando que ele iria entrar a qualquer momento, já que, em algum momento antes de dormir, dissera a hora de sua partida. Assim era nos filmes: no momento final, quando a mulher está quase entrando no avião, o homem aparece desesperado, a agarra, dá-lhe um beijo, e a traz de volta para o seu mundo, sob o olhar risonho e complacente dos funcionários da companhia aérea.

Entra o letreiro "fim", e todos os espectadores sabem que, a partir dali, viverão felizes para sempre

"Os filmes nunca contam o que acontece depois", dizia para si mesma, tentando se consolar. Casamento, cozinha, filhos, um sexo cada vez mais inconstante, a descoberta do primeiro bilhete da amante, decidir, fazer um escândalo, escutar promessas de que não faria isso de novo, o segundo bilhete de uma outra amante, outro escândalo e a ameaça de separar, desta vez o homem não reage com tanta segurança, apenas diz que a ama. O terceiro bilhete, da terceira amante, e então a escolha de ficar calada, fingindo que não sabe, porque pode ser que ele diga que não a ama mais, que é livre para partir.

Não, os filmes não contam isso. A palavra "fim" entra antes ~~que o verdadeiro mundo comece~~. Melhor não ficar pensando nisso.

Leu uma, duas, três revistas. Finalmente chamaram seu voo, depois de quase ~~quatro horas esperando~~, e embarcou. *uma eternidade — naquele saguão de aeroporto,*

Ainda imaginou a famosa cena de, assim que aperta os cintos, sentir a mão no seu ombro, olhar para trás, e ali está ele, sorrindo.

E nada aconteceu.

Dormiu durante o curto trecho que separava Geneve de Paris. Não teve tempo de pensar o que diria em casa, qual a história que contaria — mas com toda certeza seus pais ficariam contentes, sabendo que tinha uma filha de volta, uma fazenda adiante, e uma velhice confortável.

Acordou com a sacudida da aterrissagem. O avião taxiou por muito tempo, a aeromoça veio dizer que precisava trocar de terminal, ~~já que~~ o voo para o Brasil saía de outro lugar do aeroporto. Mas que não se preocupasse, não havia atrasos, ainda tinha muito tempo, e se tivesse alguma dúvida o pessoal de terra poderia ajuda-la a encontrar seu caminho.

Enquanto o aparelho se aproximava do local do desembarque, pensou se valia a pena passar um dia naquela cidade, apenas para tirar umas fotos, e contar aos outros que conhecera Paris. Precisava de tempo para pensar, estar sozinha consigo mesma, esconder bem fundo as lembranças da noite anterior, de modo que pudesse usa-las sempre que precisasse se sentir viva. Sim, Paris era uma excelente

idéia; perguntou à aeromoça quando sairia o próximo voo para o Brasil, se resolvesse não embarcar naquele dia.

A aeromoça pediu seu bilhete, lamentou muito, mas era uma tarifa que não permitia este tipo de escalas. Maria consolou a si mesma, pensando que que ver uma cidade tão linda sozinha, iria deixá-la depressiva. Estava conseguindo manter seu sangue-frio, sua força de vontade, não ia estragar tudo com uma bela paisagem e as saudades de alguém.

Desembarcou, passou pelos controles de polícia, sua bagagem iria diretamente para o outro avião, não havia o que se preocupar. As portas se abriram, os passageiros saíam e se abraçavam com alguém que os esperava, a mulher, a mãe, os filhos. Maria fingiu que nada daquilo era com ela, ao mesmo tempo que pensava de novo em sua solidão; só que desta vez tinha um segredo, um sonho, não era tão amarga, e a vida seria mais fácil.

- Gostaria de ver a Torre Eiffel?

Não era um guia turístico. Não era um motorista de táxi. Suas pernas tremeram quando escutou a voz.

- Gostaria de ver a Torre Eiffel?

Gostaria, sim. *Gostaria muito. É só isso eu quero* Raff tinha um buquê de rosas, e os olhos cheios de luz, a luz que ela vira no primeiro dia, quando a pintava enquanto o vento frio fazia com que se sentisse incomodada por estar ali.

- Como você chegou ~~aqui~~ <sup>antes de mim</sup>? - quis disfarçar sua surpresa. <sup>perfundou apenas para a resposta, não tinha o menor conteúdo, mas ela precisava de tempo para respirar</sup>

- Vi você lendo uma revista. Tomei a primeira ponte-aerea para Paris, tive tempo de passear um pouco pelo aeroporto, esperar três horas, consultar um sem numero de vezes os horários dos vôos, comprar suas flores, e imaginar sua cara de surpresa. E ter certeza que isso é o que você queria, que me esperava, que toda a determinação e vontade do mundo não bastam para impedir que o amor mude as regras do jogo de uma hora para a outra. Não custa nada ser romântico como nos filmes, você não acha?

Não sabia se custava ou não, mas o preço agora era o que menos lhe importava - mesmo sabendo que acabara de conhecer aquele homem, tinham feito amor pela primeira vez há poucas horas, fora apresentada aos seus amigos na véspera, sabia que ele já havia freqüentado a boate onde trabalhava, e que fora casado ~~quatro~~ <sup>dois</sup> vezes. Não eram credenciais impecáveis. Por outro lado, ela tinha dinheiro para comprar uma fazenda, a juventude pela frente, uma grande experiência de vida, uma grande independência de alma. Mesmo assim, como sempre o destino escolhia por ela, achou que mais uma vez podia correr o risco.

Deu-lh um beijo, sem nenhuma curiosidade de saber o que se passa depois que escrevem "fim" na tela do cinema.

Apenas, se algum dia alguém decidisse contar sua história, ia pedir que começasse como em todos os contos de fadas, onde se diz:

*Era uma vez...*

### Nota final

Na década de 70, o escritor Irving Wallace escreveu um livro sobre a censura americana, usando para isso as manobras jurídicas que envolviam a proibição de um texto sobre sexo: "Os sete minutos."

Entretanto, no romance de Wallace ~~(também chamado de "Os sete minutos")~~ o livro que é motivo da discussão sobre a censura é apenas insinuado, e o tema da sexualidade raramente aparece. Fiquei imaginando o que conteria o tal livro proibido, e ~~sonhei com um dia poder escreve-lo,~~ *o problema local era que ninguém fez um livro que abordado esse o devido respeito*  
Acontece que, durante o seu romance, Wallace dá muitas referencias sobre o tal livro inexistente, e isso terminou por limitar - e impossibilitar - a tarefa que eu havia imaginado. Ficou apenas a lembrança do título (onde acho que Wallace foi muito conservador com relação ao tempo, e resolvi amplia-lo) e a idéia de que era importante abordar a sexualidade de uma maneira séria *(o que, aliás, já foi feito por muitos escritores)*

Em 1997, logo após terminar uma conferencia em Mantova (Itália), encontrei no hotel onde estava hospedado um manuscrito que haviam deixado na portaria. Não leio

manuscritos, mas li aquele - a história real de uma prostituta brasileira, seus casamentos, suas dificuldades com a lei, suas aventuras. Em 2000, passando por Zurich, contactei a tal prostituta - cujo nome de guerra é Sonia - e disse que tinha gostado do seu texto. Recomendei que enviasse à minha editora brasileira, que decidiu não publica-lo. Sonia, que entao tinha fixado residência na Itália, pegou um trem e foi me encontrar em Zurich. Convidou-nos - a mim, um amigo e uma repórter do jornal *Blick* que acabara de me entrevistar - para ir até Langstrasse, a zona de prostituição local. Eu não sabia que já havia prevenido suas colegas a respeito da nossa visita, e para minha surpresa, terminei dando vários autógrafos em livros meus, em diversas línguas.

Conversando com um jornalista da revista *L'Illustrée* (Suíça), contei a história *do que aconteceu em Zurich e Langstrasse*, e ele publicou uma grande reportagem a respeito. O resultado foi que, durante uma tarde de autógrafos em Geneve, várias prostitutas apareceram com seus livros. A esta altura, eu já estava decidido a escrever sobre sexo, mas ainda não tinha nem o roteiro, nem o personagem principal. Pensava em algo muito mais dirigido para a busca convencional do sagrado, até que uma tarde, passeando pela cidade, conclui: no caso de sexo, para se escrever sobre o sagrado, é necessário ir ao que existe de mais profano.

Naquele momento, nascia o fio condutor de "Onze minutos."

Quero agradecer a Anna Von Planta, minha editora suíça, que me ajudou com dados importantes. Às seguintes mulheres em Zurich (nomes de guerra): Sonia (quem sabe alguém um dia se interesse pelo seu livro!), Martha, Antenora, Isabella. Em Geneve (também nomes de guerra): Amy, Lucia, Andrei, Vanessa, Patrick, Therése, Anna Christina.

Agradeço também a Antonella Zara, que me permitiu usar trechos de seu livro "A Ciência da Paixão", para ilustrar algumas partes do diário de Maria.

Finalmente, agradeço a Maria (nome de guerra), hoje residindo em Lausanne, casada e com duas belas filhas, em cuja história este livro é baseado.

Paulo Coelho, 2002